UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Departamento de Letras Modernas

Área de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês

CÁSSIO EDUARDO NUNES DOMINGOS AGUIAR

A (auto-)biografia linguageira em questões.

Análise de trajetórias de apropriação do Francês Língua Estrangeira de alunos de Graduação da Universidade de São Paulo.

São Paulo

2017

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Departamento de Letras Modernas

Área de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês

A (auto-)biografia linguageira em questões.

Análise de trajetórias de apropriação do Francês Língua Estrangeira de alunos de Graduação da Universidade de São Paulo.

Cássio Eduardo Nunes Domingos Aguiar

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof[a] Dr[a] Véronique Marie Braun Dahlet

São Paulo

2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

A282(

Aguiar, Cássio Eduardo Nunes Domingos
A (auto-)biografia linguageira em questões. Análise de trajetórias de apropriação do Francês Língua Estrangeira de alunos de Graduação da Universidade de São Paulo. / Cássio Eduardo Nunes Domingos Aguiar ; orientadora Véronique Marie Braun Dahlet. - São Paulo, 2017.
177 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de concentração: Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês.

1. (auto-)biografias linguageiras. 2. identidades. 3. apropriação de línguas estrangeiras. I. Dahlet, Véronique Marie Braun, orient. II. Título.

Nome: AGUIAR, Cássio Eduardo Nunes Domingos

Título: Experiências de línguas: Trajetórias de apropriação de estudantes de Graduação

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof[a]. Dr[a]. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof[a]. Dr[a]. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof[a]. Dr[a]. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Ao Tio João e à Tia Hermínia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os que, pela verdade de suas presenças em minha vida, saberão que minha gratidão pertence a eles.

RESUMO

O objetivo deste trabalho consiste na análise de narrativas das trajetórias e das experiências de línguas (no caso, o francês) de estudantes de Graduação em Letras da Universidade de São Paulo. Parte-se, aqui, da concepção segundo a qual as línguas não se restringem ao *status* de meras ferramentas da comunicação e estabelecem com a identidade dos indivíduos uma relação de sensível reciprocidade e de constante implicação. Como decorrência, ressalta que o processo de apropriação de uma língua estrangeira constitui, necessariamente, um processo de alteração e reconfiguração de identidade. Deste modo, a análise dos relatos das trajetórias e das experiências de línguas da população estudada, ou seja, sua (auto)biografia linguageira (obtida através de um questionário submetido aos informantes em junho de 2015), permitiu o acesso a diversos aspectos deste percurso de apropriação-alteração. Entre tais aspectos, mencionemos sobretudo as representações dos indivíduos quanto a suas competências linguísticas, os componentes subjetivos e sociais implicados na apropriação, as motivações, as circunstâncias e a cronologia do processo.

Palavras-chave: (auto-)biografias linguageiras; identidades; apropriação de línguas estrangeiras

ABSTRACT

The aim of the present work consists in analysing narratives of the trajectories and language experiences (of French, in this case) of graduation students at the University of São Paulo. We assume, here, the conception according to which all languages are not restricted to the mere *status* of communication tools and they stablish, associated to the identity of the individuals, a remarkable relation of reciprocity and a constant implication. As a result, it highlights the fact that the appropriation process of a foreign language is necessarily constituted by an alteration process and an identity reconfiguration. Thus, the report analysis of the trajectories and the languages experiences of the population from the study, in other words, its language (auto)biography (obtained through a questionnaire submitted to the informers in June 2015) has allowed the access to various aspects of this path of appropriation-alteration. Among those aspects, we can mention especially the representations of the individuals in terms of their language competences, the subjective and social components involved in the appropriation, their motivations, their circumstances and the process chronology.

Keywords: language (auto)biography; identities; foreign languages appropriation

RÉSUMÉ

L'objectif de ce travail consiste dans l'analyse de récits des trajetoires et des expériences de langues (en l'occurence, le français) d'étudiants en Lettres de l'Université de São Paulo. On part, ici, de la conception selon laquelle les langues ne se restreignent pas au statut de simples outils de la communication et qu'elles établissent avec l'identité des individus une relation de sensible réciprocité et d'implication constante. Par conséquent, il ressort que le processus d'appropriation d'une langue étrangère constitue, forcément, un processus d'altération et de reconfiguration de l'identité. Ainsi, l'analyse des récits des trajectoires et des expériences de langues de la population étudiée, c'est-à-dire son (auto)biographie langagière (obtenue par moyen d'un questionnaire soumis aux informateurs en juin 2015), a permis d'accéder à divers aspects de ce parcours d'appropriation-altération. Parmi ces aspects, on mentionnera notamment les représentations des individus par rapport à leurs compétences langagières, les composantes subjectives et sociales impliquées dans l'appropriation, les motivations, les circonstances et la chronologie du processus.

Mots-clés : (auto-)biographies langagières ; identités ; appropriation de langues étrangères ;

SUMÁRIO

1. Introdução e Metodologia 11

2. A escrita de si 16

2.1. A pesquisa em autobiografia 16

2.1.1. A ASIHVIF-RBE 18

2.1.2. O GReBL 18

2.1.3. O PEL 19

2.2. Escrever sobre si 20

2.2.1. O espaço biográfico: “obsessão” contemporânea pela expressão da subjetividade 20

2.2.2. A escrita do eu “entre-línguas” 25

3. Língua e identidade: tensões 29

3.1. Identidade: discussão do conceito 31

3.1.2. Identidade moderna 31

3.1.3. Identidade líquido-moderna 33

3.2. Macrovisão da questão língua-identidade 35

3.2.1. A língua somos nós 38

3.3. Identidade e reconhecimento: um percurso em Paul Ricœur 41

3.3.1. A fonte do reconhecimento: a Grécia clássica 43

3.3.2. O itinerário do reconhecimento: de Agostinho a Bergson 44

3.3.3. Reconhecimento, capacidade, identidade 45

3.3.4. Idem, ipse, identidade narrativa 46

3.4. A questão identitária e a aquisição de língua estrangeira 48

3.5. Comunidades de prática e socialização 49

3.6. Identidade e língua estrangeira: outras perspectivas 54

3.7. O papel das (auto-)biografias linguageiras 61

4. (Auto-)biografia linguageira de estudantes de Graduação: análise do corpus 63

4.1. Corpus 63

4.2. População do estudo 65

4.3. Socialização e práticas em língua francesa 68

4.4. Eixos de análises dos dados 72

4.5. Eixo de análise n° 1: As representações dos informantes quanto à língua francesa 73

4.6. Eixo de análise n° 2: As representações dos informantes quanto às línguas em geral 79

4.7. Eixo de análise n° 3: O lugar subjetivo ocupado pela língua francesa 90

4.8. Eixo de análise n° 4: Aprendizagem-apropriação da língua francesa (motivação-investimento, gestão pessoal da aprendizagem, obstáculos e bloqueios na apropriação) 102

5. À guisa de conclusão 110

6. Bibliografia 112

7. Anexos 115

1. Introdução e Metodologia

A presente pesquisa de mestrado adota como tema as (auto-)biografias linguageiras, conceito que representa a expansão que conheceram, no âmbito das línguas, as pesquisas sobre histórias de vida, praticadas no contexto das ciências da educação, na França de fins da década de 1970[1].

Mencionemos, primeiramente, o tipo de influência teórica que se encontra na base dos interesses daquelas pesquisas (que, por sua vez, derivam de reorientações teóricas ocorridas no campo da sociologia, na sequência dos eventos de maio de 1968), para, em seguida, apresentar as relações que estabelecem com as (auto-)biografias linguageiras.

A partir de 1968, crescem, no campo da sociologia, os questionamentos de modelos teóricos já então estabelecidos, tais como o marxismo e o estruturalismo[2], e a pesquisa de abordagem biográfica, visando a "apreender os fatos sociais através dos dizeres de seus autores"[3], é uma das expressões dos esforços de redefinição epistemológica da sociologia francesa.

O interesse revigorado pelo método qualitativo foi impulsionado, igualmente, pelo resgate dos trabalhos sociológicos da Escola de Chicago, em particular pela obra de William Isaac Thomas e Florian Znaniecki *The Polish Peasant in Europe and America*[4], dedicada a imigrantes poloneses que viviam nos Estados Unidos; dos cinco volumes deste estudo, o terceiro é consagrado integralmente à autobiografia de um dos migrantes em questão.

Deste modo, as entrevistas biográficas passam a ser uma fonte de dados frequentemente mobilizada, com vistas a esclarecer questionamentos sociológicos tanto com relação a uma classe social ou a um grupo profissional específico (os trabalhadores, os professores), bem como para a análise de experiências ligadas, por exemplo, às migrações ou às questões de gênero[5].

---

[1] Cf. THAMIN, Nathalie; SIMON, Diana Lee. *Réflexions épistémologiques sur la notion de « biographie langagière »*. In: Carnets d'atelier de sociolinguistique 4. Lausanne: 2009. Disponível em: <http://www.u-picardie.fr/LESCLaP/IMG/pdf/D--L-_Simon_et_N-_Thamin_-_Reflexions_espistemologiques_sur_la_notion_de_biographies_langagieres_cle0126fa.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2013.

[2] Cf. NOSSIK, Sandra. *Les récits de vie comme corpus sociolinguistique: une approche discursive et interactionnelle*. Disponível em: <https://corpus.revues.org/2045?lang=en>. Acesso em: 25 out. 2015.

[3] Op. cit.: 2, tradução nossa.

[4] HEINRITZ , C. & RAMMSTEDT, A. *L'approche biographique en France*. 1991. In: Cahiers internationaux de sociologie 91, p. 330-370, apud op. cit.

[5] Cf. op. cit, apud NOSSIK, Sandra. *Les récits de vie comme corpus sociolinguistique: une approche discursive et interactionnelle*. Disponível em <https://corpus.revues.org/2045?lang=en>. Acesso em: 25 out. 2015.

No que diz respeito às ciências da educação, tal reorientação de perspectiva também se fez notar, por meio, justamente, do surgimento das pesquisas sobre histórias de vida.

Estes trabalhos tiveram por objetivo estabelecer articulações entre histórias de vida e formação de adultos, para o que buscavam integrar os conhecimentos subjetivos e informais utilizados pelos indivíduos em suas experiências de vida e em suas práticas sociais; visando a associá-los estreitamente ao processo formativo, as pesquisas sobre histórias de vida reconheciam, nos indivíduos, autênticos agentes de tal processo.

Em consonância, justamente, com tal perspectiva de valorização de saberes prévios e do protagonismo individual no processo de formação, o conceito de (auto-)biografia linguageira emerge em 1977, em um estudo de R. Richterich e J.-L. Chancerel para o Conselho da Europa[6].

Desde então, o tema tem seu interesse diretamente vinculado a uma política de promoção do multilinguismo no interior da União Européia[7], política a qual encontra, hoje, sua principal expressão institucional no Portfólio Europeu das Línguas (PEL), concebido pelo referido Conselho.

Entre as prescrições deste parâmetro didático, cujo caráter pode ser condensado na preconização de uma visão "não monolíngue" da escola, da sociedade e dos cidadãos, citam-se a intenção de "dar direito de cidade a todas as línguas (oficiais, minoritárias, trazidas pela imigração, estrangeiras)"[8], além do desejo de "valorizar as competências linguísticas de fora das estruturas tradicionais de aprendizagem, bem como as competências parciais e as experiências interculturais"[9].

O Portfólio expressa, ainda, numa menção indireta ao tema das (auto-)biografias linguageiras, a intenção de articular "percursos de vida" e "percursos de aprendizagem, marcadamente no campo da didática das línguas"[10]. A primeira menção explícita ao conceito, entretanto, pode ser encontrada já no capítulo introdutório do documento, dedicado à definição de seus objetivos e das partes de que se compõe.

A implicação do aprendiz tanto no planejamento da aprendizagem quanto na reflexão sobre esta e, igualmente, na avaliação dos progressos obtidos traduz, conforme

---

[6] RICHTERICH/CHANCEREL, 1977, apud THAMIN, Nathalie; SIMON, Diana Lee. *Réflexions épistémologiques sur la notion de « biographie langagière »*. In: Carnets d'atelier de sociolinguistique 4. Lausanne: 2009. Disponível em: <http://www.u-picardie.fr/LESCLaP/IMG/pdf/D--L-_Simon_et_N-_Thamin_-_Reflexions_espistemologiques_sur_la_notion_de_biographies_langagieres_cle0126fa.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2013.

[7] Esta política, diga-se, encontra sua coerência no quadro institucional mais amplo do qual faz parte, ou seja, o do próprio projeto definidor da União Européia, o qual tem por objetivo histórico firmar, em diversos níveis, a integração multilateral entre os Estados europeus. Assim, a aposição deste projeto ao âmbito das línguas, com a promoção oficial do multilinguismo, testemunha o propósito de abranger, igualmente, uma instância particularmente importante para a realização de tal projeto.

[8] THAMIN/SIMON, 2007: 3, tradução nossa.

[9] Op. cit., loc. cit.

[10] Cf. MOLINIÉ, 2006, apud op. cit.: 2.

explicitado pelo PEL[11], o objetivo da seção dedicada por este documento às biografias linguageiras.

Tendo sempre no multilinguismo (ou seja, no desenvolvimento de competências em diversas línguas) o horizonte último do trabalho, o Portfólio sustenta que, por meio das biografias linguageiras, o indivíduo tem ocasião de avaliar suas competências em cada língua, fator o qual, associado à integração à aprendizagem das experiências culturais vividas tanto dentro como fora do contexto educativo oficial, concorre para atingir a meta de expansão do multilinguismo.

Evidencia-se, assim, implicada no trabalho com as experiências de línguas, a proeminência do caráter de autoconsciência e de autoavaliação reservado aos indivíduos em processo de formação linguística, fato que justifica, inclusive, o próprio prefixo *(auto-)* associado ao conceito, já que, sem prejuízo do papel do pesquisador, o protagonismo dos indivíduos é constitutivo do tema, como se verá em seguida.

Mais explicitamente, entretanto, cabe indagar: *o que seria a biografia linguageira?* O teórico Jean-Pierre Cuq destaca da seguinte maneira a definição deste conceito:

> [...] a biografia linguageira de uma pessoa é o conjunto dos caminhos linguísticos mais ou menos longos e mais ou menos numerosos que ela percorreu e que formam, desde então, seu capital linguístico; ela é um ser histórico que atravessou uma ou várias línguas maternas ou estrangeiras, as quais constituem um capital linguístico incessantemente cambiante. *Em suma, são as experiências linguísticas vividas e acumuladas numa ordem aleatória que diferenciam os indivíduos*[12].

Neste ponto, cumpre destacar o fato de que as línguas, longe de esgotar-se no caráter de utilidade e de restringir-se ao nível de simples instrumentos da comunicação, estabelecem com a identidade dos indivíduos uma relação de sensível reciprocidade e de constante implicação[13]. Como decorrência, assim, tem-se que o processo de apropriação de uma língua estrangeira corresponde, necessariamente, a um processo de alteração e reconfiguração da identidade.

---

[11] Cf. *Le portfolio européen des langues: guide à l'attention des enseignants et des formateurs d'enseignants*. Disponível em : <http://www.coe.int/t/dg4/education/elp/elp-reg/Source/Publications/ELPguide_teacherstrainers_FR.pdf>. Acesso em: 02 set., 2015.

[12] CUQ, Jean-Pierre. (org.) *Le dictionnaire de didactique du français langue étrangère et seconde*, 2003, apud THAMIN/SIMON, 2007: 4, tradução nossa, grifo nosso.

[13] Cf. BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1966, p. 259-260.

Neste quadro, o recurso às biografias linguageiras, isto é, às narrativas das trajetórias e das experiências de línguas dos indivíduos, constitui uma ocasião de acesso aos diversos elementos implicados no percurso de apropriação de língua estrangeira, trabalho que, conforme visto, acumula, ainda, a virtude de favorecer, por parte dos envolvidos no processo, uma postura reflexiva contínua que, além de conferir-lhes papel ativo no processo, ou justamente por conta este fato, é passível de ampliar a eficácia do processo de apropriação.

A presente pesquisa, assim, tem por objetivo localizar e interpretar os elementos das experiências de vida envolvidos nesse percurso de apropriação-alteração identitária, os quais, conforme visto, transformam e influenciam tal percurso; dito de outro modo, nosso objetivo é verificar em que medida e como cada indivíduo elabora sua reflexividade no tocante à apropriação.

Com efeito, é possível, a partir das narrativas de suas diversas experiências de línguas, identificar:

(a) *as representações que fazem de suas competências linguísticas* (por exemplo, a possível autodesignação de um lugar dentro de uma escala hierárquica de desempenho em relação ao grupo; ou as necessidades que cada indivíduo acredite ter para alcançar determinado nível de domínio linguístico: permanecer certo tempo num país onde se fale a língua-alvo, ter maior contato com professores que sejam falantes nativos);

(b) *os componentes subjetivos implicados no processo de apropriação* (a identificação estética em relação à língua de aprendizagem, a busca por valorização pessoal e/ou profissional, a procura por alguma habilidade específica, como ter acesso aos originais de determinada área do conhecimento);

(c) *os componentes sociais associados a este processo* (o eventual desejo de prestígio e reconhecimento que possam advir do domínio de uma língua socialmente valorizada).

Tais fatores serão analisados tendo em vista, igualmente, as circunstâncias, as motivações e a cronologia que envolvem a apropriação linguística.

A hipótese que orienta a execução deste trabalho supõe, como fator a impulsionar os referidos indivíduos à aprendizagem, o desejo ou a necessidade de assimilar a suas próprias identidades determinados valores e representações que atribuem à cultura em que se inscreve a língua em questão: em nosso caso, a língua francesa.

O *corpus* de que dispõe a presente pesquisa, obtido por meio de um questionário escrito, compõe-se dos relatos de experiências de línguas feitos por estudantes de

Graduação em Francês da Universidade de São Paulo, do nível Francês V[14], num total de 34 indivíduos.

No que diz respeito à metodologia, a presente pesquisa está dividida em duas etapas: trabalhou-se, primeiramente, com a bibliografia relacionada ao tema da pesquisa[15], de modo a estabelecer o referencial teórico que fundamentou a elaboração das entrevistas aplicadas, em junho de 2015, sob a forma de um questionário individual escrito.

Num segundo momento (e compondo, precisamente, a (auto-)biografia linguageira dos informantes), os dados assim obtidos foram tratados numa perspectiva metodológica predominantemente qualitativa; isto tendo em vista que, conforme se verá, valemo-nos, por vezes, da metodologia quantitativa apenas na medida em que tal procedimento se revelou útil quanto a sinalizar tendências relevantes, quer no que tange à totalidade da população do estudo, quer em relação a segmentos cujas particularidades se impuseram ao interesse investigativo do presente trabalho.

Procurou-se, assim, através das materializações discursivas dos informantes, identificar os elementos associados a suas reconfigurações linguístico-identitárias; para tanto, conforme se verá, utilizamo-nos das diversas marcas discursivas presentes nas diferentes respostas obtidas, agrupando-as sempre que possível, isolando casos particulares, sempre tendo em vista capturar aspectos relevantes para a problemática que orienta a presente pesquisa.

Neste sentido, justamente, cumpre ainda explicitar o fato de que, para a metodologia de análise dos dados, as contribuições dos pesquisadores Raphaël Baroni e Thérèse Jeanneret, do *Groupe de Recherche sur les biographies langagières*, da Universidade de Lausanne, representaram uma referência importante.

Sinteticamente exemplificada no artigo *Différences et pouvoirs du français. Biographie langagière et construction de genre*[16], a metodologia praticada pelos autores atém-se a elementos como as estratégias discursivas dos entrevistados, suas escolhas lexicais, suas eventuais contradições, aspectos potencialmente reveladores de suas representações quanto ao processo de apropriação de língua estrangeira e, portanto, das reconfigurações identitárias associadas.

---

[14] Este nível se situa, guardadas as particularidades pedagógicas próprias ao contexto acadêmico, entre os níveis B1e B2 do Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas. Cf. Conseil de l'Europe. *Cadre Européen Commun de Référence pour les Langues : apprendre, enseigner, évaluer*. Disponível em: < http://www.coe.int/t/dg4/linguistic/Source/Framework_fr.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2016.

[15] Cf. *Bibliografia*.

[16] BARONI, Raphaël ; JEANNERET, Therèse. Lausanne. *Différences et pouvoirs du français. Biographie langagière et construction de genre*. In: Carnets d'atelier de sociolinguistique 4. Lausanne: 2009. Disponível em: < https://www.u-picardie.fr/LESCLaP/spip.php?article69>. Acesso em 7 out. 2016.

2. A escrita de si

2.1 A pesquisa em autobiografia

Os objetivos do presente capítulo podem ser sintetizados através das seguintes perguntas: quais as origens da pesquisa biográfica atual? Quais as reorientações teóricas e epistemológicas das quais é resultado? Quais seriam os seus contornos atuais?

Retomemos, em primeiro lugar, o domínio de investigação ao qual se deve mais diretamente a emergência da pesquisa biográfica contemporânea: as pesquisas sobre histórias de vida, praticadas, a partir de fins dos anos de 1970, no campo da didática[17].

O interesse central dos trabalhos desenvolvidos por esta vertente teórica foi o estudo do "vasto domínio da especificidade dos processos implicados na formação de adultos"[18], ou seja, as histórias de vida configuraram o dispositivo teórico a partir do qual se buscou compreender as particularidades da formação e da aprendizagem naquele segmento de formação.

Os trabalhos vinculados a esta disciplina, os quais tiveram como principal associação congregadora de seus trabalhos a ASIHVIF (*Association internationale des histoires de vie en formation)*, pretenderam descortinar fatores como: as condições pelas as quais os sujeitos se apropriam de seu "poder de formação", o papel desempenhado, neste processo, por suas aprendizagens informais e prévias, bem como os efeitos trazidos, para a formação, pela tomada de consciência, por parte dos aprendizes, de suas "competências ocultas"[19].

A atual pesquisa biográfica se apresenta, precisamente, como desdobramento teórico e epistemológico sofrido, ao longo das últimas décadas, por esta vertente original.

Nesta direção, tematizando justamente a relação originária entre ambas as disciplinas, os pesquisadores Christophe Niewiadomski e Christine Delory-Momberger, em introdução ao estudo *Territoires contemporains de la recherche biographique*[20], dedicado à discussão acerca da situação atual da pesquisa biográfica, evocam a noção de

---

[17] Estas pesquisas, por sua vez, são herdeiras das reformulações teóricas surgidas, a partir de 1968, no campo da sociologia, associadas às contribuições metodológicas da Escola de Chicago. Cf. *Introdução*.

[18] Cf. NIEWIADOMSKI, C.; DELORI-MOMBERGER, C. (org.). *Territoires contemporains de la recherche biographique*. Paris: Téraèdre, p. 16, tradução nossa.

[19] SCHÖN, Donald A. *The reflective practitioner: How professionals think in action*. New York: Basis Books, 1983, apud op. cit, loc. cit, tradução nossa.

[20] NIEWIADOMSKI, C.; DELORI-MOMBERGER, C. (org.). *Territoires contemporains de la recherche biographique*. Paris: Téraèdre.

epistemologia da gratidão[21], para salientar, de um lado, o elo entre ambas as disciplinas, mas também a separação entre elas:

> [...] o reconhecimento da dívida intelectual para com os doadores de idéias permite [...] assumir a articulação e a separação dos sistemas de pensamento para se abrir a [...] possíveis avanços intelectuais. [...] se importa valorizar a herança intelectual das histórias de vida em formação [para o campo da pesquisa biográfica atual], desejamos, contudo, contribuir para sua inscrição mais larga no campo da pesquisa biográfica. (NIEWIADOMSKI, C.; DELORI-MOMBERGER, C. (org.). *Territoires contemporains de la recherche biographique*. Paris: Téraèdre, p. 19, passim, tradução nossa).

De acordo com Christophe Niewiadomski e Christine Delory-Momberger, duas razões explicam este alargamento das perspectivas que desemboca na atual pesquisa biográfica: primeiramente, o relativo esgotamento do campo das pesquisas sobre histórias de vida em formação, após três décadas; em segundo lugar, a impossibilidade em que se encontra esta corrente de estabelecer relações "possíveis e necessárias"[22] com outras vertentes já significativamente desenvolvidas no terreno biográfico[23], impossibilidade esta trazida pela restrição daquela linha de pesquisa unicamente ao campo da formação de adultos.

Assim, feita esta breve incursão em direção às fontes da pesquisa biográfica, apresentemos, a partir deste ponto, a ordem de interesses para os quais aponta, atualmente, a inflexão teórica empreendida por esta temática[24], a qual, ao longo das últimas décadas, conheceu uma forte expansão, com a pluralidade dos quadros teóricos de referência.

Para tanto, mencionaremos as linhas de trabalho de três notáveis empreendimentos de pesquisa vinculados à pesquisa biográfica: a *Association*

---

[21] Este conceito foi proposto pelo psicoterapeuta e pesquisador em ciências humanas Max Pagès a fim de, grosso modo, discutir a dinâmica das relações de filiação, complementaridade e divergência teóricos entre disciplinas. Cf. PAGÈS, Max. *L'implication dans les sciences humaines. Une clinique de la complexité*: L'Harmattan, apud Op. cit..

[22] NIEWIADOMSKI, C.; DELORI-MOMBERGER, C. (org.). *Territoires contemporains de la recherche biographique*. Paris: Téraèdre, p. 17

[23] Os autores mencionam os trabalhos desenvolvidos em países anglo-saxões e germanófonos (*Biography Research, Biographieforschung*) que visam a explorar os "processos de construção do sujeito no seio do espaço social". Cf. op.cit.: 17.

[24] As reorientações metodológicas e epistemológicas que conheceram as pesquisas sobre histórias de vida refletem-se, forçosamente, no seio da ASIHVIF; em 2008, aglutinou-se ao nome daquela associação o termo *RBE*: atualmente, tem-se a Association internationale des histoires de vie et de recherche biographique en éducation (Associação internacional das histórias de vida e de pesquisa biográfica em educação). Cf. NIEWIADOMSKI, C.; DELORI-MOMBERGER, C. (org.). *Territoires contemporains de la recherche biographique*. Paris: Téraèdre, p. 16.

internationale des histoires de vie et de recherche biographique en éducation (ASIHVIF-RBE), o *Groupe de Recherche sur les Biographies Langagières* (GReBL) e o Portfólio Europeu das Línguas (PEL).

2.1.1. A ASIHVIF-RBE

A *Association internationale des histoires de vie en formation et de recherche biographique en éducation* (ASIHVIF-RBE) é criada em 1991; suas origens, entretanto, remontam ao início dos anos de 1980[25]. Esta associação, conforme visto, congrega estudiosos interessados nos fatores implicados na educação de adultos e na relação entre formação e história de vida, desenvolvendo pesquisas que se inscrevem, portanto, no campo da pesquisa biográfica.

Tendo como horizonte a educação permanente e a formação ao longo de toda a vida, o recurso às histórias de vida feito no quadro destas pesquisas se pretende, para além de uma metodologia de pesquisa, uma maneira de reforçar o "poder de ação do sujeito sobre si mesmo e sobre seu entorno"[26], associando-o à construção dos saberes.

A intenção última das pesquisas levadas a efeito sob esta perspectiva, em consonância com estudos que, conforme visto, vêm se consolidando em países anglo-saxões e germanófonos[27], é investigar a maneira como os indivíduos dão forma a suas experiências, como constroem os sentidos das situações e dos acontecimentos de sua vida, como agem e se constroem em seus meios históricos, sociais, culturais, políticos.

2.1.2. O GReBL

O *Groupe de Recherche sur les Biographies Langagières* (GReBL), fundado em 2005 por Raphaël Baroni e Thérèse Jeanneret, está associado à École de Français Langue Étrangère, da Universidade de Lausanne, e se define pelo objetivo de estudar especificamente a (auto-)biografia linguageira, ou seja, "a discursivização das diversas experiências de apropriação de línguas estrangeiras"[28] feita por um indivíduo, conforme expresso no texto oficial de apresentação do grupo.

Desenvolvendo trabalhos comprometidos exatamente com o mesmo tema da presente pesquisa de mestrado, o GReBL se consagra a atividades no campo da

---

[25] Cf. Association internationale des histoires de vie et de recherche biographique en éducation [ASIHVIF-RBE], *Qui sommes nous*. Disponível em: <http://www.asihvif.com>. Acesso em: 25 out. 2015.
[26] Loc. cit., tradução nossa.
[27] Cf. Nota 23.
[28] Université de Lausanne, *Présentation du GReBL*, tradução nossa. Disponível em: <http://www.unil.ch/fle/page81831_fr.html>. Acesso em: 26 mar. 2013.

pesquisa, da formação e do ensino, objetivando compreender, conforme visto, os processos de apropriação de língua estrangeira, bem com as reorganizações identitárias associadas a este processo, buscando, inclusive, estabelecer ferramentas didáticas que explorem o aspecto reflexivo ligado à atividade de discursivização de elementos biográficos.

Os pesquisadores subdividem seus interesses de investigação nos seguintes três eixos, relacionáveis entre si:

(a) *eixo sociológico ou etnográfico*, com ênfase no aspecto referencial do relato biográfico, considerado como dado que possibilita a compreensão da "natureza complexa da apropriação de uma língua e da diversidade de trajetórias de apropriação dos sujeitos e dos contextos sociais com que se defrontam"[29];

(b) *eixo linguístico*, com enfoque privilegiado nas características "formais ou contextuais (língua, interlíngua, relato, interação) da (auto-)biografia linguageira"[30];

(c) *eixo didático*, interessado nos usos didáticos que podem proporcionar as (auto-)biografias linguageiras, ou seja, nos possíveis resultados advindos da conscientização trazida, para a aprendizagem, pela discursivização do processo de apropriação.

A perspectiva presente neste último eixo, inclusive, pode ter desdobramentos institucionais, dos quais o Portfólio Europeu das Línguas (PEL) constitui exemplo importante.

2.1.3 O PEL

O Portfólio Europeu das Línguas, conforme mostrado na *Introdução*, testemunha a preocupação institucional da União Européia de promover o multilinguismo e valorizar as diferentes vivências linguísticas de seus cidadãos.

Este documento, como visto, utiliza-se das (auto-)biografias linguageiras como instrumento para alcançar tal objetivo, pondo em relevo o protagonismo dos indivíduos em situação de apropriação.

Mencionemos, finalmente, o fato de que, subjacente à concepção didática deliberadamente integradora apresentada pelo Portfólio, encontra-se, em última análise,

---

[29] Université de Lausanne, *Présentation du GReBL*, tradução nossa. Disponível em: <http://www.unil.ch/fle/page81831_fr.html>. Acesso em: 26 mar. 2013.

[30] Op. cit., tradução nossa. O presente trabalho, aliás, associa-se principalmente a este terceiro eixo de investigação, conforme se verá.

e em consonância com os desígnios da União Européia[31], o desejo institucional de irradiar tais valores de integração para as demais instâncias da sociedade.

2.2. Escrever sobre si

Esta subparte, contextual como a anterior, tem por objetivo explicitar a consistente presença do gênero biográfico em diversas manifestações contemporâneas. Nosso intuito é mostrar que a mesma ordem básica de questões na qual está articulada, a seu modo, a presente pesquisa (o relato de si e a construção de sentido das experiências particulares aos indivíduos) se encontra, também, no seio das preocupações de outros âmbitos expressivos da contemporaneidade.

Para tanto, recorreremos, em primeiro lugar, a reflexões da pesquisadora Leonor Arfuch[32] no que diz respeito à recorrência, à vitalidade e à diversidade de formas daquilo a que a autora se refere como "espaço biográfico", cujas manifestações é possível reconhecer, por exemplo, nos registros literário, midiático, acadêmico, entre outros.

Em seguida, apresentaremos, no que tange especificamente à presença do biográfico na literatura, a contribuição de escritores "translíngues" (ou seja, aqueles cujo ofício se dá na fronteira entre diferentes idiomas, uma vez que escrevem em línguas outras que suas línguas maternas) que adotam como matéria-prima de suas obras a própria experiência do "entre-línguas".

As reflexões suscitadas por tais autores permitirão, por fim, que reencontremos a problemática que concentra o interesse do presente trabalho, uma vez que, conforme se verá, dão testemunho de alguns dos elementos implicados nas relações entre língua e identidade, elementos manifestos, justamente, por meio das construções narrativas de sentido a que esses autores submetem suas experiências de línguas.

2.2.1. O espaço biográfico: "obsessão" contemporânea pela expressão da subjetividade

> A simples menção do "biográfico" remete, em primeira instância, a um universo de gêneros discursivos consagrados que tentam apreender

[31] Cf. *1. Introdução.*
[32] ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2010.

> a qualidade evanescente da vida opondo, à repetição cansativa dos dias, aos desfalecimentos da memória, o registro minucioso do acontecer, o relato das vicissitudes ou a nota fulgurante da vivência, capaz de iluminar o instante e a totalidade. Biografias, autobiografias, confissões, memórias, diários íntimos, correspondências dão conta, há pouco mais de dois séculos, dessa obsessão por deixar impressões, rastros, inscrições, dessa ênfase na singularidade, que é ao mesmo tempo busca de transcendência. (ARFUCH, 2010: 15).

O desejo de capturar a substância fugidia da experiência humana, contra as sucessivas ameaças de apagamento representadas pelo tempo e pela memória, eis, em grandes linhas, o motor das diversas expressões daquilo que configura o que Leonor Arfuch propõe concebermos como *espaço biográfico*.

A expressão, cunhada pelo teórico Henri Lejeune na obra que dá sequência a seus estudos sobre o gênero autobiográfico[33], testemunhava os esforços do autor no intuito de superar, em relação às autobiografias, a busca que ele mesmo empreendera, até então, a fim de desvendar as singularidades formais do autobiográfico enquanto "centro de um sistema de gêneros literários afins"[34].

Concluindo que um estudo dessa natureza, sobretudo com propósitos classificatórios, estruturais, arriscava-se a não abarcar senão algumas ocorrências célebres ou exemplares de um determinado gênero (ao passo que as produções concretas a ele vinculadas sempre ultrapassam as obras modelares), o autor postula a existência de um "espaço biográfico", para o qual confluiriam as mais diversas formas pelas quais se praticou, ao longo dos séculos, a "narração inveterada das vidas, notáveis ou 'obscuras', dentre as quais a autobiografia moderna é apenas um caso"[35].

Haveria, de fato, nos dias atuais, uma ampla gama de manifestações do registro da própria vida, para além de uma suposta estabilidade genérica à qual um estudo classificatório poderia, a partir de formas ditas canônicas, dar acesso:

> [...] Mas, na trama da cultura contemporânea, outras formas aparecem disputando o mesmo espaço: entrevistas, conversas, perfis, retratos, anedotários, testemunhos, histórias de vida, relatos de autoajuda, variantes do *show* — *talk show*, *reality show*… No horizonte midiático, a lógica informativa do "isso aconteceu", aplicável a todo registro, fez da *vida* — e, consequentemente, da própria experiência

[33] LEJEUNE, Henri. *Je est un autre. L'autobiographie de la littérature aux médias*. Paris: Seuil, 1980, apud ARFUCH, 2010.
[34] ARFUCH, 2010: 22.
[35] Op. cit.. loc. cit..

> — um núcleo essencial de tematização. (ARFUCH, 2010: 15, grifos da autora).

Deste modo, partindo da senda teórica aberta por Lejeune, Leonor Arfuch adota o conceito como um horizonte de análise que lhe permitirá debruçar-se, também ela, sobre a variedade das formas de expressão da subjetividade contemporânea; a autora, por sua vez, o fará com base em dois *corpora* de pesquisa distintos, compostos, respectivamente, por entrevistas midiáticas e por entrevistas com escritores.

A natureza dos *corpora* com que trabalha a autora, aliás, encontra sua coerência justamente na ideia de que, na contemporaneidade, é possível reconhecer um núcleo comum de tematização (qual seja, a expressão de si e da própria experiência) entre várias formas dissimilares, divergentes, por vezes híbridas, como as entrevistas, os testemunhos, as formas midiáticas, entre outras; suas análises progridem, apesar disso, sem prejuízo de considerações relativas também a manifestações mais canônicas.

Segundo Arfuch, essa "afinidade difusa" que tais formas estabelecem entre si seria sintomática da sensibilidade contemporânea. De acordo com a autora:

> [...] Ao me propor, então, esse estudo em seu desdobramento contemporâneo, com atenção na inovação midiática, mas sem renunciar às inscrições clássicas, ao propor uma articulação não determinada por dotes "intrínsecos" nem hierarquias entre narrativas que poderiam por sua vez integrar outros agrupamentos, esse espaço biográfico se transformou para mim num ponto de partida e não de chegada, numa dimensão de leitura de um fenômeno de época. (Op. cit.: 22-23).

Assim, a partir de seus *corpora*, a autora perseguirá o tipo de subjetividade presente em tais "narrativas do eu", escritas ou audiovisuais, subjetividade esta, segundo Arfuch, expressa pela "insistência nas 'vidas reais'", pela "autenticidade das histórias na voz de seus protagonistas, seja na transmissão ao vivo das câmeras ou na inscrição da palavra gráfica"[36].

Contudo, para além dos *corpora* específicos de que dispõe a autora, é a simultaneidade geral de formas e a "versatilidade de seus procedimentos"[37] (quer se trate de manifestações praticadas, por exemplo, sob a forma escrita em primeira pessoa, mais afins da autobiografia canônica, quer dos registros da própria vivência entretecidos com o intermédio de outrem, numa entrevista midiática ou nos atuais suportes

[36] ARFUCH, 2010: 21.
[37] Op. cit., loc. cit..

eletrônicos) o que dá a medida da relevância da experiência contemporânea da expressão de si.

Tendo em vista, justamente, tal pluralidade, é que as reflexões subsequentemente feitas por Leonor Arfuch não se operam num horizonte de delimitações genéricas da expressão de si: não se trabalhará, portanto, com uma "fronteira" entre biografia e autobiografia, por exemplo; antes, é o espaço bigráfico conforme explicitado até o momento o prisma sob o qual se darão, a partir deste ponto, as reflexões quanto à persistência da busca, sempre renovada, de captura das vivências humanas, com ênfase em suas tonalidades contemporâneas[38].

No que concerne à "genealogia" do espaço biográfico, cumpre dizer que, embora herdeira de uma longínqua tradição (reconhecível, por exemplo, em escritos do imperador romano Marco Aurélio ou nas cartas de Sêneca[39]), a narrativa de cunho biográfico, com seus contornos mais próximos daquilo que atualmente se concebe como tal, tem dois modelos fundadores: as *Confissões* de Santo Agostinho (354-430) e as *Confissões* de Rousseau (1712-1778).

A obra do bispo de Hipona, relato de seu percurso desde os excessos da juventude até a conversão à fé católica, lançando luz sobre o conhecimento de si, é considerada o grande modelo inaugural da história autobiográfica; é, entretanto, com as *Confissões* de Rousseau, no século XVIII, que a narrativa de cunho biográfico adquire uma tonalidade mais próxima da contemporânea.

Isto pelo fato de que, embora o texto de Agostinho represente, inclusive para Rousseau, um antecedente incontestável, é com a obra deste filósofo suíço, ainda de acordo com Arfuch, que tal gênero estará vinculado, a partir de então, à expressão de um tipo de individualidade historicamente decisivo para os dias atuais, qual seja, a individualidade própria da modernidade[40].

Se, por um lado, a busca pela apreensão da "qualidade evanescente da vida", por meio da produção de narrativas de cunho biográfico e autobiográfico, não constitui uma peculiaridade nem dos dias atuais nem da época moderna, por outro:

> Efetivamente, é no século XVIII — e, segundo certo consenso, a partir das *Confissões* de Rousseau — que começa a se delinear nitidamente a especificidade dos gêneros literários autobiográficos [...] e sua

[38] Tendo em vista os limites e o espectro de interesse do presente trabalho, não nos debruçaremos mais detidamente sobre os desenvolvimentos subsequentes da reflexão da autora.
[39] Cf. ARFUCH, 2010: 40, nota de número 4.
[40] Para uma breve discussão a respeito do período entendido como *modernidade*, levada a efeito em relação com a noção de *identidade*, ver *3.1.2. Identidade moderna*.

> relação com o novo espaço social. Assim, confissões, autobiografias, memórias, diários íntimos, correspondências traçariam, para além de seu valor literário intrínseco, um espaço de autorreflexão decisivo para a consolidação do individualismo como um dos traços típicos do Ocidente. (ARFUCH, 2010: 35-36).

Segundo a autora, a particularidade do tipo de sensibilidade do nascente mundo burguês, em relação ao qual as produções de cunho biográfico representaram, por sua vez, a partir de Rousseau, um dos veículos de expressão, reside na construção narrativa do espaço privado enquanto instância da intimidade, ao mesmo tempo em que se dá a afirmação do espaço público como esfera das vivências políticas e sociais[41].

Assim sendo, o alargamento de tal "primeira pessoa autobiográfica"[42], consolidada a partir do século XVIII, na direção, conforme visto, de novas e variadas modalidades, próprio da cena contemporânea, estaria caracterizado, de acordo com Arfuch, pela imbricação das esferas pública e privada.

De acordo com a autora:

> [...] aqueles gêneros literários, instituídos já como práticas obrigatórias de distinção e autocriação (vidas filosóficas, literárias, políticas, intelectuais, científicas, artísticas…) [...] desdobram-se hoje numa quantidade de variantes literárias e midiáticas; [...] O avanço irrefreável da midiatização ofereceu um cenário privilegiado para a afirmação dessa tendência, contribuindo para uma complexa trama de intersubjetividades, em que a superposição do privado sobre o público, do *gossip* — e mais recentemente do *reality show* — à política, excede todo limite de visibilidade. (Op. cit.: 36-37)

Tal permeabilidade entre as esferas do público e do privado, aliás, estaria caracterizada, de acordo com a autora, pelas novas configurações do "espaço social" contemporâneo, sendo as recentes e fecundas manifestações atuais do biográfico um sintoma do surgimento de uma nova tonalidade da subjetividade contemporânea:

> Trata-se, fundamentalmente, de uma reconfiguração da subjetividade contemporânea, indissociável da transformação dos espaços público e privado a nível mundial, nos quais não são mais reconhecíveis os umbrais "canônicos", que aparecem em constante flutuação,

[41] Cf. ARFUCH, 2010: 36.
[42] Op. cit., loc. cit..

> submetidos a uma alta interatividade midiática e política, em que parece se desenhar um rumo comum, para além de diferenças e particularismos[43]. (ARFUCH, 2010: 339).

Assim, se o biográfico, como o concebemos atualmente, teve suas origens na obra fundadora de Rousseau, em associação às mudanças de paradigma vinculadas ao espaço social da modernidade nascente, Leonor Arfuch interpreta, do mesmo modo, as reconfigurações próprias ao espaço social contemporâneo (entre cujas características se encontra, justamente, de acordo com a autora, a referida permeabilidade entre as esferas do público e do privado) e, ao mesmo tempo, a proliferação e a multiplicidade das novas formas do biográfico como testemunhos da emergência de um novo tipo de subjetividade.

Deste modo, ainda que, tendo em vista os limites e os centros de interesse específicos do presente trabalho, não acompanhemos os desdobramentos e as problematizações da autora a respeito dessa nova tonalidade da subjetividade contemporânea, consideramos suficiente ter em conta, conforme procuramos mostrar, a quase onipresença, a diversidade e a vitalidade das formas associadas ao espaço biográfico.

2.2.2. A escrita do eu "entre-línguas"

Corroborando, justamente, o que se apresentou até o momento em relação à atual força das produções que orbitam o "espaço biográfico", é possível afirmar, especificamente em relação à literatura em língua francesa, que a autobiografia erigiu-se, durante a segunda metade do século XX, como o quarto gênero literário em termos de produtividade, ao lado do romance, da poesia e do teatro[44].

De acordo com o teórico Alain Ausoni, a simples menção a algumas obras publicadas no ano de 1975 (tais como o *Pacto biográfico*, do já mencionado Philippe Lejeune, *Roland Barthes por Roland Barthes*, do célebre crítico francês ou, ainda, *W ou a lembrança de infância*, de Georges Perec), com suas semelhanças e diferenças, por exemplo, já testemunha, por um lado, o adensamento da presença da temática, mas

---

[43] Para uma breve discussão quanto às "reconfigurações" próprias à contemporaneidade, também praticada em associação à noção de identidade, ver *3.1.3. Identidade líquido-moderna*.

[44] Cf. AUSONI, A. (2012). *Ce second cœur dans ma poitrine : le rapport à la langue dans les textes autobiographiques d'Andreï Makine et de Nancy Huston*. Disponível em: <http://www.academia.edu/3772889/_2012_Ce_second_c%C5%93ur_dans_ma_poitrine_le_rapport_%C3%A0_la_langue_fran%C3%A7aise_dans_les_textes_autobiographiques_d_Andre%C3%AF_Makine_et_de_Nancy_Huston>. Acesso em: 7 out. 2016.

igualmente a variedade e a experimentação formais desenvolvidas, ao menos a partir dali, no interior do gênero autobiográfico.

Além disso, os trabalhos autobiográficos do período passaram a trazer, com cada vez mais frequência, a preocupação de tematizar a experiência de língua, fato que ajuda a elucidar, segundo Ausoni, o grande êxito obtido por tais produções, justamente por irem ao encontro do crescente interesse que diversas disciplinas das ciências humanas (como a filosofia, a psicologia, a psicanálise e a linguística) dedicaram, ao longo do século, à língua e ao relato[45].

Deste modo, vários dentre os autores que praticam a escrita biográfica o fazem atribuindo papel central, em suas narrativas vivenciais, à mudança de língua e à prática literária levada a efeito num idioma diferente de sua língua de infância. Autores tais como Hector Bianciotti (1930-2012), Vassilis Alexakis (1943-), Agota Kristof (1935-2011), Andreï Makine (1957-) e Nancy Huston (1953-) exploram, cada qual a seu modo, suas experiências enquanto sujeitos plurilíngues.

De acordo com Alain Ausoni, mais do que analisar os elementos sociológicos implicados no translinguismo literário ou, ainda, as possíveis particularidades intrínsecas ao ato de narrar a própria experiência de vida numa língua "estrangeira", tendeu-se a interpretar essas produções literárias sobretudo como manifestações da durabilidade da influência mundial da língua e da cultura francesas[46]. A fim de ultrapassar tal concepção, o autor se dedica, no curso do artigo em que nos baseamos para a presente reflexão, ao exame das contribuições de dois escritores translíngues de trajetórias distintas: Andreï Makine e Nancy Huston.

No caso do primeiro, nascido em 1957 na antiga União Soviética, é possível observar, por parte do narrador do romance de cunho autobiográfico, a ligação ao francês e à literatura em língua francesa como verdadeiros espaços da "plena realização de si". Nancy Huston, por outro lado, investiga a influência exercida pela mudança de língua e pela vivência do bilinguismo sobre seu ingresso na literatura; no caso da autora, é justamente o fato de a língua francesa não estar vinculada aos traumas de suas experiências infantis o que possibilitou o exercício da literatura e, sobretudo, a exploração de sua própria intimidade por meio da escrita.

Dada a especial representatividade das contribuições de Nancy Huston no que diz respeito aos meandros da experiência de línguas em relação com a identidade, optamos por nos concentrar, a partir deste ponto, nas reflexões suscitadas sobretudo por seu principal trabalho de cunho autobiográfico, a obra *Nord Perdu*[47], conforme analisada por Alain Ausoni.

---

[45] Cf. AUSONI, 2012: 141.
[46] Cf. Op. cit.: 142.
[47] HUSTON, Nancy. *Nord Perdu*, suivi de *Douze France*. Arles: Actes Sud, 1999, apud AUSONI, 2012.

A relação com a língua francesa ocupa espaço central nos trabalhos autobiográficos da escritora, nascida no Canadá anglófono e cujos primeiros romances foram escritos em francês. A partir do trabalho seguinte, redigido primeiramente em inglês, Huston adotou sistematicamente a alternância entre ambas as línguas e, igualmente, a prática da autotradução, nos dois sentidos. Para a obra *Nord Perdu*, seu principal texto autobiográfico (cujas contribuições, conforme dito, dão testemunho da ordem de questões com que se defronta o sujeito "entre-línguas"), Huston optou pelo francês.

Embora as motivações do exílio voluntário da autora rumo à França não sejam pormenorizadas no livro, esse exílio é desde o início apresentado, nas palavras de Alain Ausoni, "sob o signo das emoções", conforme já se observa pelo seguinte trecho: "Muitos comportamentos podem ser inspirados pelo ódio de si. Pode-se virar artista. Suicidar-se. Mudar de nome, de país, de língua"[48].

Mesmo tendo competências suficientemente satisfatórias em língua francesa, a autora se autodenomina uma "falsa bilíngue", destacando o fato de não ter se apropriado do francês durante a infância, como os sujeitos monolíngues, mas também por não ter incorporado em sua "carne", como aqueles que denomina "verdadeiros bilíngues", canções de ninar, piadas, cantigas de roda, tabelas de multiplicação, os nomes dos departamentos franceses e, além disso, por não ter construído um repertório contínuo de leituras, desde, por exemplo, as fábulas de Jean de la Fontaine até as *Confissões* de Rousseau.

Justamente ao fato de sua incorporação da língua francesa não ter sido precoce é que a autora atribui o sentimento de que suas duas línguas "dormem em quartos separados em seu cérebro"[49] e que não possuem o mesmo impacto emocional: o francês ocuparia situações em que predomina o intelecto, ao passo que o inglês se impõe quando se trata do espaço afetivo.

Na mesma direção, e enfatizando a força das emoções em suas escolhas pessoais, Nancy Huston estabelece um paralelo entre sua mudança de língua e sua prática musical, com a passagem do piano para o cravo:

> O inglês e o piano: instrumentos maternais, emotivos, românticos, manipulativos, sentimentais, grosseiros, nos quais as nuances são sublinhadas, exageradas, impostas, expressas de maneira flagrante e incontornável. O francês e o cravo: instrumentos neutros, intelectuais, ligados ao controle, à contenção, ao domínio delicado, uma forma de expressão mais sutil, mais monocórdia e mais refinada. Nunca explosão, nunca surpresa violenta em francês nem no cravo. Aquilo de

[48] AUSONI, 2012: 147, tradução nossa.
[49] Op. cit., loc. cit., tradução nossa.

> que eu fugia fugindo do inglês e do piano me parece claro." (HUSTON, 1999, apud AUSONI, 2012:148, tradução nossa).

Do mesmo modo, diversas outras obras translíngues, quaisquer que sejam suas línguas de escrita, fazem alusões semelhantes no que diz respeito ao impacto emocional das línguas e despertam, de acordo com Alain Ausoni, o interesse de estudos sociolinguísticos os quais passam a reconhecer, nos textos literários, fontes de informações válidas para o estudo do plurilinguismo e da aprendizagem de línguas estrangeiras.

O autor menciona o exemplo do escritor Luc Sante (1954-), escritor belga radicado nos Estados Unidos, que expressou da seguinte maneira, em inglês, a assimetria que experimentara, na adolescência, em relação às palavras "cœur" e "heart": "Seu coeur é onde residem seus sentimentos e seu heart é um músculo que bombeia sangue"[50].

Semelhantes testemunhos são corroborados, segundo Ausoni, por estudos de psicolinguística dedicados ao exame dos diversos pontos de contato entre o plurilinguismo e as emoções.

Ainda de acordo com o autor, a linguista Aneta Pavlenko, por exemplo, em sua obra *Emotions and Multilingualism*[51], propõe o conceito de *language embodiment*[52] para explicar as diferenças de percepção vinculadas à utilização de línguas aprendidas em diferentes contextos e em diferentes momentos da vida por parte de um sujeito plurilíngue.

A autora conclui que, de fato, pode haver oscilações no impacto emocional de acordo com a língua de que se utilize o sujeito, a primeira língua geralmente concentrando o "investimento pessoal", ao passo que a segunda permitiria uma tomada de distância, de desligamento.

No que diz respeito a Nancy Huston, justamente, tais aspectos vão ao encontro do fato de a mudança de língua, experimentada por outros escritores primeiramente como um dilaceramento ou uma traição, ter se apresentado como salvadora, na medida em que permitiu à escritora liberar-se de um passado emocional traumático, qualquer que tenha sido[53].

De toda maneira, o distanciamento salutar vivenciado pela autora na língua francesa não deixa, ele mesmo, de suscitar seus próprios "desconfortos". A "assimetria emocional" vinculada à experiência do "entre-línguas" pode provocar, igualmente, o

---

[50] SAINTE, Luc. *The factory of things*. Londres: Granta, 1998, apud AUSONI, 2012:149, tradução nossa.
[51] PAVLENKO, Aneta. *Emotions and Multlingualism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
[52] "Incorporação das línguas", em tradução livre.
[53] Cf. AUSONI, 2012: 49.

sentimento de ser um outro alguém quando da expressão em outra língua, frequentemente relatado por diversos escritores translíngues e o qual Huston também traz à tona.

A prática de autotradução à qual a escritora cada vez mais se dedica parece, aliás, tornar ainda mais aguda essa impressão, a ponto de a autora revelar o assombro sentido quando, ao autotraduzir-se em um ou em outro sentido, constata que "jamais teria escrito isso na outra língua"[54]; ou, ainda, quando exprime sugestivamente a problemática da identidade do sujeito plurilíngue através da seguinte pergunta: "Quem sou eu em francês"[55]?

Na obra de Huston (mas também nos trabalhos de outros escritores do "entre-línguas"[56]), o papel da língua como força centrífuga, por assim dizer, em relação aos arranjos identitários dos sujeitos atinge o ápice na produção da biografia imaginada de um duplo da autora, que seguiria vivendo na América do Norte. Tal procedimento, batizado pela também escritora translíngue anglófona Eva Hoffman de "autobiografia espectral" seria, de acordo com essa autora, uma "característica particular da elaboração da própria identidade narrativa por parte dos imigrantes e dos exilados"[57].

À guisa de conclusão, a partir das análises suscitadas sobretudo pela obra da escritora Nancy Huston, e reencontrando a problemática a que se dedica o presente trabalho, deve-se ter em vista, finalmente, o impacto e a natureza das possíveis implicações da mudança de língua para a constituição identitária dos indivíduos, incidindo, por vezes de maneira crucial, como no exemplo da autora em questão, no espaço da afetividade e da imagem de si.

3. Língua e identidade: tensões

Noção estreitamente associada, conforme apresentado até o momento, à temática sobre a qual se debruça o presente trabalho, o conceito de identidade, não obstante as diversas abordagens e controvérsias que suscita — ou, pelo contrário, justamente como parecem atestar estas diferentes concepções e controvérsias — é provavelmente um dos temas mais pulsantes dos dias atuais.

Presente nos discursos por reivindicações de direitos, implicada nos debates acerca dos rumos do mundo global e em inúmeras instâncias do cotidiano (das relações de trabalho às vivências afetivas, das trocas econômicas às práticas religiosas), a

[54] HUSTON, 1999, apud AUSONI, 2012: 149, tradução nossa.
[55] Loc. cit., tradução nossa.
[56] Cf. AUSONI, 2012: 150.
[57] HOFFAMAN, Eva. *Exit into History: A Journey Through the New Eastern Europe*. New York: Viking, 1993, apud op. cit.

questão da identidade tem convocado os esforços reflexivos de autores de diversas áreas, como a Sociologia, a Psicanálise, a Didática e as Ciências da Linguagem.

Para Zygmunt Bauman, sociólogo em cujas propostas este trabalho preferencialmente se concentra, a feição atual do tema é inseparável de outro campo teórico igualmente candente, que dá conta do cenário de profundas transformações próprio do tempo atual: a globalização.

Conforme sintetiza Benedetto Vecchi, editor das entrevistas que deram origem ao livro *Identidade* (BAUMAN, 2005):

> Falamos da identidade em razão do colapso daquelas instituições que, usando uma das famosas expressões de Georg Simmel[58], por muitos anos constituíram as premissas sobre as quais se construiu a sociedade moderna. (VECCHI, Benedetto. *Introdução*. In: BAUMAN, 2005: 12).

Este colapso, afinal, não seria mais que o próprio processo definido pelo termo *globalização*, tendo em vista que este fenômeno, ainda segundo o próprio Vecchi, em sua leitura das reflexões de Bauman, deve ser compreendido como:

> [...] uma forma de mudança radical e irreversível. [...] uma grande transformação que afetou as estruturas estatais, as condições de trabalho, as relações entre os Estados, a subjetividade coletiva, a produção cultural, a vida quotidiana e as relações entre o eu e o outro. (BAUMAN, 2005: 11).

Assim, à luz das reflexões propostas por Bauman, exporemos, num primeiro momento, algumas das noções que envolvem o tema da identidade, procurando abordá-lo, conforme se verá, desde as circunstâncias de seu "surgimento" até os seus inquietantes contornos atuais. Em seguida, procuraremos associar tais reflexões a seus desdobramentos para o âmbito das línguas.

---

[58] George Simmel (1858-1918), autor alemão cuja influência sobre o pensamento de Bauman é notável, contribuiu para a consolidação da disciplina sociológica na Alemanha de inícios do século XX. (Cf. JAVEAU, Claude. *Georg Simmel: un aperçu*. *Les Cahiers du GRIF*, 1989, vol 40, n° 1, 41-47. Disponível em: < http://www.persee.fr/doc/grif_0770-6081_1989_num_40_1_1784>. Acesso em: 21 dez. 2015.)

3.1. Identidade: discussão do conceito

Bauman inicia suas análises focalizando o momento que vai da emergência do conceito de identidade até seus contornos presentes e enfatiza, sobretudo, seu caráter de construção histórica.

É bastante sugestivo, aliás, associar à própria tarefa intelectual levada a efeito nesta obra as seguintes considerações, feitas pelo próprio sociólogo, a respeito de Georg Simmel:

> Sobre Georg Simmel [...], Kracauer comentou corretamente que um dos objetivos fundamentais que orientaram o trabalho de sua vida foi "livrar todo o fenômeno *gesitig* [espiritual, intelectual] do seu falso ser-em-si e mostrar como ele está embutido no contexto mais amplo da vida". (Op. cit.: 21).

Assim, na sequência de um processo inicial de questionamento da identidade inclusive enquanto categoria passível de ser concebida, Bauman distinguirá ao menos duas etapas na constituição daquele conceito, cada uma das quais atrelada às forças e às exigências de diferentes componentes políticos, econômicos e sociais.

Inspirados na terminologia adotada pelo autor já a partir de trabalhos anteriores como *Postmodern Ethics* (1993), *Globalização: as consequências humanas* (1998) e *Modernidade líquida* (2000), chamaremos as duas etapas, respectivamente, de *identidade moderna* e *identidade líquido-moderna*.

3.1.2. Identidade moderna

Tomando por referência a Polônia dos anos imediatamente anteriores à Primeira Guerra Mundial e a França do mesmo período aproximado, o autor corrobora a afirmação do sociólogo francês Philippe Robert segundo a qual as relações sociais, ao longo da maior parte da história das sociedades humanas, teriam estado "firmemente concentradas nos domínios da proximidade"[59], estado de coisas no qual, entretanto, Bauman identifica um ponto de transição:

---

[59] ROBERT, Philippe. *Une généalogie de l'insécurité contemporaine*. Esprit, 2002, p. 35-58, apud BAUMAN, 2005: 24.

> [...] Lembre-se de que, no século XVIII, a viagem de, digamos, Paris a Marselha durava tanto tempo quanto na época do Império Romano. Para a maioria das pessoas, a "sociedade", entendida como a maior totalidade de coabitação humana (se é que pensavam nesses termos) era igual à vizinhança adjacente. [...] No interior dessa rede de familiaridade do berço ao túmulo, o lugar de cada pessoa era evidente demais para ser avaliado, que dirá negociado. [...] Foram necessárias a lenta desintegração e a redução do poder aglutinador das vizinhanças, complementadas pela revolução dos transportes, para limpar a área, possibilitando o nascimento da identidade — como *problema* e, acima de tudo, como *tarefa*. As margens incharam rapidamente, invadindo as áreas centrais de coabitação humana. De súbito, era preciso colocar a questão da identidade, já que nenhuma resposta óbvia se oferecia. (BAUMAN, 2005: 24-25, grifos do autor).

Neste ponto, ainda que não empregue estes termos, Bauman faz referência, em primeiro lugar, a uma espécie de organização da identidade que se poderia chamar de *identidade pré-moderna* ou *pré-identidade*, ou seja, peculiar a um período em que, segundo ele, as relações sociais atreladas à contiguidade encontravam nas restritas condições de transporte um fator coadjuvante no que diz respeito a instaurar um senso de "pertencimento"[60].

Em segundo lugar, o sociólogo polonês localiza a emergência da identidade moderna justamente no colapso daquele estado de coisas, para, em seguida, apresentar o surgimento do Estado moderno como fator decisivo a alçar a identidade à categoria de *problema* e de *tarefa*, os quais esta nova instituição política reclamará para si.

A este novo contexto, portanto, de enfraquecimento do caráter coesivo das vivências comunitárias e das mudanças trazidas por novas possibilidades de fluxo, na era moderna, emergirá o problema da *identidade nacional* — manifestação do conceito de identidade à qual, ainda que não repute exatamente a gênese do conceito de identidade, Bauman claramente atribui, no entanto, o surgimento da crucialidade deste conceito.

---

[60] O autor afirmará, aliás, na sequência da reflexão, que "a idéia de 'identidade' nasceu da *crise do pertencimento*" (BAUMAN, 2005: 26, grifos do autor.). Tal declaração evidencia, implícita em suas reflexões, a íntima correlação entre *identida*de e *pertencimento*: enquanto teriam prevalecido as vivências geradoras de senso de pertencimento, a identidade sequer se poderia enunciar enquanto questão; a partir do instante em que tais vivências se desintegram e o pertencimento se abala, pelas razões apresentadas, a identidade ganhará espaço como *problema*, conforme se verá adiante.

De acordo com o autor, será decisivo, então, para o destino do conceito de identidade, o processo de surgimento e de maturação do Estado moderno, notavelmente por conta de seu alastramento para o cerne das instâncias do território e da nação. De acordo com o sociólogo:

> O nascente Estado moderno [...] enfrentou a necessidade de criar uma ordem não mais reproduzida automaticamente pelas "sociedades de familiaridade mútua", bem estabelecidas e firmemente consolidadas, incorporou essa questão [da identidade] e a apresentou em seu trabalho de estabelecer os alicerces de suas novas e desconhecidas pretensões à legitimidade. [...] A ficção da "natividade do nascimento" desempenhou o papel principal entre as fórmulas empregadas pelo Estado moderno para legitimar a exigência de subordinação incondicional de seus indivíduos. [...] Estado e nação precisavam um do outro. (BAUMAN, 2005: 25 et seq.).

O Estado moderno, identificado à nação, passa a envidar esforços constantes de convencimento e de coerção, obtendo, por fim, o efeito de representar a instância legitimadora máxima do conceito de identidade:

> [...] O Estado buscava a obediência de seus indivíduos representando-se como a concretização do futuro da nação e a garantia de sua continuidade. [...] Não fosse o poder do Estado de definir, classificar, segregar, separar e selecionar o agregado de tradições, dialetos, leis consuetudinárias e modos de vida locais, dificilmente seria remodelado em algo como os requisitos de unidade e coesão da comunidade nacional. (Ibidem.: 27).

Importa, finalmente, mais do que reafirmar o caráter de construção histórica da identidade, notar, entretanto, que esta construção logrou se instalar como uma categoria poderosa e operante, e que tal fato se deu durante a modernidade[61].

3.1.3. Identidade líquido-moderna

[61] Entenda-se *modernidade* ou *era moderna* no sentido sociológico, ou seja, principalmente como o período a partir da Revolução Industrial, do século XVIII, com as transformações que provocou nas estruturas sociais, políticas e econômicas ocidentais. (Cf. BAUMAN, 1999: 299-300).

Se, conforme mostrado até este ponto, a questão da identidade se articula às premências históricas modernas do problema da identidade nacional, na atual era "líquido-moderna" assistiríamos, segundo Zygmunt Bauman, à erosão daquelas instituições que, conforme já se disse, constituíram as premissas da sociedade anterior.

Dito de outro modo: se o Estado-nação moderno logrou se erigir como a instância máxima a condensar a noção de identidade, o cenário é expressivamente outro no contexto da globalização.

Como decorrência, logo, do colapso das forças vigentes até ali, um inevitável remodelamento do conceito de identidade estaria em marcha, o que explicaria não apenas sua atual instabilidade, mas, do mesmo modo, o interesse e a perplexidade que o tema desperta nos dias atuais.

Este fato é flagrante, sobretudo, se se tem em conta que:

> Globalização significa que o Estado não tem mais o poder ou o desejo de manter uma união sólida e inabalável com a nação [...], [ou significa, ainda, que] [...] tendo transferido a maior parte de suas tarefas intensivas em mão-de-obra e capital aos mercados globais, os Estados têm muito menos necessidade de suprimentos de fervor patriótico. Até mesmo o patriotismo, o ativo mais zelosamente preservado pelos Estados-nações modernos, foi transferido às forças do mercado e por elas remodelados para aumentar os lucros dos promotores do esporte, do *showbusiness*, de festividades comemorativas e da indústria da *memorabilia*. (BAUMAN, 2005: 34, grifos do autor).

Assim, de acordo com a visão de Zygmunt Bauman, as discussões atuais acerca do tema da identidade são intrínsecas ao tema da globalização e às exigências e inquietações que provoca, sinteticamente apresentadas pelo autor neste trecho:

> A identidade — sejamos claros sobre isso — é um "conceito altamente contestado". Sempre que se ouvir essa palavra, pode-se estar certo de que está havendo uma batalha. O campo de batalha é o lar natural da identidade. (Op. cit.: 83-84).

A exemplo do que se observou até este ponto, com Bauman, a respeito do contexto de emergência da identidade moderna, contexto de rupturas, tensões e reformulações estruturais no seio da sociedade ocidental, do mesmo modo, atualmente,

a identidade “líquido-moderna” estaria inscrita no quadro das inquietações que configura a globalização.

Assim, a problemática desta nova situação da identidade perpassará, a partir deste ponto, todas as reflexões da obra de Zygmunt Bauman e teremos, na sequência, a oportunidade de retomá-la, atrelada de agora em diante, no presente trabalho, à questão da situação das línguas no mundo.

3.2. Macrovisão da questão língua-identidade

Todo o estado de coisas que, com Bauman, procuramos traçar até este ponto possui, igualmente, suas manifestações para o âmbito das línguas, tendo possivelmente como o indício mais imediatamente notável a hegemonia internacional da língua inglesa (ou o anglo-americano)[62], a qual já aponta para as forças em jogo no mundo atual.

A obra *Les confettis de Babel*, de Louis-Jean Calvet e Alain Calvet[63], analisa detidamente os diversos componentes que envolvem a situação das línguas, esboçando, inicialmente, uma espécie de “cartografia das línguas”.

Os autores enfatizam as complexidades que perpassam o tema, a começar pelas divergências existentes entre os critérios para que se possa aferir, inclusive, o próprio número das línguas existentes.

Mencionando o exemplo da França, onde tradicionalmente se opuseram *langue d’oc* e *langue d’oïl* (as quais também estariam sujeitas a outras clivagens regionais), mas sobretudo através do caso da ex-Iugoslávia, com as reordenações políticas que sofreu ao longo de todo o século XX, Calvet & Calvet constatam as influências conflitantes entre, de um lado, critérios mais estritamente científicos e, de outro, parâmetros culturais, políticos e identitários implicados nas discussões a respeito das línguas.

Deste modo, se, do ponto de vista científico, fatores como as estruturas línguísticas ou o grau de intercompreensão entre os falantes autorizariam a interpretação segundo a qual, no exemplo da Índia e do Paquistão, trata-se de uma única língua (conforme, aliás, fora a concepção vigente no início do século XX, antes da independência e da divisão da antiga Índia), os autores expõem a presença de fatores de outra ordem:

---

[62] Cf. CALVET, Louis-Jean. *Mondialisation, langues et politiques linguistiques*. Disponível em: <http://gerflint.fr/Base/Chili1/Calvet.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2014.

[63] CALVET, Louis-Jean; CALVET, Alain. *Les confettis de Babel:* diversité linguistique et politique des langues. Paris: Éditions Écriture/OIF, 2013.

> Por conta da História, das oposições religiosas, dos ódios e dos sentimentos identitários, aquilo que era considerado, a certa época, como uma língua, o hindustâni, foi considerado posteriormente como duas línguas: hindi e urdu. (CALVET/CALVET, 2013: 20, tradução nossa).

Explicita-se, assim, através desta mudança de postura (histórica, religiosa e culturalmente motivada) em relação ao que se concebera, até então, como uma língua única, a considerável influência exercida por elementos outros que os mais estritamente linguísticos.[64]

Em seguida, para além da questão do recenseamento das línguas do mundo ou, ainda, no mesmo movimento de análise iniciado a partir dos problemas que esta tentativa de cartografia revela, Calvet & Calvet abordam os diversos aspectos a partir dos quais se apresenta a situação das línguas, tais como o número de falantes de cada uma, as diferentes funções exercidas pelas várias línguas, os sistemas de escrita.

Sublinhando o extenso multilinguismo que caracteriza o planeta (o qual, ainda que nos atenhamos a um único exemplo, ilustra-se suficientemente no caso do Brasil, onde há entre 150 e 200 línguas descritas), os autores mostram, entretanto, as nítidas desigualdades e hierarquizações sob as quais estão distribuídas as línguas.

Neste quesito, é especialmente relevante mencionar o dispositivo de análise desenvolvido por Louis-Jean Calvet, batizado por este sociolinguista como "modelo gravitacional" e sinteticamente apresentado no artigo *Mondialisation, langues et politiques linguistiques*[65].

Buscando interpretar a maneira como se organizam mundialmente as relações entre as línguas e partindo do fato de que elas "estão ligadas entre si por bilíngues e que o sistema dos bilinguismos [e] sua categorização nos permitem apresentar suas relações em termos gravitacionais"[66], este modelo, grosso modo, propõe que:

> Em torno de uma língua hipercentral (o inglês) gravita, assim, uma dezena de línguas supercentrais (o francês, o espanhol, o árabe, o chinês, o hindi, o malaio, etc.) em torno das quais gravitam entre cem e duzentas línguas centrais que são, por sua vez, o pivô da gravitação

[64] Encontramos, assim, desde já, a questão da identidade na confluência de língua e contexto político sócio-cultural.
[65] Cf. CALVET, Louis-Jean. *Mondialisation, langues et politiques linguistiques*. Disponível em: <http://gerflint.fr/Base/Chili1/Calvet.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2014.
[66] Op.cit.: 1-2, tradução nossa.

> de entre quatro e cinco mil línguas periféricas. A cada um dos níveis de tal sistema podem se manifestar duas tendências: uma na direção de um bilinguismo "horizontal" (aquisição de uma língua de mesmo nível [...]) e outra na direção de um bilinguismo "vertical" (aquisição de uma língua de nível superior), sendo as duas tendências [...] o cimento do modelo. (CALVET, Louis-Jean. *Mondialisation, langues et politiques linguistiques*, tradução nossa. Disponível em: <http://gerflint.fr/Base/Chili1/Calvet.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2014.)

Assim, apontando situações como, por exemplo, o caso de um bilíngue árabe/kabyle da Argélia que, segundo o autor, tem 99% de probabilidade de ter o kabyle como primeira língua, ou, ainda, um bilíngue bambara/francês do Mali, que sempre terá como língua primeira o bambara (exemplos os quais, de acordo com o autor, podem ser exaustivamente reencontrados mundo afora), Calvet explicita o fato de que estas realidades testemunham, finalmente, a existência de *relações de força*, expressas, nos casos mencionados, pela colonização do Maghreb pelos árabes e pela colonização do Sudão pela França.

Na sequência das reflexões levadas a efeito em seu trabalho, e ainda no quadro das mencionadas desigualdades, hierarquizações e relações de força que se observam quando se aborda a questão das línguas, Calvet & Calvet articulam, finalmente, a problemática à globalização/mundialização:

> [...] Podemos [...] destacar que a globalização, em seu aspecto linguístico, implica diferentes tipos de comunicação, do círculo familiar ao espaço mundial, cada indivíduo encontrando-se no centro de diferentes redes que poderíamos representar por uma série de círculos concêntricos que correspondem, do ponto de vista diacrônico, à aquisição de diferentes registros, variedades ou línguas e, do ponto de vista sincrônico, ao uso de tais variáveis em função do contexto. (CALVET/CALVET, 2013: 26, tradução nossa).

Cada cidadão do mundo contemporâneo, assim, encontra-se envolto num contexto gerador de necessidades de adaptação linguística, em diversos níveis[67], as quais se traduziriam do seguinte modo: uma língua internacional, para as relações com o exterior, maciçamente representada pelo inglês; a língua padronizada e regulada do Estado, intermediadora da vida pública dos indivíduos em seu país; e a língua "gregária", a qual, a depender das especificidades das situações, caracteriza-se por

[67] CALVET;CALVET, 2013: 24 et seq.

variedades regionais da língua do Estado ou mesmo por uma língua diferente desta, podendo ser não oficial, não reconhecida, escrita ou não.

Assim, sem extrapolar os limites deste trabalho por meio de uma análise mais ampla das duas obras aqui mencionadas, é suficiente destacar, em linhas gerais, as conexões e as reverberações que trazem para o plano das línguas os complexos componentes (sociais, políticos, econômicos, culturais) próprios do mundo "líquido-moderno" atual, sua indissociabilidade em relação às línguas, mas também, como procuraremos explicitar deste ponto em diante, à problemática da identidade.

3.2.1. A língua somos nós

A relação entre língua e identidade é especialmente estreita. Conforme se pode sugestivamente entrever no já referido artigo *Mondialisation, langues et politiques linguistiques*[68], quando Louis-Jean Calvet, ao problematizar os truísmos daquilo que nomeia como o "Discurso Político-Linguisticamente Correto", propõe:

> No que diz respeito, por exemplo, aos países africanos, propostas do tipo "todas as línguas devem ser escritas" ou "os falantes têm direito a um ensino em suas línguas primeiras" deveriam ser analisadas do ponto de vista do papel das línguas no desenvolvimento: a transcrição de todas as línguas africanas, sua introdução no sistema escolar, seu reconhecimento oficial, etc., podem melhorar a situação de seus falantes, [podem] participar do esforço para um desenvolvimento endógeno, exercer um papel na luta contra a desnutrição, a mortalidade infantil, a AIDS, etc.?[69]

À parte a possível controvérsia levantada pelo autor quanto às opiniões comuns relativas a uma política das línguas ou a sua defesa[70], aquilo que o trecho em questão faz despontar, em última análise, são as premências daquilo que se situaria "para além" das línguas, se se pode dizer, ou daquilo a que as línguas mais profundamente diriam respeito — aos seres humanos, enquanto indivíduos, comunidades, sociedades, povos e, decorrentemente, às relações políticas e econômicas humanas que estabelecem.

---

[68] CALVET, Louis-Jean. *Mondialisation, langues et politiques linguistiques*. Disponível em: <http://gerflint.fr/Base/Chili1/Calvet.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2014.
[69] Op. cit.: 3, tradução nossa.
[70] Ibid.: 2 et seq.

Como decorrência, é possível vislumbrar a presença das questões da identidade também sob este ângulo possivelmente mais "macroscópico", digamos, ou seja, no entrecruzamento entre as tensões da era "líquido-moderna" (nas quais a identidade, como anteriormente mostrado com base em Zygmunt Bauman, está subsumida) e o tema das línguas.

Neste sentido, os trabalhos do escritor, poeta e ensaísta martiniquense Édouard Glissant, autor no qual as reflexões sobre as línguas adquirem uma dimensão poética crucial, ilustram, multiplicam e potencializam as possibilidades de associação entre língua-identidade-mundo.

Como é lícito dizer a propósito de Bauman e Calvet & Calvet, este autor tem como horizonte de seu pensamento aquilo que descreve como "o duro turbilhão do mundo atual"[71], interessando-se por seus desafios. Para Glissant:

> [...] À parte os reais conflitos de interesses econômicos, as novas formas de contato e de relação se tecem entre as culturas e as comunidades de maneira fulminante e imprevisível, no plano das línguas, dos modos de habitar, das relações com o mundo. (GLISSANT, 2006: 170, tradução nossa).

Por meio de um pensamento abrangente no qual figuram, de maneira mais ou menos explícita, constantes preocupações éticas, o autor desenvolve conceitos como "crioulização", "caos-mundo", "Tout-Monde" e "Relação"[72], através dos quais trabalha, entre outros, temas como as complexas engrenagens do mundo atual, com suas demandas e questionamentos, bem como a situação das populações egressas dos colonialismos (como Martinica ou Guadalupe, por exemplo), as feições e o papel de suas respectivas literaturas e seu lugar no plano global.

Sobretudo a obra *L'imaginaire des langues*, mas do mesmo modo como em diversos outros momentos de seu trabalho, o autor utiliza-se do prisma das línguas e da escrita para focalizar, mais uma vez, a área de convergência entre língua e identidade, problematizando o assunto:

> [...] A cada vez que ligamos expressamente o problema da língua ao problema da identidade, em minha opinião, cometemos um erro pois, precisamente, o que caracteriza nosso tempo é aquilo que chamo de *imaginário das línguas, ou seja, a presença em todas as línguas do mundo*. [...] Hoje, mesmo quando um escritor não conhece nenhuma

---

[71] GLISSANT, Édouard. *Une nouvelle région du monde* (Esthétique I). Paris: Gallimard, 2006, p. 169.

[72] Um contato aprofundado com a extensão das reflexões de Glissant, em que tais conceitos são de fundamental importância, é sugerido com a leitura de *Poétique de la Relation (1990)* e *Traité du Tout-Monde (1997)*.

> outra língua, ele tem em conta, quer saiba quer não, a existência dessas línguas em torno de si em seu processo de escrita. *Não se pode mais escrever uma língua de maneira monolíngue. Somos obrigados a ter em conta o imaginário das línguas. Esses imaginários nos tocam por todos os tipos de meios inéditos, novos: o audiovisual, o rádio, a televisão*. Quando se vê uma paisagem africana, mesmo que não conheçamos a língua bantu, por exemplo, existe uma parte desta língua que, através da paisagem que se vê, nos toca e nos interpela, mesmo que não conheçamos uma palavra de bantu. (GLISSANT, Édouard. *L'imaginaire des langues*. Entretiens avec Lise Gauvain (1991-2009). Paris: Gallimard, NRF, 2010, p. 14, grifos nossos, tradução nossa).

Ora, embora problematize a ligação entre língua e identidade, Glissant, por meio da noção de "imaginário das línguas", remete inegavelmente ao contexto em que ambas se tocam, qual seja, aquele das agudas reformulações e tensões do mundo atual.

Conforme se identifica mais explicitamente no trecho abaixo, em que, aliás, suas anteriormente mencionadas preocupações éticas se evidenciam, o autor dá ênfase àquelas tensões, apontando, inclusive, como visto em Bauman, a alteração da relação Estado-nação e seu consequente reflexo para o tema das identidades:

> [...] As identidades são uma das conquistas do tempo moderno, conquista dolorosa porque não está acabada e porque, sobre toda a superfície do planeta, existem nós, lares de desolação que contradizem tal movimento. Mas há também um movimento que caracterizo assim: as identidades de raiz única dão lugar, pouco a pouco, às identidades-relações, ou seja, às identidades-rizomas. [...] Em tal contexto, é claro que a noção de nação adquire um conteúdo muito mais cultural que de Estado, militar, econômico ou político, muito menos patriótico no sentido tradicional do termo. [...] Isto quer dizer que se pode existir como identidade sem existir como força. A ideia do poder e da potência ligada à identidade começa a erodir-se, a desaparecer. (GLISSANT, 2010: 39-40, tradução nossa).

Poderíamos, finalmente, considerar as contribuições de Édouard Glissant brevemente expostas nos limites do presente trabalho como uma espécie de condensação, traduzida e expandida para a dimensão do poético, do espaço de intersecção entre as problemáticas de língua e identidade.

À guisa de conclusão, poderíamos registrar nossa interpretação segundo a qual tanto língua, de um lado, como identidade, de outro, são duas das diversas possibilidades de manifestação conceitual/prática das grandes forças que, em linhas gerais, compõem a fisionomia do mundo atual — global, de intensas e aceleradas

transformações no que diz respeito à informação, às tecnologias, às relações comerciais e de trabalho, ao papel e ao alcance dos Estados, aos jogos geopolíticos de poder, entre outros.

Dentre estas diversas manifestações às quais subjazem, de um ou de outro modo, os complexos componentes da realidade contemporânea (e as quais, obviamente, podem ser mais ou menos interdependentes, relacionando-se de maneira mais ou menos imediata[73]), poderíamos associar desde fenômenos como os fundamentalismos religiosos e os movimentos por reivindicações de diretos de minorias, até, por exemplo, as recentes políticas de promoção do multilinguismo recentemente adotadas pela União Européia[74].

No caso das línguas e das identidades, conforme procuramos apresentar até este ponto, a rede de relações entretecida por ambos os temas tem especial impacto, o que dá testemunho, uma vez mais, das intrincadas variáveis com que hoje nos defrontamos, bem como das tensões e das incertezas que as envolvem.

3.3. Identidade e reconhecimento: um percurso em Paul Ricœur

Como complementação ao amplo quadro de discussões às quais, conforme visto, o conceito de identidade está associado, serão apresentadas, a partir deste ponto, algumas das reflexões levadas a efeito pelo filósofo Paul Ricœur em sua obra *Percurso do reconhecimento*[75].

A tarefa intelectual a que se propõe autor, no segundo estudo da obra em questão, intitulado *Reconhecer-se a si mesmo*, pode ser sintetizada nas seguintes indagações: quais as fontes, na tradição literária e filosófica, da reflexão sobre si? Quais percursos teóricos a temática empreendeu, desde a Grécia de Homero até o século XX? Quais elementos, enfim, é possível reconhecer no interior da temática que atende, igualmente, pelo nome de identidade?

Situemos, à guisa de introdução, tanto a própria noção de *reconhecimento* suscitada por Ricœur quanto a relação desta com a identidade.

---

[73] A obra de Bauman sobre a qual nos amparamos, aliás, ilustra exemplarmente o quão "caleidoscópico", digamos, é o alcance dos problemas colocados pela época "líquido-moderna". Cf. BAUMAN: 2005.

[74] Ver, a este respeito, o Portófio Europeu das Línguas (PEL), conjunto de diretrizes didáticas elaborado pelo Conselho Europeu e divulgado em 2001. Este parâmetro didático preconiza a promoção do multilinguismo, a visão não-monolíngue da escola, da sociedade e dos cidadãos. Disponível em: < http://www.coe.int/t/dg4/education/elp/elp-reg/Source/Publications/Developers_guide_FR.pdf > Acesso em: 5 jan. 2015.

[75] RICŒUR, Paul. *Percurso do reconhecimento*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

Entre o *Prefácio* e a *Introdução* de seu trabalho, o autor aponta como origem da pesquisa que levará a efeito o sentimento de "perplexidade concernente ao estatuto semântico do próprio termo *reconhecimento* no plano do discurso filosófico"[76]. Segundo Ricœur, a presença dispersa, mas constante, do vocábulo em várias obras da tradição filosófica e a aparente contradição com a inexistência de uma *teoria do reconhecimento* "digna desse nome como há uma ou várias teorias do conhecimento"[77], impulsionam a pesquisa em questão.

Logo em seguida, antes de esmiuçar, já na *Introdução*, as hipóteses norteadoras da construção do argumento do livro, hipóteses estas, diga-se, nascidas de pesquisas lexicográficas em torno da palavra "reconhecimento" as quais levaram o autor a discernir, entre as diversas acepções do termo, a existência de um regime de "polissemia regrada", Ricœur antecipa que:

> [...] a questão da identidade é colocada em cena logo de saída no discurso do reconhecimento; ela permanecerá em cena até o fim, ao preço das transformações que poderemos apreciar. Não é em minha identidade autêntica que peço para ser *reconhecido*? (RICŒUR, 2006: 11, grifo nosso).

A ligação entre identidade e reconhecimento, assim, impõe-se inevitavelmente tendo em conta, com o autor, a "regra que deve ser descoberta"[78] (já para além do plano lexicográfico e na direção de um "percurso" doravante filosófico, que a obra procurará traçar) presidindo às associações entre diferentes acepções de "reconhecimento", tais quais:

> [...] apreender (um objeto) pela mente, pelo pensamento, ligando entre si imagens, percepções que se referem a ele; distinguir, *identificar*, conhecer por meio da memória, pelo julgamento ou pela ação [acepções estas ligadas à forma verbal do termo] [ou ainda]; [...] o fato de *reconhecer-se* [...], de *identificar-se* mutuamente e, por extensão, de *se reconhecer* após uma longa separação" [significação associada à forma nominal] (RICŒUR, 2006: 22 et seq., grifos nossos).

---

[76] RICŒUR, op. cit.: 9, grifo nosso.
[77] Ibidem, loc. cit.
[78] Ricœur empresta a expressão do lexicógrafo Émile Littré, que a emprega em defesa da não-arbitrariedade existente entre as diversas significações de um mesmo vocábulo. (Cf. Op. cit.: 16).

Identidade e *reconhecimento* encontram, assim, de partida, uma associação no nível lexicográfico que Paul Ricœur procurará desdobrar no nível filosófico, através da vasta amplitude que concede ao segundo termo.

Deste modo, o primeiro estudo em que se subdivide o *Percurso do reconhecimento* abordará o que Ricœur caracteriza como o reconhecimento no sentido de *identificação-distinção*; o segundo estudo, que centraliza o interesse do presente trabalho, abordará o problema do *reconhecer-se a si mesmo*; o terceiro estudo, finalmente, será consagrado à questão do *reconhecimento mútuo*.

3.3.1. A fonte do reconhecimento: a Grécia Clássica

Uma primeira manifestação do tema do reconhecimento se dá, para o autor, tanto na epopéia e na tragédia gregas (a *Odisséia* de Homero e o *Édipo em Colona* de Sófocles) quanto na reflexão ético-filosófica desenvolvida por Aristóteles na *Ética a Nicômaco*.

Através da análise do caráter das personagens centrais daquelas obras poéticas e, além disso, das considerações aristotélicas quanto às virtudes intelectuais e de caráter (e com a ênfase atribuída por estas à noção de *decisão*), Ricœur sustenta que as idéias éticas contidas nestes clássicos estão na base daquilo que chamará os "conceitos ligados ao reconhecimento de si"[79] ou, dito de outro modo, o "reconhecimento, pelo homem que age e sofre, de que ele é um homem capaz de certas realizações"[80].

O autor, afinado com as leituras feitas pelo filósofo Bernard Williams (1929-2003) em seu texto *Shame and Necessity*[81], defende que Ulisses e Édipo personificam autênticos "centros de decisão", noção mesma que se encontrará, posteriormente, no horizonte da *Ética* de Aristóteles[82], onde se declara que o homem "tem toda a aparência [...] de ser o princípio de suas ações[83]".

Ganha relevo, neste ponto, a idéia de *ação*: o espaço da iniciativa pessoal e, assim, a instância do reconhecimento que o homem faz de si mesmo como "sede": "Nenhuma mão diferente da minha golpeou"[84], declara o Édipo assassino do pai e

---

[79] Cf. RICŒUR, 2006: 88.
[80] Ibid., loc. cit.
[81] WILLIAMS, Bernard. *Shame and Necessity*. The Regents of the University of California, 1993, *apud* op. cit.
[82] Cf. RICŒUR, 2006: 96.
[83] Op. cit.: 100-101.
[84] SÓFOCLES, *Édipo Rei*, *apud* op. cit.: 95.

esposo incestuoso da mãe, significando, em sua admissão, que "a coisa terrível que aconteceu com ele, sem que tenha havido falta de sua parte, é que ele fez aquilo"[85].

Édipo e Ulisses se desenham, afinal, como donos deliberadores de suas ações, sendo sobretudo capazes de, não obstante o selo do destino, no caso edípico, reconhecer-se como *responsáveis* por elas.

É nesse sentido que, ao longo de todo o estudo, em consonância com a própria terminologia de Bernard Williams, Ricœur atrelará à reflexão sobre si a idéia de "reconhecimento da responsabilidade".

3.3.2. O itinerário do reconhecimento: de Agostinho a Bergson

Após esta primeira ocorrência na tradição grega, Santo Agostinho, René Descartes, John Locke e, finalmente, Henri Bergson são os autores aos quais Ricœur atribuirá a proeminência no que diz respeito ao exercício da grande temática do reconhecimento de si:

> Não é improvável que devamos à filosofia cartesiana do *cogito* e à teoria da reflexão de John Locke o impulso decisivo na direção do que proponho denominar hermenêutica do si. Desse ponto de vista, o surgimento do *cogito* cartesiano constitui o acontecimento de pensamento mais importante depois do qual pensamos de um modo diferente, e a reflexão sobre si foi elevada a uma estatura temática sem precedentes. (RICŒUR, 2006:106).

Traçando, em seguida, uma linha entre as maiores expressões da temática do eu e da reflexão sobre si, o autor sustenta que os trabalhos de Kant e Fichte, entre os séculos XVIII e XIX, fizeram da questão a "pedra angular" da filosofia teórica.

Antes de interpretar, na terceira seção de seu trabalho, a espécie de reconhecimento contida nas *Confissões*, de Santo Agostinho, como o "nascimento dessa tradição a que chamo [...] a *tradição do olhar interior*"[86], Ricœur parte daquilo que entende como a ausência de tematização da *ação*, por parte das referidas filosofias (que, não obstante, impulsionaram a temática do reconhecimento), na direção de uma "sequência à análise aristotélica da *ação* [...], no quadro da filosofia reflexiva

[85] WILLIAMS, Bernard, 1993, *apud* RICŒUR, 2006: 95-96.
[86] RICŒUR, 2006: 132, grifo nosso.

inaugurada por Descartes e Locke, e depois desenvolvida na dimensão prática pela segunda *Crítica* kantiana e levada por Fichte ao seu maior poder transcendental [...]”[87].

Apresenta-se, assim, o percurso que, com Ricœur, pode-se ver empreendido pelo tema da reflexão de si, do reconhecimento, enfim. Todavia, a iniciativa do autor em introduzir a *ação* na abordagem teórica do problema será levada a efeito através de uma nova noção, qual seja, a de *capacidade*, de cujo tratamento se desdobrarão as duas vertentes do tema que mais diretamente concentra as atenções deste trabalho: a identidade.

3.3.3. Reconhecimento, capacidade, identidade

Na sequência do percurso de Ricœur, é especialmente relevante a segunda seção do estudo que concentra os esforços do presente trabalho, intitulada *Uma fenomenologia do homem capaz*. Em consonância com o papel que atribuíra à ação para o reconhecimento de si, o filósofo passa a analisar o tema sob a ótica da noção das *capacidades*: “A análise que segue sobre as capacidades [...] deve vários de seus traços originais a seu aspecto reflexivo: primeiramente a amplitude e a variedade das formas relativas à idéia de ação, tematizada inicialmente pelos gregos”[88].

O filósofo introduz esta noção na esteira de sua tese (ainda calcada, como visto, no escopo das acepções do termo *reconhecimento*, sempre tendo em conta a “regra a ser descoberta”) de acordo com a qual as significações de *atestação* e *reconhecimento* possuem estreito parentesco (quase “necessário”, diríamos). Ricœur assim argumenta:

> [...] ao reconhecer ter cometido um determinado ato, os agentes [de Homero, Sófocles e Aristóteles] *atestavam* implicitamente que eram *capazes* de cometê-lo. A grande diferença entre os antigos e nós é que levamos ao estágio reflexivo a junção entre a atestação e o reconhecimento no sentido de “considerar verdadeiro”. (RICŒUR, 2006: 107-108, grifos nossos).

Relacionadas, deste modo, as noções de capacidade e de reconhecimento, o autor distinguirá quatro capacidades em que o reconhecimento de si se engaja: *poder dizer*, *poder fazer*, *poder narrar(-se)* e, finalmente, aquela que denomina *imputabilidade*.

---

[87] RICŒUR, 2006: 106-107, grifo do autor.
[88] Ibidem: 108.

Nosso trabalho privilegiará, em sua seção seguinte, a capacidade de *poder narrar(-se)*, uma vez que, no recurso a esta, particularmente, o autor destacará as noções de *mesmidade* e de *ipseidade*, além da noção de *identidade narrativa*, que concernem mais diretamente à temática da identidade.

3.3.4. Idem, ipse, identidade narrativa

A partir deste ponto, Paul Ricœur reconhece na faculdade de narrar-se a emergência do problema da dimensão temporal do si e da ação. Passa-se, então, a tematizar a identidade narrativa, sobretudo como articulação entre os dois pólos que o filósofo designa como identidade-mesmidade (ou identidade *idem*) e ipseidade (ou identidade-*ipse*).

Localizando, no interior da noção de identidade, duas instâncias distintas ligadas por uma complementaridade dialética (complementaridade a qual, aliás, encontra-se a cargo justamente da identidade narrativa), o autor define, em primeiro lugar, a identidade *idem*, já etimologicamente associada à noção de *mesmo* e, portanto, de permanência:

> Pode-se atribuir ao caráter esse primeiro tipo de identidade entendendo com isso todos os traços de permanência no tempo, desde a identidade biológica assinada pelo código genético, balizada pelas impressões digitais, a que se acrescentam a fisionomia, a voz, o jeito, passando pelos hábitos estáveis até as marcas acidentais por meio das quais um indivíduo se faz reconhecer, ao modo da grande cicatriz de Ulisses. (RICŒUR, 2006: 116-117).

A identidade-*ipse*, por sua vez, refere-se à vertente móvel, mutável, da identidade, confrontada às vicissitudes da vida, do tempo e das circunstâncias. Nas palavras do autor, explicitando a articulação entre os três elementos que se encontram no seio da problemática da identidade:

> Por sua vez, a idéia de identidade narrativa dá acesso a uma nova abordagem do conceito de ipseidade, que, sem a referência à identidade narrativa, é incapaz de desenvolver sua dialética específica, a da relação entre duas espécies de identidade, a identidade imutável do *idem*, do mesmo, e a identidade móvel do *ipse*, do si, considerada em sua condição histórica. [...] Como, com efeito, um sujeito de ação

> poderia dar à sua própria vida uma qualificação ética se essa vida não pudesse ser resumida na forma de narrativa? A diferença com a ficção, contudo, é de tamanho, referindo-se à obscuridade dos inícios da vida, e as incertezas que pesam não apenas sobre seu fim, mas também sobre sua simples continuação. (RICŒUR, 2006:116 et seq.)

A narrativa, assim, geradora que é de coesividade, revela-se como a instância a tornar inteligível a passagem de uma vida.

Ricœur arremata esta etapa da discussão anunciando uma nova dialética no interior daquela existente entre mesmidade e ipseidade, a da alteridade:

> Encerraremos esse esboço do problema referente à identidade narrativa evocando uma outra dialética, diferente da do *idem* e do *ipse*, a dialética da identidade confrontada à alteridade. A questão da identidade tem assim uma dupla vertente, privada e pública. Uma história de vida se mistura à história de vida dos outros. (Op. cit.: 117-118).

Finalmente, na seção seguinte do estudo *Reconhecer-se a si mesmo*, à qual o interesse essencial do presente trabalho não se dirigirá, Ricœur desmembra as considerações a respeito das identidades *idem* e *ipse*, associando-as, respectivamente, a duas novas categorias, as de *memória* e *promessa*.

Basta aqui que se diga, dando fecho ao percurso filosófico que o tema do reconhecimento empreendeu, o fato de que Ricœur, mais precisamente por ocasião da noção de *memória*, encontrará em Heri Bergson o teórico que alçou este vocábulo à "família muito seletiva de seus usos filosóficos aceitos, entre a recognição kantiana [...] e a *Anerkennung*[89] hegeliana".

Bergson, assim, anunciará Ricœur, situa-se no ponto de articulação entre este segundo estudo, cujas principais contribuições procuramos sintetizar nos limites do presente trabalho, e o terceiro estudo, dedicado ao reconhecimento mútuo.

Enfatizemos, finalmente, estreitando as relações entre as contribuições de Paul Ricœur acerca do tema da identidade aos interesses específicos da presente pesquisa, o fato de que aquilo a que o autor se refere como *identidade narrativa* encontra-se no cerne da temática da presente pesquisa.

---

[89] Literalmente, "reconhecimento".

Isto tendo em conta o fato de que, justamente, através do relato entretecido pelos informantes quanto a suas experiências de línguas é que, conforme visto, a presente pesquisa irá dedicar-se a analisar seus percursos identitários em associação às suas vivências em línguas.

3.4. A questão identitária e a aquisição de língua estrangeira

Os atuais estudos sobre o plurilinguismo e sobre a aquisição de língua estrangeira reinseriram a questão identitária no centro de suas perspectivas[90]. Com cada vez mais frequência, estes trabalhos têm assumido uma concepção de aquisição fundamentada no modelo socioconstrutivista, paradigma segundo o qual o processo de aquisição de língua estrangeira, longe de restringir-se à interiorização de estruturas linguísticas por parte do aprendiz, representa um "processo social no qual os participantes [...] se engajam em atividades culturalmente valorizadas, utilizando-se de ferramentas culturais"[91].

Sob tal concepção, a aquisição de competências em língua estrangeira coincide com a participação dos indivíduos nos usos concretos da língua em questão; ora, tendo-se em conta o caráter eminentemente social de toda prática linguística, decorre que a socialização linguística do aprendiz, através de seu ingresso e de sua participação em grupos e em atividades corporificados pela língua estrangeira, representa um componente central do processo de aquisição.

Por outro lado, uma vez que as circunstâncias do ingresso e da participação nas diversas comunidades de prática na língua-alvo, por sua vez, também dependem, em larga medida, das posturas identitárias assumidas pelos aprendizes, compreende-se, assim, a relevância atualmente atribuída à questão identitária no processo de aquisição-apropriação[92].

Para a pesquisadora Thérèse Jeanneret, do Groupe de Recherche sur les biographies langagières, da Universidade de Lausanne:

---

[90] Cf. BARONI, R. & GIROUD, A. (2013). Socialisation langagière, tensions identitaires et investissement. *Bulletin suisse de linguistique appliquée, 2*, 20, tradução nossa. Disponível em: < http://www.academia.edu/6407872/Baroni_R._and_A._Giroud_2013_Tensions_identitaires_investissement_et_participation_%C3%A0_des_communaut%C3%A9s_de_pratiques_Bulletin_VALS-ASLA_n_sp%C3%A9cial_X._Gradou_T._Jeanneret_and_A.-C._Zeiter-Grau_dir._p._19-28>. Acesso em 7 out. 2016.

[91] NORTON, B. & TOOHEY, K. (2011*).* Identity, language learning and social change. *Language Teaching, 44, 4*, 412-446, apud op. cit., loc. cit., tradução nossa.

[92] Não nos debruçaremos, no âmbito deste trabalho, sobre as divergências teóricas existentes entre as noções de *aquisição* e *apropriação*, tratando-as, aqui, basicamente como sinônimas. Para uma pesquisa sobre o tema: KRASHEN, S. D. *The Input Hypothesis. Issues and implications.* Longman: Londres/New York, 1985.

> [...] apropriar-se de uma língua é construir para si a capacidade de participar das práticas sociais, ao passo que, em troca, a participação nas atividades sociais permite que o sujeito configure seus recursos linguísticos. (JEANNERET, T. (2010). Trajectoires d'appropriation langagière et travail identitaire: données et analyses. *Bulletin suisse de linguistique apliquée, 1*, 28, tradução nossa).

A apropriação de uma língua, assim, encontra-se fundamentalmente implicada na capacidade de tomar parte em práticas sociais efetivadas por meio da língua em questão, capacidade a qual o aprendiz deverá desenvolver; isto ao mesmo tempo em que, reciprocamente, o próprio engajamento em tais práticas proporcionará ao sujeito as ocasiões de estabelecer seus recursos na língua-alvo: são as duas vias de um mesmo processo.

3.5. Comunidades de prática e socialização

Com a finalidade de explicitar aspectos relevantes do processo de socialização linguística com que deverá defrontar-se o sujeito em processo de aquisição de língua estrangeira, apresentemos o conceito de "comunidades de prática" para, em seguida, relacioná-lo de maneira mais direta com a problemática que orienta a presente pesquisa.

A noção de comunidades de prática, embora não coincida rigorosamente com as fronteiras teóricas dos estudos sobre aquisição e plurilinguismo, oferece para este campo elementos de análise potencialmente férteis no que diz respeito à compreensão, por um lado, do processo de socialização do aprendiz de língua estrangeira e, igualmente, das reordenações identitárias implicadas, conforme ainda abordaremos.

A origem do conceito remonta às contribuições dos pesquisadores Étienne Wenger e Jean Lave, nos anos de 1980, no âmbito de seus trabalhos sobre a inserção de jovens profissionais em suas respectivas áreas de atuação[93]. Nos dias atuais, esta noção encontra-se sedimentada principalmente no campo empresarial, orientando ações de empresas públicas e privadas nas áreas de gestão de conhecimentos e de consultorias de recursos humanos.

Entre outras iniciativas levadas a efeito nesta área específica, a aplicação do conceito de comunidades de prática recai sobre ações tais como a socialização dos profissionais no meio corporativo, a integração de novos profissionais, a formalização e

[93] Cf. DAELE, A. (2009). Les communautés de pratique. Disponível em: <https://pedagogieuniversitaire.files.wordpress.com/2013/08/cdp_adaele.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2016.

a transferência de conhecimentos tácitos e o aperfeiçoamento da apropriação de novos conhecimentos e tecnologias[94]. No que diz respeito a sua formulação teórica, é possível descrever da seguinte maneira esta noção:

> Uma comunidade de prática é um grupo de pessoas que dão testemunho de um interesse comum por um domínio preciso. Este domínio está geralmente ligado a uma profissão particular, mas não necessariamente [...]. Estas pessoas se reúnem regularmente, face a face ou à distância. Partilham suas práticas cotidianas, reúnem recursos úteis e desenvolvem novas formas de considerar ou de compreender suas atividades e seu domínio de referência. Por suas atividades, formalizam conhecimentos tácitos, discutem e debatem a respeito de temáticas variadas e desenvolvem, cada uma, suas competências profissionais. Juntas, contribuem também para desenvolver sua identidade pessoal, ao mesmo tempo em que a identidade da comunidade que constituem.[95]

Trata-se, portanto, de uma noção estruturada em torno das relações estabelecidas entre indivíduos comprometidos com um domínio específico do conhecimento, domínio representado sobretudo pelas diversas categorias de prática profissional.

Dado o papel do conhecimento como elemento constitutivo do conceito de comunidades de práticas, este dispositivo teórico apresenta, igualmente, desdobramentos na esfera da aprendizagem; no entanto, esta noção não foi suficientemente desenvolvida num âmbito pedagógico mais amplo, tendo as pesquisas realizadas sob sua perspectiva restritas, basicamente, à aprendizagem em meio empresarial[96].

De toda forma, o interesse deste conceito para a presente pesquisa reside na ênfase consagrada às relações entre socialização, conhecimento-aprendizagem e identidade, igualmente envolvidas, como visto, no processo de apropriação de língua estrangeira. A ordem de reflexões suscitadas por esta vertente teórica a respeito de tais aspectos pode ser assim exemplificada:

> Tratando a problemática da aprendizagem, no sentido de “atividade de um aprendiz que aprende um oficio” [...], Lave e Wenger enfatizaram os aspectos socioculturais e identitários, para além dos aspectos

---

[94] Cf. DAELE, A. (2009). Les communautés de pratique:1. Disponível em: <https://pedagogieuniversitaire.files.wordpress.com/2013/08/cdp_adaele.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2016.
[95] Cf. Op. cit., loc. cit., tradução nossa.
[96] Cf. Op. cit.: 8.

> puramente cognitivos que se inscrevem na entrada progressiva de um "aprendiz" [...] no interior de uma comunidade profissional. Este processo não se desenvolve unicamente graças ao seguimento de um percurso de formação formal pelo aprendiz. *Tal processo se opera também no curso do encaminhamento identitário deste para integrar uma comunidade profissional que possui uma cultura própria, um vocabulário, papéis, ferramentas, símbolos, etc*. [...] *A aprendizagem de uma profissão deve, portanto, para estes autores, ser considerada como uma entrada num grupo socioprofissional cuja prática é preciso aprender a dominar*. De modo metafórico, o noviço se situa na "periferia" deste grupo e viaja pouco a pouco rumo ao centro, ao adquirir conhecimentos e experiências.[97]

Do mesmo modo, afinal, é possível aproximar tais reflexões a respeito do ingresso de um indivíduo numa comunidade profissional ao processo com o qual se defronta, por sua vez, o aprendiz de língua estrangeira. Conforme apresentado, a apropriação pressupõe a entrada e a participação na nova comunidade linguística, processo que proporcionará ao aprendiz o estabelecimento de seus recursos em língua estrangeira, ao mesmo tempo em que implicará, em grande medida, suas posturas identitárias.

Ainda no que se refere à aprendizagem, a fim de dar conta do quadro das questões teóricas em que se inscrevem as comunidades de prática, associou-se-lhe o conceito de "aprendizagem situada", noção a qual, destacando o fato de que o conhecimento e as competências mobilizados para a realização de qualquer ação humana encontram-se ancorados num contexto social e cultural[98], concebe o processo de aprendizagem não apenas como um procedimento exclusivamente "individual e intrapsicológico", mas também como uma atividade social durante a qual um indivíduo "entra em contato com um grupo num contexto social real"[99].

Em vista da prevalência atribuída ao enquadramento social para esta concepção da aprendizagem, três componentes básicos estariam em jogo neste processo[100]:

(a) *a interdependência entre o aprendiz, o ambiente de aprendizagem e o meio cultural*. O ambiente de aprendizagem seria constituído, por um lado, pelos aprendizes ou colegas e, de outro, pelas tecnologias, pelos recursos e pelas ferramentas de que se dispõe para o trabalho em conjunto; o meio cultural, por sua vez, seria formado pelos

---

[97] DAELE, A. (2009). Les communautés de pratique:1, tradução nossa, grifos nossos. Disponível em: <https://pedagogieuniversitaire.files.wordpress.com/2013/08/cdp_adaele.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2016.
[98] Cf. Op. cit.: 2.
[99] Op. cit., loc. cit., tradução nossa.
[100] Cf. DAELE, A. (2009). Les communautés de pratique: 2 et seq. Disponível em: <https://pedagogieuniversitaire.files.wordpress.com/2013/08/cdp_adaele.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2016.

códigos, pelos símbolos e pelo vocabulário partilhados, pelas representações sociais comuns, pelas práticas padronizadas, entre outros;

(b) *a ancoragem social*. A aprendizagem adquiriria sua significação para o indivíduo pelo fato de este estar situado em um contexto social específico, contexto no qual a participação, a negociação do sentido das práticas e o desenvolvimento da identidade profissional se instalam;

(c) *a transferência de conhecimentos*. A aprendizagem teria lugar numa situação cuja característica consiste na reutilização de conhecimentos desenvolvidos em situações prévias, tal processo sendo tanto mais eficaz à medida que esteja situado num contexto sociocultural que enfatize a formalização e a negociação de sentido das práticas.

Na esteira destes aspectos que configuram a dinâmica socialmente situada da aprendizagem e, justamente, na mesma direção do que se afirmou acima, os estudos sobre as comunidades de prática atribuem papel fundamental, em suas reflexões, ao processo identitário dos indivíduos, reconhecendo em sua participação nestes grupos uma instância que engendra, na mesma medida, um percurso de "desenvolvimento identitário"[101].

Tal percurso, de acordo com aquela corrente teórica, encontra-se implicado na interação entre os fatores acima descritos como constitutivos do processo vivenciado pelo indivíduo-membro em seu ingresso e em sua atuação na nova comunidade:

> [...] a aprendizagem no interior de uma comunidade de prática pode ser vista como um percurso identitário ao longo do qual um profissional desenvolve seus conhecimentos e suas competências, ao mesmo em tempo que sua carreira, seus projetos pessoais e seu pertencimento a diversos grupos profissionais.[102]

Ou ainda, explicitado de outro modo:

> [...] as comunidades de prática não são unicamente lugares de partilha ou de construção de conhecimentos, de socialização ou de colaboração, [...] são também lugares de desenvolvimento identitário para os profissionais que fazem parte delas. *No interior de uma comunidade de prática, não se negocia apenas o que se faz, mas*

[101] DAELE, A. (2009). Les communautés de pratique:3, tradução nossa. Disponível em: <https://pedagogieuniversitaire.files.wordpress.com/2013/08/cdp_adaele.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2016.
[102] Op. cit., loc. cit., tradução nossa.

> *também o que se é, individual e coletivamente.* [...] Negociar e mudar suas práticas é também, portanto, empreender um percurso de transformação (ou trajetória) identitária.[103]

Assim, a socialização dos indivíduos em torno de práticas comuns, sob a égide de um domínio específico do conhecimento, pode ser resumidamente descrita pela presença interdependente dos seguintes fatores[104]:

(a) a participação ativa dos membros na comunidade de prática que configuram;

(b) o compartilhamento dos sentidos atribuídos às práticas que exercem;

(c) o estabelecimento de um repertório comum que possibilite a formalização de conhecimentos tácitos (através de símbolos, vivências e vocabulário próprios);

(d) o cruzamento e a influência mútua entre as trajetórias individuais postas em interação no interior de uma comunidade de prática.

Tais aspectos, agindo como um "cimento" ou como uma "fonte de coerência"[105] entre os indivíduos, culminam forçosamente no agenciamento das identidades dos sujeitos, as quais serão instadas, ao longo deste processo, a descrever transformações.

Conforme mencionado anteriormente, o interesse de tais características, para a presente pesquisa, reside nas relações que é possível estabelecer entre, de um lado, suas reflexões quanto à interação-integração social ligada à aprendizagem e à questão identitária e, de outro, o processo de socialização linguística e de reorganização identitária pressuposto quando da apropriação de língua estrangeira.

De modo análogo às considerações tecidas, até o momento, a respeito das comunidades de prática, é possível reconhecer, igualmente, no processo de apropriação de língua estrangeira, o ingresso do aprendiz numa comunidade de prática particular, ou seja, a comunidade de prática em língua estrangeira, com o agenciamento identitário correspondente.

De fato, tendo sempre em conta a noção que postula o fato de a apropriação não corresponder à simples incorporação de estruturas de um sistema, é forçoso analisá-la sob o prisma da inserção e da habilitação de um indivíduo em direção a um contexto social de práticas e de relações concretas, histórica e culturalmente inscritas.

Tal posicionamento teórico, aliás, é compatível com a concepção de língua assumida pela perspectiva textual interativa, conforme descrita pelo linguista Luiz

---

[103] DAELE, A. (2009). Les communautés de pratique: 3, tradução nossa, grifos nossos. Disponível em: <https://pedagogieuniversitaire.files.wordpress.com/2013/08/cdp_adaele.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2016.
[104] Cf. Op. cit.: passim.
[105] Cf. Op. cit.: 3.

Antônio Marcuschi em sua obra *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*[106]. De acordo com este autor:

> Essa posição toma a língua como uma atividade sociohistórica, [...] cognitiva e [...] sociointerativa. [...] Nesse caso, não se deixa admitir que a língua seja um sistema simbólico (ela é sistemática e constitui-se de um conjunto de símbolos ordenados), contudo ela é tomada como uma atividade sociointerativa desenvolvida em contextos comunicativos historicamente situados [...], predominando a ideia de que o sentido se produz situadamente e que a língua é um fenômeno encorpado e não abstrato e autônomo. [...] Assim, a língua é vista como uma atividade, isto é, uma prática sociointerativa de base cognitiva e histórica.[107]

Ainda que a língua, sob tal concepção teórica, não se prive de seu caráter de sistema simbólico estruturado, prevalece, entretanto, na definição que recebe desta perspectiva conceitual, o aspecto de prática concreta, social e historicamente inscrita, indissociável do aspecto cognitivo de produção de sentido.

Ressalta, deste modo, a reciprocidade desta percepção do próprio conceito mais genérico de língua em relação às considerações apresentadas, até o momento, no que diz respeito também à língua estrangeira e aos elementos envolvidos em seu processo de apropriação.

Neste sentido, consideramos relevante apresentar sucintamente, na seção seguinte do presente trabalho, a abordagem do processo de apropriação levada a efeito sob a égide de outras perspectivas teóricas as quais apontam, igualmente, para alguns dos elementos envolvidos no processo de apropriação de língua estrangeira.

3.6. Identidade e língua estrangeira: outras perspectivas

Ainda no que diz respeito às relações entre identidade e apropriação de língua estrangeira, apresentemos brevemente, neste ponto, outras vertentes de abordagem do assunto, associadas tanto ao campo da Análise do Discurso quanto à Psicanálise. Para

---

[106] MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
[107] Op. cit.: 60 et seq.

tanto, recorreremos a contribuições da pesquisadora Silvana Serrani-Infante[108], tecidas, justamente, na articulação entre as duas disciplinas mencionadas.

Em primeiro lugar (e, de acordo com a autora, na contramão de boa parte dos estudos geralmente empreendidos no âmbito da apropriação de segundas línguas), Serrani-Infante preconiza uma abordagem da subjetividade herdeira da Análise do Discurso, para a qual, como pressuposto, o indivíduo não é concebido como "sede", como instância de total domínio do dizer, conforme ainda desenvolveremos de maneira mais detida. Nas palavras da autora:

> Um pressuposto de base é que a abordagem discursiva do sentido comporta um questionamento radical do sujeito intencional entendido como fonte individual de um sentido que lhe seria transparente [...]. Essa é, a meu ver, uma questão crucial ao se repensar, da perspectiva conceitual apontada, o processo de enunciação em segunda língua [...]. (SERRANI-INFANTE, 1998: 234).

Enfatizando a importância de abordar a relação "língua(gem)-identidade" sob a ótica daquilo a que se refere como *alteridade discursiva*, Serrani-Infante recorre, para tanto, à diferenciação e à interdependência entre os conceitos de *intradiscurso* e *interdiscurso*, propostos por Michel Pêcheux[109]. Assim, em relação ao primeiro dos dois níveis de análise discursiva mencionados, a pesquisadora apresenta a seguinte definição:

> Cabe lembrar que o *intradiscurso* refere-se à dimensão horizontal do dizer, ao fio do discurso, à dimensão linear da linguagem. Ao se abordar o intradiscurso examina-se o que um enunciador efetivamente formula num momento dado, em relação ao que disse antes e dirá depois. Mas esse exame é sempre feito tendo como eixo o sentido produzido pela formulação. (Op. cit., loc. cit., grifo da autora).

No que se refere, por outro lado, ao conceito de *interdiscurso*, para a compreensão do qual, informa-nos Serrani-Infante, articularam-se as noções complementares de *pré-construído* e *discurso transverso*[110], a autora apresenta as

---

[108] SERRANI-INFANTE, Silvana. *Identidade e segundas línguas: as identificações no discurso*. In: SIGNORINI, Inês (org). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. São Paulo: Fapesp, 1998.

[109] PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1988, apud op. cit.

[110] Tais noções foram formuladas, respectivamente, pelos teóricos P. Henry e Michel Pêcheux (Cf. SERRANI-INFANTE, 1998: 235-236).

seguintes considerações, as quais, conforme se verá adiante, trarão consequências para a abordagem da referida *alteridade discursiva*:

> O *interdiscurso* remete à dimensão vertical, não linear, do dizer, à rede complexa de formações discursivas em que todo dizer, segundo a perspectiva do discurso, está inserido. [...] O pré-construído é o "sempre já aí" histórico-social que fornece-impõe a "realidade" e seu "sentido", é o que fornece a matéria-prima na qual o sujeito se constitui em relação a suas formações discursivas preponderantes. Nesta perspectiva, o locutor não é a origem de seu discurso. (SERRANI-INFANTE, 1998: 235, grifo da autora).

Recorrendo, em seguida, às reflexões dos teóricos Dominique Maingueneau[111] e D. Maldidier[112], Serrani-Infante expõe de modo mais pormenorizado a definição do mesmo conceito:

> Maingueneau (1996: 50) exemplifica [a noção de interdiscurso] dizendo que se se considerar um discurso particular, pode-se chamar interdiscurso ao conjunto de unidades discursivas com as quais ele entra em relação, podendo se tratar de discursos anteriores do mesmo gênero, dos discursos contemporâneos de outros gêneros etc. [...] Mas como diz D. Maldidier (1990), "o interdiscurso não é nem a designação banal dos discursos que existiram antes nem a ideia de alguma coisa de comum a todos os discursos". Ele observa que [...] "o interdiscurso designa o espaço discursivo e ideológico no qual se distribuem as formações discursivas em função de relações de dominação, subordinação, contradicção". (Op. cit., 1998: 235-236).

Quanto à noção de *discurso transverso*, por sua vez (associada, conforme mencionado, à própria noção de interdiscurso), basta que se saliente, tendo em vista a dimensão dos propósitos do presente trabalho, a perspectiva a partir da qual é concebido o sujeito do discurso. Assim, de acordo com a autora:

---

[111] MAINGUENEAU, Dominique. *Les termes clés de l'analyse du discours*. Paris, Éditions du Seuil, 1996.

[112] MALDIDIER, D. *(Re)Lire Michel Pêcheux aujourd'hui, 1990*. In: PÊCHEUX, M. *L'inquiétude du discours*. Textos de M. Pêcheux escolhidos e apresentados por M. Maldidier. Paris, Éditions des Cendres, 1990, apud SERRANI-INFANTE, 1998.

> [...] o *discurso transverso* é composto pelas possibilidades de substituição entre "diferentes" palavras, expressões, proposições que possuam "o mesmo sentido" em relação a uma formação discursiva preponderante no cruzamento de formações em que todo sujeito (entendido como lugar, posição enunciativa e não como "indivíduo falante") está imerso. (SERRANI-INFANTE, 1998: 236).

Deste modo, evidenciemos, sobretudo, o caráter do sujeito considerado sob esta perspectiva teórica: trata-se, aqui, de uma subjetividade a qual, ao mesmo tempo em que se efetiva e produz sentidos no nível do chamado *intradiscurso*, encontra-se constitutivamente comprometida, igualmente, com outro nível interdependente de discurso, mais amplo, cujo controle e cuja intencionalidade lhe escapam.

Neste mesmo sentido, Serrani-Infante alude, ainda, a alguns desdobramentos mais recentes da Análise do discurso, os quais focalizam, tanto no nível intradiscursivo quanto no plano do interdiscurso, o papel constitutivo e estruturante do *discurso do outro*:

> [...] Ele [o discurso do outro] pode ser entendido: a) como discurso de um outro (interlocutor/leitor) posto em cena pelo enunciador ou como discurso do enunciador colocando-se em cena como um outro; b) como interdiscursividade que desestabiliza o lugar onde o ego se instala no dizer, onde a estratégia de seu discurso foge ao seu controle. (Op. cit.: 238).

Apresentada sucintamente, assim, a ordem de questões nas quais, para a perspectiva teórica adota por Serrani-Infante, encontram-se implicadas tanto a subjetividade do indivíduo que enuncia quanto suas realizações discursivas, cumpre abordarmos, com a autora, a noção de *alteridade discursiva* para, em seguida, associá-la à questão língua(gem)-identidade.

Primeiramente, a autora situa a alteridade discursiva no plano do interdiscurso: tendo em conta, justamente, a permeabilidade estabelecida pela noção de sujeito (e, por conseguinte, pela noção de identidade) em relação sobretudo àquele nível discursivo, Serrani-Infante novamente explicita a concepção de subjetividade que preside, do mesmo modo, à dimensão da alteridade discursiva:

> A concepção de subjetividade que se considera nesta dimensão não é a de falante que encontraria na linguagem um instrumento para exprimir suas "intenções de comunicação" mas, sim, o espaço do sujeito

> afetado pelo pré-construído e pelo discurso transverso, sujeito do inconsciente, efeito de linguagem, falente, ser em línguas, pego na ordem simbólica que o produz enquanto sujeito. (SERRANI-INFANTE, 1998: 245).

Já a partir deste ponto, aliás, nota-se mais explicitamente, conforme anteriormente mencionado, o caráter de interdisciplinaridade presente nas reflexões da autora, de acordo com o que se verifica pela incorporação de noções advindas da Psicanálise, tais como o inconsciente e o conceito lacaniano de falente[113].

Assim, Serrani-Infante desenvolve a referida relação entre a alteridade discursiva e o nível do interdiscurso, o qual descreve, conforme apresentado, a teia de formações discursivas na qual se encontra inserido todo dizer:

> Esta é a dimensão de análise em que se estuda, também, a determinação sócio-histórica do dizer por memórias discursivas contraditórias que, enquanto tais, permanecem diretamente inacessíveis para o enunciador, ao mesmo tempo que são as que determinam "seus" sentidos. (Op. cit.: 245-246).

A partir deste ponto, pois, cabe debruçarmo-nos mais diretamente sobre a seguinte a indagação: o que seria, propriamente, a alteridade discursiva? Mas também, por outro lado: de que maneira tal noção se vincula à relação língua(gem)-identidade?

Evocando justamente a definição proposta pela pesquisadora Régine Robin no quadro de seus estudos a respeito de escritores "translíngues"[114], Serrani-Infante assim caracteriza, com aquela autora, a alteridade discursiva:

> [...] a alteridade é aquilo que escapa à atribuição, aquilo que não se pode definir totalmente. É o sentido que foge, que excede, aquilo que não pode ser dominado. A alteridade é o que forma o sentido do impossível (...). (ROBIN, 1993: 47, apud SERRANI-INFANTE, 1998: 246).

---

[113] Tradução do termo francês "parlêtre", cunhado por Lacan para descrever a subjetividade como "processo do ser-em-línguas, ser-em-escritas" (Cf. SERRANI-INFANTE, 1998: 232).

[114] ROBIN, R. *Le deuil de l'origine. Une langue en trop, la langue en moins*. Saint-Denis, Presses Universitaires de Vincennes, 1993, apud SERRANI-INFANTE, 1998. A respeito das contribuições dos chamados escritores translíngues para a problemática língua-identidade, ver *2.2.2. A escrita do eu "entre-línguas"*.

Ora, tendo em conta, precisamente, o fato de que o discurso e seus sentidos, para além de um nível "horizontal", "linear", manifesto e em alguma medida "controlável" (o intradiscurso), estruturam-se, ao mesmo tempo, por outro nível cujas reticulações escapam a uma apreensão total, intencionada e consciente por parte do sujeito (o interdiscurso), decorre, forçosamente, que a alteridade[115], também ela, representa uma dimensão constitutiva do discurso. De acordo com Serrani-Infante:

> [...] "O dito" aborda-se aqui além do "querer dizer". [...] é dito sempre mais do que se sabe, não se sabe totalmente o que se está dizendo, pois algo a mais da ordem do inconsciente e da determinação ideológica é sempre dito além do formulado [...] *E o sentido do impossível? Um modo de pensá-lo é apontando a impossibilidade do interdiscurso e do inconsciente de serem formulados, enquanto tais, na linearidade verbal. Eles são constitutivos e determinantes da formulação intradiscursiva, mas não são representáveis. Trata-se do impossível…* (SERRANI-INFANTE, 1998: 246, grifos nossos).

Assim, na sequência de suas reflexões, Serrani-Infante sustenta o fato de que o encontro com segundas línguas, independentemente da modalidade em que se dê (quer em contextos de imersão ou por meio da aprendizagem formal em sala de aula), integra sempre, necessariamente, o procedimento mais geral de *tomada da palavra*; através de tal processo, precisamente, é que ocorrerá, de acordo com a autora, *a inscrição do sujeito em discursividades de segunda(s) língua(s)*[116], inscrição a qual define, exatamente, o processo de aquisição de língua estrangeira.

Assim sendo, a pesquisadora desenvolve da seguinte maneira a noção de *tomada da palavra*:

> Concebo esse processo de tomada de palavra como a inscrição em traços significantes, interdiscursivos, inconscientes, que se realizam fundamentalmente por metáfora e metonímia[117] e que vão constituindo o discurso, pois, neste enfoque, é na linguagem que o homem é homem e se defronta com o problema de seu ser. (Op. cit.: 248).

---

[115] Entendida, justamente, como a "escapabilidade" do sentido ou, ainda, como a "forma do sentido do impossível".

[116] Cf. SERRANI-INFANTE, 1998: 249.

[117] Não nos debruçaremos, nos limites do presente trabalho, sobre a descrição de tais processos métaforico-metonímicos envolvidos na inscrição do sujeito no discurso através da tomada da palavra. Para um contato com as considerações da autora sobre o assunto, ver SERRANI-INFANTE, 1998: 248-249.

Como decorrência, a autora enfatiza a importância de se considerar, para a abordagem da relação do sujeito com segundas línguas, a influência daquilo a que se refere como fatores "não cognitivos", isto é, justamente o papel desempenhado pela ordem de fatores a qual, conforme discutido, encontra-se vinculada aos níveis do interdiscurso e da alteridade discursiva, desta vez no que diz respeito, precisamente, às línguas estrangeiras.

Além disso, a pesquisadora propõe, para a abordagem do assunto, que se opere com o conceito de *identificação*:

> [...] Vejo a identificação como a condição instauradora, a um só tempo, de um elo social e de um elo com o objeto de desejo do sujeito. Isso tanto no plano da relação imaginária (à qual correspondem as diversidades e semelhanças entre uns e outros), como no plano da relação simbólica [...]. (SERRANI-INFANTE, 1998: 252).

Aprofundando, a partir deste ponto, a articulação entre Análise do Discurso e Psicanálise (e recorrendo a conceitos oriundos sobretudo da psicanálise lacaniana, tais como desejo, Real, Imaginário e Simbólico), Serrani-Infante prossegue com suas reflexões:

> [...] Quando falamos (tanto em primeira como em segunda(s) língua(s)) o que está sempre em questão é o agenciamento de significantes. Convém lembrar que não se trata, aqui, do significante saussurreano, mas do significante no sentido que leva em conta a teoria psicanalítica lacaniana da subjetividade. Entende-se que o significante é uma entidade estritamente formal, indiretamente referida a um fato que se repete, um equívoco, um lapso, uma expressão involuntariamente repetida, de um ser falante. *Quando se fala, então, o que está em questão é a inserção do significante no real*. *Este real é da ordem do impossível, a que me referi antes*, e não da ordem da realidade, que corresponde ao registro imaginário [lacaniano]. [...] *É assim que, nesta dimensão, entendemos o processo de inscrição numa segunda língua como o jogo de processos identificatórios sem os quais não é possível uma tomada da palavra significante na L2* [segunda língua]. (Op. cit.: 252-253, grifos nossos).

É, portanto, através de processos identificatórios, tais como sucintamente apresentados acima, que se dará a inscrição do sujeito[118] em redes discursivas circunscritas à língua estrangeira.

Serrani-Infante finalmente destaca, a este propósito, sua oposição em relação à maior parte dos estudos empreendidos na esfera da apropriação de segundas línguas, uma vez que, justamente, de acordo com a autora, não concebem o processo de apropriação de língua estrangeira tendo em vista a amplitude e a complexidade dos elementos os quais, conforme procuramos apresentar, encontram-se envolvidos ao mesmo tempo na noção de subjetividade e, como consequência, na relação desta com o discurso.

3.7. O papel das (auto-)biografias linguageiras

Neste quadro, o tema da presente pesquisa configura uma via de abordagem potencialmente produtiva para a ordem de questões as quais, conforme apresentado nas seções anteriores, encontram-se em jogo no processo de apropriação de língua estrangeira.

De fato, através das análises das narrativas elaboradas pelos indivíduos no tocante a suas diversas experiências de línguas (não apenas em relação à língua-alvo atual, ou seja, o francês, no caso dos informantes deste trabalho, mas considerando, igualmente, suas experiências anteriores e as possíveis implicações destas para o processo de apropriação atual), emergem aspectos relevantes tanto do processo de socialização em língua estrangeira como, do mesmo modo, das reorganizações identitárias associadas[119].

Assim, se o desenvolvimento de competências em língua estrangeira pressupõe, por exemplo, o ingresso e a participação do aprendiz na comunidade de prática corporificada pela língua-alvo[120], o trabalho com os relatos dos informantes da presente pesquisa pôde deparar-se com alguns fatos gerais, conforme ainda analisaremos de maneira mais detida. Entre eles, mencionemos:

(a) a preponderância quase que exclusiva do âmbito acadêmico como o círculo de práticas em francês-língua-estrangeira, fato que se compreende dadas as características da população do presente estudo;

---

[118] Considerado, também este, conforme apresentado, a partir das problematizações que recebe de parte de tal perspectiva teórica.
[119] Cf. *Introdução*.
[120] Cf. *4.5. Comunidades de prática e socialização*.

(b) a tendência a atribuir aos eventuais problemas vivenciados neste contexto linguístico, social e institucional predominante os insucessos, as dificuldades ou a estagnação que os entrevistados identificam em seus processos individuais de apropriação;

(c) a recorrência da menção a uma futura estadia em uma comunidade francófona como fator importante no que diz respeito a impulsionar o desenvolvimento de suas competências linguísticas e a solidificá-las.

Do mesmo modo, uma vez que a trajetória de apropriação perfaz, de fato, um processo de apropriação-alteração[121], alguns elementos relativos aos agenciamentos identitários dos informantes foram, igualmente, observados, como detalharemos mais adiante.

A este respeito, aliás, cumpre observar que, no caso da população sobre cuja realidade se debruça o presente trabalho, é provável que as reordenações de identidade ligadas ao contexto de apropriação sejam, em larga medida, menos evidentes em comparação com, por exemplo, o caso de estudantes instalados em um ambiente francófono.

Isto se deve provavelmente a que, no que tange aos informantes da presente pesquisa, o engajamento em práticas sociais empreendidas em língua estrangeira, fator intrínseco ao processo de apropriação, não seja suficientemente efetivo, uma vez que a esfera da universidade representa o contexto predominante de suas práticas: os cursos de língua e literatura francesa e os trabalhos e leituras acadêmicos obrigatórios destas disciplinas.

Diga-se ainda que, mesmo no âmbito acadêmico, a atuação de nossos informantes em redes de prática permanece maciçamente vinculada à esfera de influência de sua língua materna, pois, a rigor, os indivíduos seguem, concomitantemente às de língua francesa, outras disciplinas acadêmicas as quais se estruturam única e exclusivamente em torno de práticas em língua portuguesa.

Pode-se afirmar, deste modo, mantendo em vista a mútua dependência entre apropriação e engajamento em práticas sociais na língua-alvo, que o conjunto das práticas às quais estão expostos nossos informantes está basicamente restrito ao contexto sócio-institucional da universidade; ou, mais exatamente, ao contexto das atividades acadêmicas estruturadas em torno do francês.

Assim sendo, é plausível supor, para a efetividade do estabelecimento de competências na língua-alvo por parte dos informantes, a presença de outro(s) elemento(s) para além da esfera de práticas da universidade os quais possam mobilizá-los enquanto sujeitos de prática em uma comunidade de língua alvo. Com efeito, tal fato

---

[121] Cf. *Introdução*.

se revela principalmente através de suas atividades culturais e de lazer, além de por meio das relações com amigos (francófonos ou não) ou, ainda, pela atividade docente na língua de apropriação, desenvolvida por alguns de nossos informantes.

Da mesma maneira, parece igualmente razoável supor que, para serem capazes de efetivamente estabelecer seus recursos em francês, caberia aos entrevistados, de um lado, exercer um caráter altamente ativo no que respeita a criar oportunidades de intensificação de suas práticas para além do contexto acadêmico e/ou, alternativamente, ainda naquele contexto, exercer uma postura igualmente ativa a fim de tornar tal ambiente, para si, o mais frutífero possível quanto à efetividade das práticas na língua-alvo.

Assim sendo, é possível formularmos, neste ponto, uma hipótese ou, mais exatamente, reencontrarmos a hipótese inicial de todo o presente trabalho: aquilo a que nos referimos acima como "caráter ativo" quanto à apropriação do francês (sempre por parte de nossa população de informantes) estaria diretamente vinculado ao grau de identificação destes indivíduos com a "língua francesa".

Isto porque o caráter ativo a ser (ou não) desenvolvido pelos informantes emanaria de seus próprios agenciamentos identitários confrontados à insuficiência da experiência acadêmica de apropriação do francês e estes, por sua vez, podem remeter a fatores como, por exemplo, a identificação afetiva, cultural ou profissional com a comunidade imaginada de língua francesa — dito de outro modo, tais agenciamentos identitários, segundo nossa hipótese, podem vincular-se à imagem de si que os entrevistados pretendem construir através da língua francesa.

4. (Auto-)biografia linguageira de estudantes de Graduação: análise do corpus

4.1. Corpus

O *corpus* sobre o qual se debruça o presente trabalho, de acordo com o que já pudemos apresentar brevemente[122], consiste nos relatos de experiências de línguas feitos por 34 estudantes de Graduação em Francês da Universidade de São Paulo, relatos os quais resultam das respostas fornecidas pelos informantes a um questionário escrito composto de 30 questões[123].

[122] Cf. *Introdução*.
[123] Cf. *8. Anexos*.

Tal questionário foi concebido, desde seu início até os momentos que antecederam sua submissão aos entrevistados, com base no trabalho bibliográfico em torno do tema da pesquisa[124] e, por meio de cada uma das questões, procurou-se fazer com que emergissem aspectos do percurso identitário dos entrevistados associado a suas trajetórias em línguas.

Merece particular menção, diga-se, a obra *Identidade e discurso*[125], organizada pela pesquisadora Maria José Coracini, trabalho o qual proporcionou elementos úteis para a concepção do questionário como um todo, com reflexões que resultaram em verdadeiras sugestões no que diz respeito a como abordar, concretamente, a subjetividade do aprendiz no tocante ao percurso de apropriação linguageira.

Assim, dentre o espectro de elementos observáveis por meio do trabalho com as (auto-)biografias linguageiras, aqueles que presidiram à concepção do questionário podem ser sinteticamente agrupados nas seguintes cinco vertentes:

(a) a bagagem linguística singular a cada um dos informantes, ou seja, com quais línguas já teve a oportunidade de conviver, por quanto tempo e em qual contexto (quer no período escolar, quer na família, no caso eventual de filhos com um dos pais tendo como língua materna outra que o português, quer por autodidatismo); exemplos de questões com esta perspectiva são as de número 1, 2, 9 e 10;

(b) a cronologia, a situação e as circunstâncias do período de apropriação, ou seja, quando e onde se deu o primeiro contato dos informantes com o francês (se a partir da graduação em Letras-Francês na FFLCH-USP, se antes, em escolas particulares ou em outros locais); qual a duração deste contato, se ininterrupta ou não; entre as questões que exemplificam esta ordem de interesse de investigação, podem-se citar as de número 7, 8, 9, 11 e 22;

(c) a representação que cada informante se faz de suas competências na língua em questão, ou seja, a maneira como avalia seu progresso, sua eventual estagnação; se estabelece comparações entre seu desempenho e o desempenho dos colegas, bem como o modo como se reconhece nesse processo; as projeções temporais e contextuais às quais associa seu percurso de apropriação (em quanto tempo alcançaria um domínio que lhe satisfaça na língua estrangeira, quais as condições propícias para atingir tal objetivo); como exemplos, citemos as questões 13, 14, 15, 17 e 19;

(d) as reacomodações linguístico-identitárias por que passaram e vêm passando os informantes, ou seja, o que cada indivíduo pode relatar a respeito da maneira como vive, subjetivamente, a região de contato (quer completar, quer conflituoso, ou ambos) entre sua língua materna, as línguas com as quais teve contato anteriormente e o francês,

---

[124] Cf. *7. Bibliografia*.
[125] CORACINI, Maria José (org.). *Identidade e discurso*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

a língua de apropriação atual, para o público do presente trabalho[126] (há a sensação de experimentar incorrespondências de dizer entre uma língua e outra? De que tipo, em quais situações?); mencionemos, como exemplos, as questões de número 11, 23 e 24;

(e) o modo como se expressa, se constitui, se altera a identidade de cada informante no que toca à língua de apropriação (há a experiência de prazer, desconforto, bem-estar, insegurança quando da expressão na língua de apropriação? Em quais situações? O que cada indivíduo acredita que busca, no percurso rumo à língua estrangeira?); exemplos desta ordem de questões são as de número 4, 21, 26, 27 e 29.

4.2. População do estudo

Conforme apresentado anteriormente[127], a população de informantes do presente trabalho é composta por 34 indivíduos, todos estudantes de Graduação em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Quando da aplicação do questionário de pesquisa (realizada junto aos informantes em junho de 2015), os entrevistados encontravam-se no nível Francês V, equivalente curricular do quarto ano da Graduação em Letras e do terceiro ano da habilitação em Francês.

Os informantes compõem um grupo em larga medida homogêneo, no que se refere sobretudo à faixa etária (a maioria se encontra na faixa dos 20 aos 25 anos) e à comunidade linguística de origem e de "pertencimento"[128] (são lusófonos que, além disso, na maioria dos casos, possuem o português como língua materna), além, obviamente, do grau de escolarização e da área do conhecimento a cujo estudo se dedicam.

Dado o público em questão, alguns dados de interesse para a presente pesquisa eram inferíveis mesmo antes da realização da primeira entrevista, como, por exemplo, o fato de todos terem sido expostos ao estudo da língua inglesa durante o período de escolarização básica ou, ainda, a familiaridade dos entrevistados com reflexões acerca das questões de língua (familiaridade possivelmente maior ou menor, mas presente e relevante, em todo caso, uma vez que se trata de estudantes de Graduação em Letras).

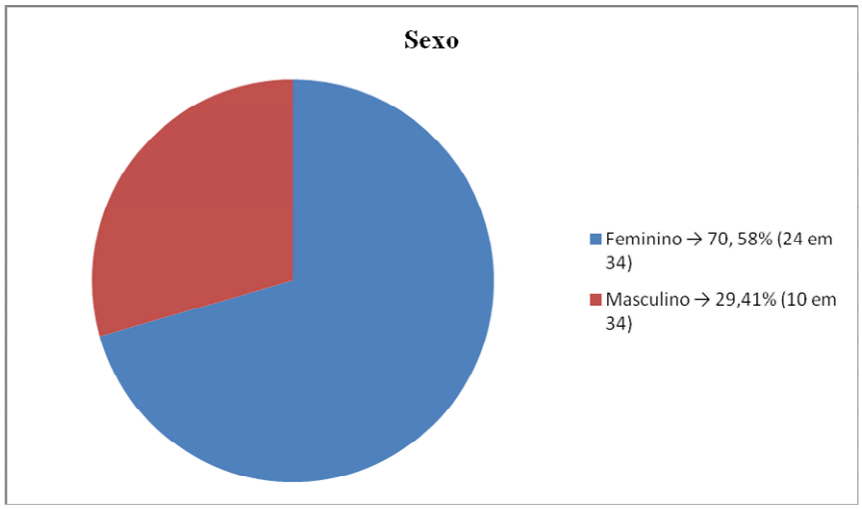
O questionário submetido aos informantes, ciente destes dados específicos, apresentou perguntas que os evocassem direta ou indiretamente e procurou reconhecer, nas suas diversas manifestações, menções ou mesmo em suas omissões, oportunidades

---

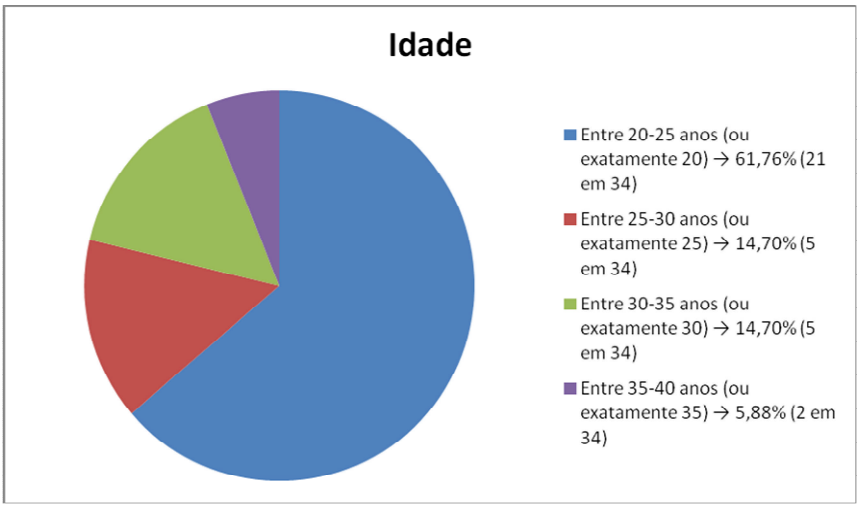
[126] Mencione-se, aliás, o fato de que não houve ocorrência explícita do estudo concomitante do francês com o de outra língua estrangeira.
[127] Cf. *5.1. Corpus*.
[128] Empregamos este termo entre aspas tendo em conta, justamente dentro do quadro das questões levantadas por este trabalho, a necessária problematização da noção por ele veiculada.

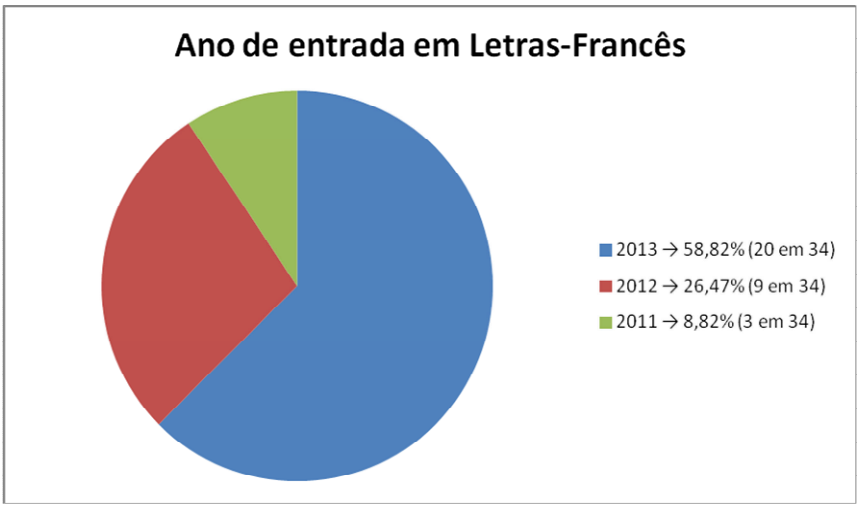
de análise. A este respeito, atenhamo-nos, aqui, apenas ao primeiro dado (ou seja, ao estudo da língua inglesa) e adiantemos uma hipótese para as ocorrências da omissão deste estudo: acreditamos que tal silenciamento se deva a uma possível deficiência de ensino vivida por estes indivíduos (real ou, ao menos, percebida como tal), o que os levaria, quando da entrevista, a sequer cogitar a lembrança de que alguma vez estudaram inglês[129].

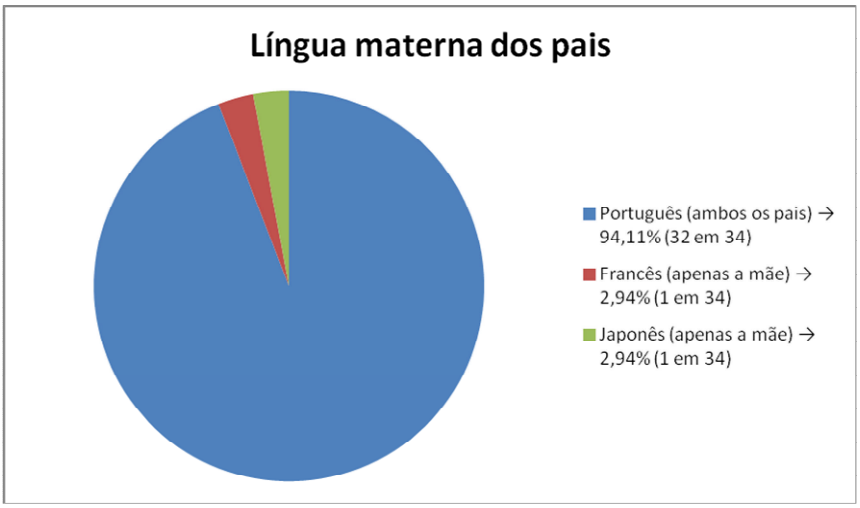
Como complementação à caracterização geral do público sobre o qual nos debruçamos, anexamos o panorama estatístico abaixo, o qual, aliás, anuncia brevemente alguns dos aspectos que concentram o interesse deste trabalho, os quais serão retomados e desenvolvidos adiante.

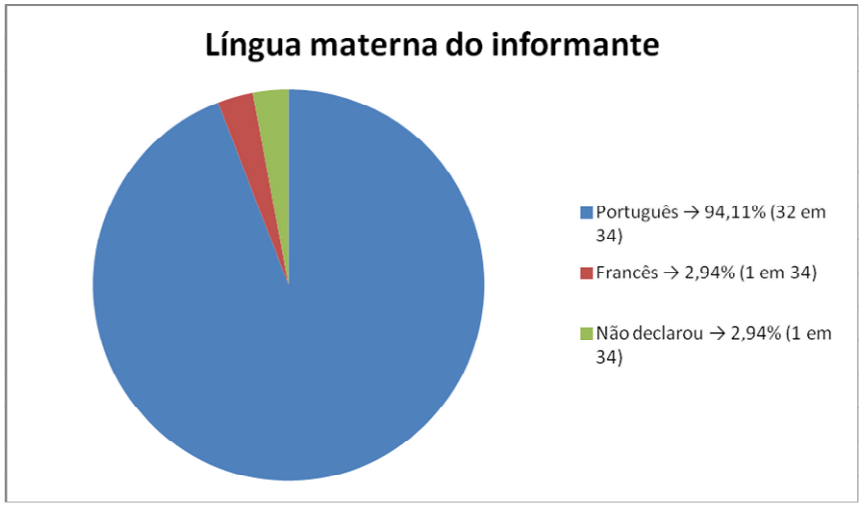


[129] Supomos, quanto a isto, que os entrevistados que não mencionam ter estudado inglês tendem a associar o estudo "efetivo" desta língua sobretudo ao quadro de um curso específico, para além da educação formal, seguido, por exemplo, em uma escola de idiomas.


Idade
Entre 20-25 anos (ou exatamente 20) → 61,76% (21 em 34)
Entre 25-30 anos (ou exatamente 25) → 14,70% (5 em 34)
Entre 30-35 anos (ou exatamente 30) → 14,70% (5 em 34)
Entre 35-40 anos (ou exatamente 35) → 5,88% (2 em 34)


Ano de entrada em Letras-Francês
2013 → 58,82% (20 em 34)
2012 → 26,47% (9 em 34)
2011 → 8,82% (3 em 34)


Língua materna dos pais
Português (ambos os pais) → 94,11% (32 em 34)
Francês (apenas a mãe) → 2,94% (1 em 34)
Japonês (apenas a mãe) → 2,94% (1 em 34)



4.3. Socialização e práticas em língua francesa

Ainda no que diz respeito às tendências gerais as quais, pelas análises das respostas dos informantes ao questionário escrito, puderam ser observadas, cumpre, neste ponto, retomá-las e desenvolvê-las brevemente; num segundo momento, os dados poderão ser abordados sob as perspectivas específicas dos eixos de análise os quais, conforme apresentaremos em seguida, foram estabelecidos pelo presente trabalho.

Conforme visto[130], o desenvolvimento de competências em língua estrangeira pressupõe, entre outros, o ingresso e a participação dos indivíduos em comunidades de prática corporificadas pela língua alvo.

No caso dos informantes do presente trabalho, de acordo com o que já pudemos anunciar anteriormente, a comunidade em que preponderantemente a língua francesa encontra-se representada para os indivíduos é a do meio sócio-institucional da faculdade de Letras da Universidade de São Paulo.

Para além do fato de tratar-se, em 97,05% dos casos[131], de estudantes brasileiros, lusófonos, sem histórico familiar de francofonia, essa quase exclusividade do ambiente acadêmico enquanto materialização das práticas em francês é evidenciada sobretudo pelas respostas à questão 22 do questionário de pesquisa: *"Em quais atividades da sua vida cotidiana o francês está presente?"*.

Diga-se, em primeiro lugar, que o objetivo primordial da elaboração da pergunta em questão foi investigar as circunstâncias exteriores ao contexto universitário, uma vez

[130] Cf. *4.5. Comunidades de prática e socialização*.
[131] A única exceção fica a cargo do informante que convencionamos designar como S4, de mãe francófona.

que, através do termo “vida cotidiana”, pretendeu-se induzir, ao menos parcialmente, a ênfase sobre a vida “pessoal”, “particular”, e se esperava obter respostas que mencionassem, por exemplo, as atividades de lazer dos entrevistados que envolvessem a língua francesa, seus relacionamentos com amigos ou conhecidos ou, ainda, eventuais atividades profissionais para além do curso de Letras.

Esta ordem de informações esperada, aliás, pôde ser satisfatoriamente obtida: a totalidade dos entrevistados demonstrou compreender a distinção pretendida na formulação da questão, conforme se verifica, abaixo, pela transcrição de algumas das respostas obtidas:

M4) Conversas informais e contexto de sala de aula.

M11) Na leitura de textos (sejam eles para a faculdade ou não) e nas aulas da habilitação e dos cursos extracurriculares.

M15) Apenas leituras e, às vezes, no canal TV5 da TV a cabo.

S1) Nenhuma além das aulas da graduação.

S2) Atividades de estudo e de lazer, sobretudo filmes.

S3) No momento em que assisto algum vídeo, ouço alguma música ou leio algum texto “extra-graduação” em francês.

S4) Dou aulas de francês e converso (escrevo para) com minha família.

Tendo em vista, assim, o foco do interesse da pergunta submetida aos entrevistados, qual seja, as atividades extra-acadêmicas em que o francês se encontra presente para cada indivíduo, parece relevante apontar, de um lado, o fato de a maioria dos informantes ter desejado, de todo modo, fazer menção explícita à esfera da universidade (66,66% ou 22 em 33)[132], o que por si só parece corroborar a noção da ascendência desse âmbito no que respeita às suas práticas em língua francesa.

Por outro lado, dentre os 11 entrevistados que não mencionaram o contexto acadêmico[133], as respostas de ao menos 3 deles (M8, M13 e M15), referindo-se sobretudo à leitura de textos, podem deixar supor ao menos algum nível de influência daquele contexto em suas respostas: isto pelo fato de os informantes não deixarem suficientemente claras as situações de leitura (se total ou parcialmente vinculadas às exigências ou às referências ligadas ao curso ou, ao contrário, totalmente desvinculadas

[132] Para esta questão, não totalizamos os 34 informantes originais, pois um dos entrevistados (M7) não registrou sua resposta.
[133] M6, M8, M13, M15, S3, S4, S6, S10, S12, S13 e S14.

destas) e, razão mais importante, pelo fato de a relação estabelecida pelos entrevistados com a literatura merecer, de modo geral, menção à parte[134].

De maneira geral, entre as atividades exteriores à faculdade de Letras mencionadas pelos entrevistados como presentes em seu dia-a-dia e, portanto, funcionando como incremento no que toca às suas práticas em língua estrangeira, encontram-se vivências relacionadas:

(a) *a atividades culturais e de lazer*, predominando a música e o cinema entre as respostas: seguem nessa direção as respostas de M16, M17, S2, S3, S6, S7, S8, S10, S12 e S15; M1, além disso, expressa que gostaria de ter maiores vivências em francês no "profissional e no social";

(b) ao trato com as mídias em geral: sites de notícias, redes sociais, rádios e televisões tradicionais ou eletrônicas (M6, M10, M15, S6, S9, S12, S14);

(c) ao contato com amigos ou conhecidos: quer pessoalmente, quer através dos meios indicados no item acima (M4, M5, M12, S13);

(d) ao âmbito profissional, predominando a atividade docente: M5 e M9 mencionam, ambos, sua atuação como professores de francês, além do fato de o primeiro também aludir à prática da tradução; S14 relata que seu trabalho como secretária executiva lhe oferece, por vezes, oportunidades de contato com a língua francesa; S14, por sua vez, é também musicista, "razão pela qual ouço muitas canções em francês" (fato que, aliás, parece sugerir que sua relação com a música seja, em alguma medida, diferente da relação dos informantes mencionados no item *a*);

(e) a áreas de interesse de pesquisa ou a complementações de estudos: M9 relata estudar semiótica, área conhecida pela grande influência de autores franceses, ainda que não saibamos se seus estudos se referem a algum setor do contexto acadêmico não imediatamente vinculado ao curso de francês (grupo de estudos acadêmico, iniciação científica ou outros); M11 menciona os cursos extracurriculares, modalidade de curso de línguas oferecido no contexto acadêmico da Universidade de São Paulo, mas com foco na comunidade em geral; S15, por sua vez, alude ao "interesse filosófico/sociológico/literário em alguns autores"; M2 e S16, finalmente, relatam o interesse em pesquisas e estudos teatrais.

Merecem menção à parte os informantes S4 e S9, os quais atribuem ao contato com familiares um dos contextos de práticas em língua francesa: S4 é o caso excepcional ao qual já nos referimos, relatando conversar e se corresponder com a família (francófona), S9 fazendo alusão à relação com o cunhado.

---

[134] Sobre a relação algo peculiar de grande parte da população do presente trabalho com a literatura, ver *5.6. As representações dos informantes quanto à língua francesa*.

Numa perspectiva global, é possível observar, nas respostas de vários informantes, o desejo de nuançar a intensidade da presença de tais circunstâncias em seu cotidiano, caso, por exemplo, dos informantes M6 (que menciona por duas vezes o termo "diariamente" para expressar sua relação com sites e rádios de noticias em francês); M3 (o único informante, aliás, a lançar ênfase sobre situações de viagem como circunstância de suas práticas em francês, situações as quais vivencia "uma vez ou outra"); e, de maneira mais frequente, as menções a "algum vídeo, alguma música" (S3), "alguns momentos com amigos" (M12), "em alguns casos, uso a língua francesa em e-mails, no ambiente de trabalho" (S7), e a afirmação explícita de M1, segundo a qual, para além das atividades culturais e acadêmicas, gostaria de ter mais "no profissional e social".

Finalmente, a resposta de S16, dada de maneira francamente espontânea, parece revelar algo de suas representações a respeito da língua francesa, sobretudo se se tem em conta o fato de a questão que lhe foi submetida não trazer originalmente como foco esse elemento específico, o qual, não obstante, compõe igualmente o espectro do interesse do presente trabalho[135]: *"Na universidade, nos estudos teatrais, nas conversas com amigos de lá"*.

É forçoso interpretar, na resposta do informante, o termo "lá" como uma referência anafórica à *França*, muito embora o enunciado da questão remetesse, na verdade, ao *francês*. Parece plausível, assim, reconhecer nessa espécie de "ato falho" da parte do entrevistado a associação imediata, automática e total (longe, aliás, de ser exclusiva de nosso informante) entre a França e a língua francesa[136].

Ora, sabe-se (sabe-se?) que o francês é a língua oficial de diversos outros países e localidades mundo afora, fato que se deve, principalmente, à influência cultural e geopolítica exercida pela França, sobretudo nos séculos XVIII e XIX[137].

Entretanto, a permanência dessa espécie de "automatismo" de associação entre a língua e o país/nação, entre o francês e França, parece testemunhar, justamente, a vinculação do imaginário do informante a algo que transcende a "língua" e remete, na verdade, a uma ordem mais ampla de associações e fatores[138]: a filiação do informante a

---

[135] Cf. *4.4. Eixos de análises dos dados*.

[136] Teremos, ainda, oportunidade de retomar esse aspecto referente às representações dos informantes a respeito não apenas do francês, mas das línguas em geral, justamente sob as perspectivas dos eixos de análise correspondentes. (Cf. *5.7. Eixo de análise n° 2: As representações dos informantes quanto às línguas em geral*.)

[137] Cf. *3.2. Macrovisão da questão língua-identidade*.

[138] Afinal, não obstante o caráter "fugidio", complexo e multifacetado da noção de língua, conforme discutido (Cf. *3.2. Macrovisão da questão língua-identidade*), a questão submetida ao informante não o incita a considerar o "francês" para além do estatuto correntemente assumido de simples "sistema linguístico". Tal fato é tanto mais verdadeiro na medida em que, caso o entrevistado tivesse presentes, no ato da resposta, tais problematizações a respeito do que seria "o francês", não teria sido possível, obviamente, tal correspondência direta e, pode-se dizer, exclusiva entre França e língua francesa.

uma tradição social e historicamente circunscrita, a qual reverbera sobre os costumes, a visão de mundo e a cultura, de modo geral.

Tal fato, enfim, parece, uma vez mais, reforçar as considerações que, até o momento, levam-nos a afirmar que as línguas não se resumem a estruturas a serem interiorizadas pelos indivíduos em processo de apropriação, mas dizem respeito tanto às comunidades de práticas (histórica e socioculturalmente inscritas, conforme visto) que as definem, quanto aos agenciamentos identitários dos indivíduos, com as representações que fazem acerca da própria língua, das comunidades que a definem e de si mesmos.

4.4. Eixos de análises dos dados

Em função dos aspectos aos quais, conforme apresentado, o trabalho com as (auto-)biografias linguageiras representa uma via de acesso, a presente pesquisa estabeleceu 4 eixos básicos para as análises dos dados obtidos junto aos informantes.

Tais eixos, embora tenham sido estabelecidos *a posteriori* e com vistas à análise dos dados propriamente dita, já se prefiguravam, quando da elaboração do questionário escrito, nas diversas questões submetidas aos informantes, tendo em vista, justamente, a ordem de elementos que concentram o interesse da presente pesquisa.

Esses dispositivos de análise, que apresentamos sinteticamente abaixo, são, diga-se, necessariamente articuláveis e interdependentes entre si, cada qual explicitando apenas o elemento principal a ser aferido através dos dados, sem prejuízo dos demais:

(E1) Representações e valores a respeito da língua francesa (importância, beleza, grandiosidade, paixão, fascínio);
(E2) Representações e valores a respeito das línguas em geral (falta de interesse, desgosto pela sonoridade, impressão de falta de importância, falta de identificação);
(E3) O lugar subjetivo ocupado pela língua francesa (a língua e seus possíveis espaços de resistência, de refúgio, de “invenção de si”);
(E4) Aprendizagem-apropriação da língua francesa (motivação-investimento, gestão pessoal da aprendizagem, obstáculos e bloqueios na apropriação);

4.5. Eixo de análise n° 1: As representações dos informantes quanto à língua francesa

Feita a breve caracterização da população de informantes acima apresentada, cumpre, a partir deste ponto, estruturar as análises dos dados na direção dos aspectos que correspondem, justamente, a cada um dos 4 eixos de análise estabelecidos por esta pesquisa.

E1) Representações e valores a respeito da língua francesa (importância, beleza, grandiosidade, paixão, fascínio)

Entre as perguntas cujo foco, a princípio, converge mais diretamente para os aspectos concernentes ao presente eixo de análise, figuram as quatro questões abaixo transcritas. Entretanto, conforme se verá adiante, tais aspectos podem, igualmente, figurar nas respostas dos informantes a outras questões, ainda que menos diretamente relacionadas, em seus enunciados, às representações e aos valores por eles atribuídos à língua francesa:

3) Quais razões levaram ou levam você a estudar Letras?

4) Quais objetivos levam ou levaram você a estudar francês? Explique.

(Exemplos: formação profissional e/ou pessoal; acesso a obras literárias ou técnicas no original; objetivos de viagem; outros)

24) Você sente necessidade de usar palavras ou expressões do francês no seu cotidiano de língua materna? Se sim, em quais situações? Se não, por qual(is) motivo(s)?

27) Se só lhe fosse possível, de hoje em diante e para a vida toda, falar uma única língua, qual língua você gostaria que fosse? Por quais razões? Explique.

Em primeiro lugar, no que diz respeito à questão de número 3, algumas razões são recorrentemente apontadas pelos informantes quando indagados sobre os motivos de terem escolhido seguir o curso de Letras. Entre elas, encontram-se o desejo de entrar em contato com uma (nova) língua estrangeira[139] e com os estudos relacionados à

[139] Lembre-se, conforme dito anteriormente, o fato de todos os informantes terem seguido o curso de inglês durante a formação pré-universitária.

linguagem em geral, tendo alguns indivíduos associado explicitamente tal desejo a anseios e projetos profissionais (tornar-se professores, tradutores, acadêmicos)[140].

A influência da literatura na opção pelo curso, por sua vez, é amplamente referida (28 em 34, ou 82,35%)[141], sendo, além disso, frequentemente expressa em termos que se vinculam ao campo da afetividade e, não raro, empregados com intenção superlativa: a "paixão", o "amor" pela poesia e pela literatura.

Ainda que pouco evidente num primeiro momento, a abordagem da pergunta em questão associada ao primeiro eixo de análise justifica-se por dois motivos. Em primeiro lugar, pelo fato de a questão vincular-se imediatamente, tanto na ordem do questionário quanto nas próprias vivências dos informantes, à questão seguinte, qual seja, a dos motivos que os levaram a optar pelo francês como língua de estudo acadêmico (sendo a pertinência desta última para o presente eixo de análise mais imediatamente reconhecível).

Vale mencionar, a tal respeito, que todos os alunos ingressantes no curso de Letras da USP seguem, atualmente, uma grade de disciplinas comum, introdutória, passando apenas no período seguinte a integrar, de acordo com suas escolhas e/ou com a disponibilidade de vagas, as habilitações específicas: Francês, Inglês, entre outras.

Por outro lado, e razão mais forte, uma vez verificada a alta incidência da menção ao gosto pela literatura como causa para a opção pelo curso de Letras, pareceu-nos razoável a expectativa de encontrar, do mesmo modo, a literatura como fator igualmente relevante para a opção pela língua francesa e, por conseguinte, como um dos elementos componentes de suas representações a respeito do francês.

Ora, a influência da França também na literatura (além de, por exemplo, na filosofia e nas artes), desde principalmente o século XVIII, é amplamente conhecida, tendo há muito sedimentado no imaginário ocidental valores como, por exemplo, o humanismo, a Ilustração, a racionalidade, o apuro estético.

As respostas de dois dos informantes, aliás, ainda quanto às razões de optar pelo curso de Letras, sintetizam particularmente esse aspecto, relativo à literatura em geral:

M7) O gosto por literatura e línguas estrangeiras. Acredito que Letras seja um curso humanizador que nos faz aprender sobre a vida, as relações humanas e sobre nós mesmos.

M18) Primeiramente foi o gosto pela literatura e pela análise literária, mas depois foi a necessidade que descobri de dar voz àqueles que são e foram ignorados pela sociedade brasileira e/ou mundial.

---

[140] Por exemplo M4, M5, M12, S3, S4 e S7.
[141] Apenas M4, M5, M9, M16, S4, S14 não fazem qualquer menção à literatura em suas respostas.

Assim, embora a forte recorrência da literatura como critério para a escolha do curso de Letras, na primeira questão, não remeta diretamente, em nenhuma das respostas, à escolha da língua francesa, parece razoável associar, em algum nível, à persistência e à influência das representações coletivas a respeito da literatura *francesa*, em particular, acima mencionadas, tais considerações dos entrevistados, tecidas, em princípio, a respeito da literatura em geral.

Por outro lado, ainda que, na questão seguinte (e contrariamente às expectativas iniciais), a incidência da associação entre a literatura e o francês não tenha seguido a tendência das respostas à questão de número 3[142], os dados que, conforme será desenvolvido abaixo, condensam as representações dos entrevistados a respeito do francês parecem apontar na mesma direção.

Assim, as respostas registradas por três dos informantes à pergunta de número 4 (“*Quais objetivos levam ou levaram você a estudar francês? Explique.*”), consideradas de maneira complementar, ilustram suficientemente tal perspectiva:

S8) Queria estudar literatura e, é claro, pensei que nada seria mais propício do que o francês.

S9) Minha avó estudou Letras na Unesp em S. J. do Rio Preto e graduou-se em francês. Ela sempre falou dos romances franceses [...].

S14) Já havia estudado francês antes de ingressar no curso. O que me levou a escolher Francês foi a beleza da língua, o fato de ela ser o idioma de grandes mestres da História, que tanto nos inspiram e por ser um diferencial, profissionalmente falando.

Conforme se observa, as declarações dos entrevistados acima parecem reverberar, justamente, as mesmas imagens às quais tradicionalmente se associam a língua e a literatura francesas. S8, sobretudo, ao estabelecer uma relação quase necessária entre *literatura* e literatura *francesa* parece corroborar, em larga medida, a espécie de coincidência, no nível do imaginário, entre os atributos da literatura em geral e os atributos da literatura francesa; S9, por outro lado, talvez justamente na medida em que pouco desenvolva suas representações quer da literatura francesa, quer da literatura em geral, atesta a presença desta última como fator culturalmente notável e arraigado; sobre S14, finalmente, é possível dizer que traz para o plano da língua a expressão das mesmas representações. Neste ponto, aliás, é possível recuperar brevemente a observação feita acima, segundo a qual a relação dos entrevistados com a literatura merece menção à parte[143].

Para além do já mencionado fato de a literatura figurar como fator fundamental para a opção dos informantes pelo curso de Letras (o que, por si só, aliás, já a situa

[142] 13 dos 34 informantes (38, 23%) explicitam a influência da literatura na escolha pelo curso de francês.
[143] Cf. *4.3. Socialização e práticas em língua francesa*.

como elemento importante tanto de suas trajetórias acadêmicas quanto pessoais), parece digna de nota, igualmente, ainda quanto à razão da escolha do curso, a menção explícita de dois dos entrevistados a respeito da intenção *criar* literatura:

M1) Adquirir ferramentas para criação literária; ferramentas críticas e de consciência textual e dos movimentos literários [...].

S9) Interesse e amor pela literatura, desejo cada vez mais forte de ser escritora [...].

Embora esse aspecto mencionado pelos informantes em questão não tenha configurado uma tendência, restringindo-se (ao menos em termos explícitos), a essas duas ocorrências, a frequência e o tom com que, conforme visto, a literatura é mencionada (senão como horizonte para a atuação criativa, para a maior parte, ao menos como "paixão", para diversos entrevistados) parecem explicitar, de todo modo, o caráter em larga medida singular estabelecido entre a população de informantes e a literatura.

Em relação, novamente, às concepções dos entrevistados acerca da língua francesa, outras das respostas obtidas para a quarta questão fazem também emergir, desta vez de modo mais explícito, as representações dos informantes. De maneira global, encontram-se recorrentemente expressões de identificação íntima com a língua, sobretudo por meio de declarações que orbitam o campo do "fascínio", do "encanto", da "paixão", conforme se verifica pelos exemplos abaixo:

M16) Acho o francês uma língua muito interessante e muito importante [...].

S6) Acesso às obras literárias e linguísticas no geral, paixão pela cultura francesa (aspecto intimista), paixão pela língua francesa (gosto do som e da escrita).

S7) Pela vontade dominar a língua francesa que sempre me fascinou pela beleza de sua sonoridade, para ter acesso a obras literárias no original.

S15) [...] Fiquei em dúvida entre o francês e o russo, achava o francês bonito e russo ouvi dizer que era difícil.

Além disso, de maneira claramente relacionável, as alusões à "beleza" da língua e de sua sonoridade também são frequentes, bem como, por vezes, a exemplo do informante M16, a menção à suposta importância o francês; S15, aliás, registra em sua resposta, além de suas concepções a respeito do francês, uma concepção a respeito de outra língua, o russo, o que ilustra brevemente o que será desenvolvido mais adiante, no quadro do segundo eixo de análise estabelecido pelo presente trabalho.

Ainda em referência às questões as quais, conforme dito, concentram o interesse do primeiro eixo de análise, dentre as respostas obtidas para a questão de número 27 (*"Se só lhe fosse possível, de hoje em diante e para a vida toda, falar uma única língua, qual língua você gostaria que fosse? Por quais razões? Explique."*), as considerações de três dos entrevistados apontam, igualmente, na mesma direção:

M3) Francês, pela beleza da língua, por seu som e amor que me provocam.

M10) O francês, pois gosto do som e da pronúncia.

S5) Francês, porque acho lindo.

Alguns informantes, por sua vez, fazem alusões as quais é possível relacionar, novamente, à ordem de elementos à qual nos referimos acima, qual seja, a da influência histórica e cultural da França e da língua francesa sobre o imaginário ocidental, tal aspecto refletindo-se principalmente no que diz respeito à influência do gosto pelas artes na escolha do curso de francês: além da literatura, o cinema e a dança, por exemplo:

M1) Formação principalmente pessoal para compreensões de visões de mundo. Poderia ser qualquer língua, no entanto optei pelo francês devido a referências culturais e de políticas públicas na área da cultura. Ter o francês poderá me servir como alicerce, eventualmente.

M17) Interesse pela literatura e cinema, e vontade de ter acesso aos textos originais, sem a necessidade de utilizar traduções. Por ter sido bailarina, já tinha alguma familiaridade com o idioma (a nomenclatura do ballet clássico é em francês), além de um contato com a cultura francesa, o que despertou o interesse de aprender mais.

S1) Para continuar meus estudos em filosofia, senti necessidade de ter um domínio maior de ao menos uma das línguas modernas mais produtivas na área: Alemão e Francês. Optei pelo francês por já ter algum contato com a língua e por ter afinidade com os autores desta língua [...].

S12) Gostar de autores e cineastas franceses.

Mencionem-se ainda, com base nos aportes trazidos por respostas fornecidas a outras das questões submetidas à população do estudo, algumas representações as quais, ainda que não tenham alcançado frequência expressiva, parecem, de todo modo, dignas de nota. Em resposta, por exemplo, à questão de número 24 (*"Você sente necessidade de usar palavras ou expressões do francês no seu cotidiano de língua materna? Se sim, em quais situações? Se não, por qual(is) motivo(s)?"*), os informantes M6 e S11 aludem ao "pedantismo":

M6) Não, penso que isso seria visto como pedantismo, pois a maioria das pessoas com as quais convivo fora do meio acadêmico não falam francês.

S11) Em geral, não sinto necessidade, até por achá-la algo pedante.

Contrariamente a S11, cuja própria formulação discursiva associa o francês ao pedantismo (através da alusão anafórica àquela língua, "achá-*la*"), no que diz respeito a M6, no entanto, é necessário ponderar o fato de que não se pode, a partir das considerações do entrevistado, afirmar que o informante representa para si a língua francesa como pedante.

Parece, ao contrário, que tal visão se aplicaria sobretudo ao meio em que vive o entrevistado (já que o emprego de expressões ou palavras em francês "seria visto" como pedante), meio no qual, além de o francês não ser falado ou estudado, seria possível considerar que M6 procura, em alguma medida, situar seu "pertencimento"[144].

É possível mesmo supor, além disso, que o pedantismo, para o entrevistado, ficaria a cargo do emprego de expressões de línguas estrangeiras em geral, em determinado contexto (onde tais expressões não seriam compreendidas) e, nesse caso, é plausível afirmar que suas declarações não estariam restritas ao francês.

Do mesmo modo, a concepção segundo a qual a língua francesa seria "difícil", aparece na resposta de um dos informantes à questão de número 14 (*"Em quanto tempo você acredita que terá um domínio do francês que lhe satisfaça? Por quê?"*). Conforme dito anteriormente, ainda que o foco da pergunta em questão não privilegiasse, a princípio, a expressão das representações do informantes a respeito da língua, a resposta de S9, contudo, prestou-se, igualmente, à manifestação desse aspecto:

S9) Não sei – é uma língua difícil e às vezes acho que só pela imersão eu me satisfaria.

Finalmente, a resposta de outro informante à questão de número *20 ("Qual a opinião de outras pessoas a respeito desse domínio [do seu domínio do francês]? Você concorda? Explique.")*, a qual originalmente procurava investigar as concepções dos indivíduos a respeito de seu processo de apropriação da língua, revelou igualmente, ao menos em parte, determinadas representações a respeito da própria língua:

M10) Alguns professores falam que progredi muito e sou capaz de dominar muito bem a língua. Eu tenho muitas dúvidas, pois alguns professores desestimulam muito por afirmarem que há pessoas que têm "o dom" e outras não.

[144] Neste quesito, note-se, o entrevistado faz emergir, uma vez mais, um dos aspectos observados pela presente pesquisa e discutido acima, ou seja, a prevalência do ambiente da faculdade como a instância das práticas em língua francesa por parte da população do estudo.

Como se vê, as declarações de M10 expressam, senão uma parte de suas próprias representações a respeito do francês (possivelmente adquiridas pela influência das opiniões mencionadas pelo entrevistado), uma parcela das representações as quais, segundo o informante, alguns professores se fazem não apenas quanto à língua francesa, mas também no que respeita a seu processo de apropriação.

Este último aspecto, aliás, insere-se no quadro mais específico de outro dos 4 eixos de análise[145], patenteando, conforme dito anteriormente, o fato de que os eixos de análise estabelecidos pela presente pesquisa devem ter sua abordagem empreendida, necessariamente, de maneira interdependente e relacionável uns com os outros.

4.6. Eixo de análise n° 2: As representações dos informantes quanto às línguas em geral

Dando sequência ao tratamento dos dados sob a perspectiva de cada um dos 4 eixos de análise estabelecidos pelo presente trabalho, passemos, a partir deste ponto, às reflexões suscitadas pelo segundo eixo:

E2) Representações e valores a respeito das línguas em geral (falta de interesse, desgosto pela sonoridade, impressão de falta de importância, falta de identificação)

No que toca a este segundo viés de análise, dentre as perguntas cujo foco está mais especificamente vinculado aos aspectos que concentram seu interesse, encontram-se as questões abaixo reproduzidas:

6) Você gostaria de aprender outra(s) língua(s) estrangeira(s)? Qual(is)? Por quê?

12) Há alguma língua estrangeira que você jamais estudaria? Qual(ais)? Explique.

27) Se só lhe fosse possível, de hoje em diante e para a vida toda, falar uma única língua, qual língua você gostaria que fosse? Por quais razões? Explique.

[145] Qual seja, o eixo de n° 4: “Aprendizagem-apropriação da língua francesa (motivação-investimento, gestão pessoal da aprendizagem, obstáculos-bloqueios)”.

Cumpre observar, primeiramente, no que concerne à pergunta de número 6, a exceção representada pela resposta do informante M6, a cargo do qual se encontra a única negativa categórica à pergunta em questão:

M6) No momento não. Eu já estudei inglês por muitos anos e agora gostaria de me dedicar a aprender bem francês.

A resposta do entrevistado, pontuada pela alusão ao momento de aplicação do questionário (coincidente, lembre-se, com seu período de estudo universitário da língua francesa) revela, a princípio, a percepção de algum nível de conflito no estudo concomitante de mais de uma língua estrangeira.

Embora não se possa precisar, a partir de suas declarações, se tal conflito estaria associado especificamente ao estudo concomitante do francês e de outra língua (ou, hipótese provavelmente mais plausível, ao estudo simultâneo de quaisquer línguas), a resposta do entrevistado aproxima-se, em determinada medida, do quadro específico do quarto eixo de análise[146], o qual, conforme se verá, tem entre suas preocupações as representações dos informantes a respeito do processo de apropriação da língua francesa.

Isto devido o fato de que, não obstante as considerações de M6 não se enquadrarem precisamente nos aspectos contemplados pelo quarto eixo de análise (uma vez que não se referem ao escopo específico das representações quanto à *língua francesa*), sua resposta não deixa de fazer novamente emergir, de toda maneira, a inter-relação existente entre cada um dos eixos de análise, de acordo com o que já pudemos observar anteriormente.

De todo modo, é possível afirmar, de maneira geral, que os informantes aludem largamente à disposição, ao interesse, à curiosidade e mesmo ao prazer em aprender línguas estrangeiras, de acordo com o que os seguintes exemplos testemunham:

M1) Sem preferência por alguma, o meu interesse seria por ter contato com diferentes culturas e pensamentos.

M4) Alemão entre outras. Na verdade, qualquer oportunidade de aprender uma língua estrangeira é bem-vinda [...].

M9) [...] Tenho um grande interesse em línguas estrangeiras e quero aprender várias delas, mas meu interesse imediato é aprender o alemão e o italiano.

---

[146] E4) Aprendizagem-apropriação da língua francesa (motivação-investimento, gestão pessoal da aprendizagem, obstáculos-bloqueios).

M18) Planejo desenvolver o espanhol e o inglês, também por motivos acadêmicos, mas quero aprender quantos idiomas eu puder a título de curiosidade.

Ainda numa perspectiva global, a partir das respostas dos demais 33 informantes (exclua-se M6, conforme dito), tem-se a seguinte relação das línguas predominantemente mencionadas como objeto de interesse para um possível estudo:

(a) *espanhol*, mencionado por 13 informantes (39,39%);

(b) *italiano*, citado por 12 entrevistados (36,36%);

(c) *inglês*, mencionado por 11 indivíduos (33,33%);

(d) *alemão*, citado por 11 informantes (33,33%).

Neste quesito, para além da incidência da recorrência de cada um dos idiomas, cumpre mencionar as justificativas as quais, de maneira mais pertinente, contribuem no que diz respeito a traçar os contornos das representações dos entrevistados quanto às línguas em geral:

M10) Gostaria de ter maior domínio do inglês, pois é uma língua muito importante hoje, no muno globalizado, e para o mercado de trabalho.

M15) Gostaria de aperfeiçoar o inglês e aprender espanhol, por serem línguas importantes para o mercado de trabalho e por me interessar pela literatura escrita nesses idiomas.

S2) Sim, gostaria de aperfeiçoar o inglês e aprender italiano. A sonoridade do italiano me encanta.

S3) Sim. Espanhol, por uma questão profissional, e árabe, pois sou fascinada pela arte da caligrafia, a pronúncia, a cultura dos países de língua árabe…

S9) Gostaria de aprender espanhol, porque a família do meu marido é argentina e porque acho a literatura de língua espanhola (a argentina, a chilena) muito bonita também.

S12) Gostaria de estudar espanhol, pois o Brasil está rodeado de países onde o espanhol é a língua oficial. É um idioma muito falado, especialmente em nosso continente, e gostaria de me comunicar mais com pessoas de outros países da América Latina.

S15) Sim, alemão. Porque é uma língua muito racional que possui palavras que por si só apresentam conceitos profundos ou até filosóficos.

Em relação à língua inglesa, em primeiro lugar, as declarações dos entrevistados dão conta principalmente do desejo de aperfeiçoar o domínio do idioma, tendo em conta, justamente, o fato de todos os informantes já terem entrado em contato com seu

estudo, ao menos no quadro dos estudos regulares pré-universitários. A influência geopolítica do inglês e seus desdobramentos no plano profissional, igualmente, encontra-se presente nas justificativas apresentadas pelos informantes: M10 declara tratar-se de uma língua "muito importante hoje, no mundo globalizado, e para o mercado de trabalho", a exemplo de M15.

A língua espanhola, por sua vez, além de recorrentemente mencionada em associação ao interesse por sua literatura e sua cultura ou, ainda, por razões pessoais (caso de S9), está igualmente vinculada, nas representações dos entrevistados, ao peso de sua inscrição geopolítica, a exemplo do inglês, fator expresso de maneira bastante ilustrativa pelas afirmações de S12: "Gostaria de estudar espanhol, pois o Brasil está rodeado de países onde o espanhol é a língua oficial. É um idioma muito falado, especialmente em nosso continente [...]".

A emergência de tais representações a respeito de ambas as línguas parece remeter, de modo análogo ao que já pudemos observar a respeito da língua francesa[147], tanto às relações de força estabelecidas entre as diversas línguas, quanto, igualmente, ao impacto de tais relações sobre o imaginário dos informantes, conforme discutido anteriormente[148].

No que respeita à língua italiana, do mesmo modo, aspectos como o gosto pela sonoridade da língua, pela cultura e pela literatura, parecem calcar-se, do mesmo modo, na filiação dos informantes à tradição sócio-histórica de hegemonia das línguas e culturas da Europa Ocidental[149].

Sobre a língua alemã, finalmente, parece legítimo tecer considerações equivalentes; a resposta de S15, aliás, revela traços bastante significativos das representações e dos lugares-comuns coletivamente vinculados ao alemão: "Sim, alemão. Porque é uma língua muito racional que possui palavras que por si só apresentam conceitos profundos ou até filosóficos".

No que diz respeito às línguas cuja menção é francamente minoritária, por outro lado, parece razoável atribuir à mesma ordem de fatores a baixa frequência com que são referidas. Para tais línguas, a partir das declarações dos entrevistados, delineia-se o seguinte panorama:

(e) *russo*, citado por 4 entrevistados (12,12%);

(f) *japonês*, mencionado por 2 informantes (6,06%);

---

[147] Cf. *4.5. Eixo de análise n° 1: As representações dos informantes quanto à língua francesa*.
[148] A respeito das relações de força entre as línguas, ver *3.2. Macrovisão da questão língua-identidade.*
[149] Sobre este aspecto, diga-se, o "modelo gravitacional" proposto por Louis-Jean Calvet (Cf. *3.2. Macrovisão da questão língua-identidade*) é especialmente útil, na medida em que propõe uma sistematização das diferentes hierarquizações e das variações de prestígio entre as diversas línguas, diferenças ligadas, justamente, às relações de força existentes entre elas.

(g) *grego*, mencionado por 2 entrevistados (6,06%);

(i) *latim*, mencionado por 2 informantes (6,06%);

(f) *húngaro*, citado por 1 informante (3,03%);

(g) *árabe*, mencionado por 1 informante (3,03%);

(h) *chinês*, citado por 1 entrevistado (3,03%);

(j) *holandês*, mencionado por 1 informante (3,03%);

(k) *islandês*, citado por 1 entrevistado (3,03%);

(l) *hebraico*, mencionado por 1 entrevistado (3,03%);

(m) *sueco*, citado por 1 informante (3,03%);

(n) *iorubá/wolof*, mencionado por 1 entrevistado (3,03%).

Trata-se, como se vê, de línguas associadas a uma inscrição histórica, política e cultural menos impactante no quadro atual das línguas do mundo: entre as 13 línguas referidas, por exemplo, 5 estão inseridas no contexto das línguas do leste europeu (o russo, o húngaro, o holandês, o islandês e o sueco); em 4 dos casos, trata-se de línguas associadas a civilizações orientais[150] (o japonês, o árabe, o chinês e o hebraico); quanto ao grego e o latim (ainda que, no caso do grego, os entrevistados não precisem se se trata do grego clássico, não mais falado e restrito ao estudos literários e filológicos ou, ao contrário, do grego moderno), tem-se ao menos uma língua morta, fato que, por si só, já a afasta do quadro atual de impacto geopolítico das línguas; finalmente, há a menção a línguas africanas, igualmente pouco contundentes no que diz respeito às relações de força entre as línguas do mundo.

Como desenvolvimento deste mesmo aspecto, ainda, as respostas obtidas para a questão de número 12 *("Há alguma língua estrangeira que você jamais estudaria? Qual(ais)? Explique"*.) parecem também apontar para a influência da mesma ordem de fatores.

Nas respostas obtidas para a pergunta em questão, é notável, em primeiro lugar, a alta incidência da menção a não haver línguas que jamais despertariam o interesse dos entrevistados: reunidos os informantes que afirmam categoricamente a inexistência de qualquer língua que não lhes desperte interesse e aqueles que, hesitantes, não mencionam língua alguma, atinge-se a porcentagem de 64,70% (22 em 34 informantes).

[150] No caso do russo, diga-se, pode-se inclusive, em larga medida, vincular tal língua também ao mundo oriental, uma vez que, como se sabe, a Rússia representa uma das zonas de transição entre Ocidente e Oriente.

Entre as respostas mais representativas de tal aspecto, figuram as declarações de M5 e M11:

M5) Não, eu gosto de estudar línguas e as particularidades de cada cultura. Então, estudaria várias línguas se tivesse tempo, mas sem discriminação.

M11) Não, considero que aprender uma nova língua permite conhecer muitas coisas, outras culturas, portanto, quando se nega totalmente a possibilidade de aprender determinada língua, perde-se grandes possibilidades de conhecer coisas novas.

Neste quesito, é possível que tal fato, mais uma vez, deva-se em algum grau à particularidade do público em questão: conforme dito, trata-se de indivíduos os quais, por conta da própria formação universitária, tendem a ter, de modo geral, maior familiaridade com os estudos linguísticos (conforme a resposta de M11 parece sugerir) e, portanto, tendem a ter uma visão em geral mais crítica no que diz respeito aos "preconceitos linguísticos"; dito de outro modo, trata-se de indivíduos cuja trajetória acadêmica tende a tê-los imbuído, em alguma medida, justamente de aspectos tais como a influência dos jogos de força entre as línguas sobre as representações individuais que delas se fazem.

De todo modo, manteremos, contudo, em suspenso este aspecto, precisamente por termos em conta as diversas representações históricas e culturais que tradicionalmente circunscrevem as diversas línguas, mas, sobretudo, pelo fato de que, ainda sobre tais representações, parece-nos razoável questionar a medida em que, de fato, os indivíduos são capazes de desenvolver postura independente, "descompromissada", não obstante as possíveis problematizações teóricas às quais, como dito, por conta do curso acadêmico que seguem, os entrevistados tendem a ter tido acesso.

Assim, entre todas as respostas as quais sustentam não haver línguas cujo estudo pareça desinteressante (das quais transcrevemos abaixo as mais representativas), as declarações dos informantes abaixo referidos, nitidamente menos categóricos em suas negativas, parecem entremostrar, nas modalizações de seus discursos ("penso que não", "a princípio nenhuma", "não especialmente"), uma adesão menos veemente a tal ideia:

M8) Penso que não.

M12) Acho que não. Sempre tem aquela que queremos muito e aquela que queremos pouco, mas acho que não excluiria nenhuma da lista.

M14) Creio que não.

S1) A princípio nenhuma.

S3) Não, não conheço nenhuma língua estrangeira que não me pareça interessante.

S6) No momento, não.

S10) Não especialmente.

S12) Não penso em nada que me impediria de estudar uma língua.

Por outro lado, ainda no que toca à mesma questão de número 12, entre os entrevistados os quais, por sua vez, registram a menção a ao menos uma língua cujo estudo não lhes despertaria interesse (12 em 34, ou 35,29%), têm-se as seguintes respostas[151]:

M3) Jamais estudaria espanhol. De-tes-to o som!

M10) Latim ou alemão, pois acho muito difícil [sic] as declinações. Já estudei Latim como matéria obrigatória, mas eu não gostava. Achava muito difícil de colocar em prática.

S8) Italiano. Eu tenho pavor dessa língua. (Desculpe pela sinceridade!)

O informante M3 utiliza como justificativa para o desinteresse pelo espanhol o desgosto pela sonoridade da língua, de maneira, aliás, análoga ao que já pudemos discutir a respeito da atração de diversos entrevistados em relação ao francês; a resposta de M10, revelando certo grau de conhecimento "técnico" de ao menos uma das duas línguas mencionadas (o alemão e o latim) denota sobretudo suas representações a respeito da língua enquanto "sistema linguístico", além de, igualmente, fazer referência, no caso do latim, à distância entre esta língua e as possíveis vivências práticas às quais, pode-se supor, o informante acredita que as línguas devam se relacionar.

Quanto ao informante S8, por sua vez, diga-se que, além de expressar veementemente seu desgosto pela língua italiana, o entrevistado põe entre parênteses uma afirmação a qual, em alguma medida, pode remeter, ainda que de maneira pouco evidente, às considerações que tecemos acima quanto às particularidades da população do estudo.

Neste aspecto, mais precisamente, cumpre notar o fato de que, em sua resposta, o entrevistado mobiliza uma estratégia discursiva que incide sobre uma noção a qual,

[151] Para a questão de número 12, o informante S5 apresentou a seguinte resposta, a qual, embora registremos aqui, não fornece maiores oportunidades de análise: S5) Português, porque já conheço.

com a pesquisadora Ruth Amossy, chamaremos de *imagem de si* no discurso ou, ainda, de *ethos*:

> Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu autorretrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. (AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 9).

A construção de um *ethos*, ou seja, a apresentação de uma imagem de si através do discurso, além de inerente a todo ato de fala (tendo em conta, precisamente, o fato de que todo enunciado remete necessariamente a um interlocutor[152]), representa, assim, uma das instâncias em que se desenvolve a mútua dependência entre as figuras do locutor e do interlocutor.

Como prolongamento necessário desse aspecto, Ruth Amossy sintetiza do seguinte modo os desdobramentos da reciprocidade discursiva a qual, entre os parceiros, dá-se no nível das construções das imagens de si de ambos os envolvidos:

> A construção especular da imagem dos interlocutores aparece igualmente na obra de Michel Pêcheux, para quem A e B, nas duas pontas da cadeia de comunicação, fazem uma imagem um do outro: o emissor A faz uma imagem de si mesmo e de seu interlocutor B; reciprocamente, o receptor B faz uma imagem do emissor A e de si mesmo. (Idem, p. 11).

Em nosso caso, a estratégia de construção do *ethos* do informante S8, conforme dito, explicita-se através da frase posta entre parênteses pelo entrevistado (*"Desculpe pela sinceridade"*); por meio dela (e corroborando, justamente, o caráter "especular" da apresentação discursiva de si), o informante parece dar mostras tanto do *ethos* com que representa para si o pesquisador, além de procurar estabelecer, igualmente, uma imagem conveniente de si.

Dito de outro modo, parece legítima a interpretação segundo a qual o entrevistado, consciente da situação de comunicação representada pelo questionário e, deste modo, cioso da opinião do pesquisador a respeito de sua declaração, procura nuançá-la com o pedido de desculpas; parece-nos razoável, assim, supor que o fato de o

---

[152] Cf. AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 10-11.

pesquisador ser também um egresso da faculdade de Letras (fato conhecido pelos informantes) o tenha tornado, ao menos aos olhos do informante em questão, um indivíduo o qual, a princípio, partilharia, globalmente, de seus mesmos conhecimentos linguísticos e, conforme dito, tenderia, também ele, a estar familiarizado com as problematizações a respeito das línguas; a modalização efetivada pelo entrevistado, assim, poderia ser interpretada como uma forma de conciliar, de um lado, a franqueza de sua resposta e, de outro, sua imagem perante o pesquisador.

Neste ponto, retomando a discussão quanto às línguas pelas quais os entrevistados declaram não ter interesse (e para além das respostas as quais, conforme visto, aludem ao espanhol, ao latim, ao alemão e ao italiano), cumpre notar, ainda entre os 12 entrevistados que mencionam ao menos uma língua que jamais estudariam, a prevalência da menção a línguas orientais (sobretudo o chinês), mas também a línguas indígenas e africanas. Conforme se observa através das respostas abaixo transcritas, todos os demais entrevistados fazem menção a tais línguas:

M6) Penso que mandarim, ou alguma outra língua oriental. Particularmente acho muito, mas muito difícil entender o sistema tonal do mandarim.

M7) Não tenho muito interesse em línguas orientais. Fiz mandarim por um ano e não me cativou.

M9) Eu jamais estudaria línguas indígenas, africanas e algumas orientais como árabe simplesmente por falta de interesse.

M13) Jamais estudaria as línguas orientais, pois elas demandam muito tempo e esforço, além de não se relacionarem com outras áreas de meu interesse.

M15) Chinês, árabe. Não me identifico com as culturas dos países em que são faladas.

M17) Tupi. Porque uma língua é mais facilmente aprendida quando existe algum interesse pela cultura de seu povo. E eu não possuo interesse em aprofundar meus conhecimentos acerca da cultura indígena.

S2) Chinês, pela dificuldade no aprendizado e por não enxergá-la como uma ferramenta necessária.

S4) Sim. Jamais estudaria chinês. É uma língua muito difícil e, de difícil, já estudei alemão.

Novamente, cumpre afirmar que não nos parece gratuita a predominância da menção aos grupos de línguas em questão: a exemplo da argumentação acima apresentada a respeito das diferenças de prestígio e das relações de força entre as línguas (mas também, na mesma direção, quanto ao lugar da França e da língua francesa no imaginário ocidental) parece razoável, da mesma maneira, associar o desinteresse dos entrevistados às posições ocupadas por tais línguas e por seus respectivos países e/ou civilizações.

No caso do chinês, embora, como se sabe, o desenvolvimento econômico e geopolítico da China venha alçando, nos últimos anos, esta língua a um patamar de

relativo interesse, vale lembrar que tal fenômeno parece, de todo modo, incipiente; quanto às demais línguas orientais (mas também no que diz respeito às línguas "indígenas" e ao tupi), trata-se, como sabido, de línguas e civilizações associados à colonização europeia, fator histórico e cultural o qual, necessariamente, relega tais línguas a uma esfera de prestígio e de influência indiscutivelmente mais frágil.

Assim, parece-nos que, para além das considerações a respeito da "dificuldade" em aprender as línguas em questão, a mencionada "falta de interesse", de identificação ou, ainda, o fato de não se reconhecer em algumas das línguas em questão uma "ferramenta necessária" (como declara S2 a respeito da língua chinesa) apontam, justamente, na direção do lugar histórico e socialmente ocupado por estas línguas na sociedade ocidental.

Neste ponto, finalmente, sempre tendo em conta as representações da população do estudo quanto às línguas em geral, analisemos os aportes trazidos pelas respostas à questão de número 27 *("Se só lhe fosse possível, de hoje em diante e para a vida toda, falar uma única língua, qual língua você gostaria que fosse? Por quais razões? Explique").*

Em primeiro lugar, no que diz respeito à pergunta em questão, a menção ao português é francamente majoritária: 23 dentre os 34 entrevistados (67,64%) aludem à língua portuguesa; em seguida, o inglês figura com uma frequência de 14,70% (5 em 34 informantes).

Tendo em conta, justamente, além do largo predomínio do português como resposta, o fato de que, até este ponto, as representações quanto às demais línguas citadas[153] já puderam ser suficientemente discutidas, mencionemos brevemente as representações dos entrevistados quanto à língua portuguesa.

O interesse da prevalência do português como resposta à circunstância hipotética sugerida pela pergunta em questão, diga-se, reside exatamente no fato de que revela, por parte dos entrevistados, suas representações a respeito de sua língua materna.

Entre as justificativas apresentadas pelos informantes, conforme se pode observar, figuram sobretudo noções tais como pertencimento, autoexpressão, entre outros:

M6) Acho difícil responder esta questão. Penso que português, pois a minha identidade está ligada ao português.

[153] Com exceção do informante M1, que faz menção à língua celta, todos os demais 5 entrevistados aludem ao francês como resposta à questão de número 27. Em relação ao celta, aliás, acreditamos ser possível estender as observações as quais, até o momento, apresentamos quanto às línguas de inscrição geopolítica mais tênue no jogo de força entre as línguas do mundo

M11) O português, minha família não tem conhecimento de outro idioma e as referências culturais que constroem minha identidade foram adquiridas a partir da língua materna.

S1) Desse modo arbitrário, seria o português pela "naturalidade" com me movo nela.

S3) O português. É a língua com a qual eu me reconheço e identifico, a falo desde criança… Uma espécie de apego, como dizem por aí.

S15) Português. Porque foi a língua que me formei [sic], ela faz parte de quem eu sou e como me identifico, de qual grupo sociocultural tenho origem e a qual o presente se move. Não consigo me imaginar não falando português, não pensando e interagindo em português.

S16) Português. Por ser a que melhor me serve para expressar-me.

Conforme se verifica, as declarações dos informantes dão conta, precisamente, do papel fundador exercido pela língua materna no que diz respeito à estruturação subjetiva dos indivíduos, não apenas no nível cognitivo, mas igualmente no âmbito de suas relações e de sua afetividade[154].

Cumpre destacar, além disso, o fato de que, não obstante as peculiaridades individuais no que toca ao processo de apropriação de língua estrangeira, a língua materna, ao mesmo tempo em que suas ligações com a conformação subjetiva dos indivíduos, de fato, é sempre convocada durante tal processo. De acordo com a pesquisadora Christine Revuz:

> [...] o exercício requerido pela aprendizagem de uma língua estrangeira se revela tão delicado porque [...] solicitam-se as bases mesmas de nossa estruturação psíquica, e com elas aquilo que é, a um só tempo, o instrumento e a matéria dessa estruturação: a linguagem, a língua chamada materna. Toda tentativa para aprender uma outra língua vem perturbar, questionar, modificar aquilo que está inscrito em nós com as palavras dessa primeira língua. (REVUZ, 1998: 217).

Assim, a ampla maioria dos entrevistados, diante da situação hipotética de que uma língua estrangeira viesse substituir-se, "de hoje em diante e para toda a vida", à língua portuguesa (em suas experiências cotidianas, em suas relações com o mundo e consigo mesmos)[155] reafirmam, justamente, a importância do laço estabelecido entre os

---

[154] "Muito antes de ser objeto de conhecimento, a língua [materna] é o material fundador de nosso psiquismo e de nossa vida relacional". REVUZ, Christine. *A língua estrangeira entre o desejo de um outro e o risco do exílio*. In: SIGNORINI, Inês (org). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. São Paulo: Fapesp, 1998, p. 217.

[155] Na hipótese, aliás, em que tal "substituição" efetivamente se desse, a exemplo de casos de indivíduos os quais, por circunstâncias diversas, passam a ter numa língua originalmente estrangeira a "sua" língua, a

sujeitos e sua língua primeira: a resposta de S15, sobretudo, ilustra amplamente a natureza de tal relação.

4.7. Eixo de análise n° 3: O lugar subjetivo ocupado pela língua francesa

E3) O lugar subjetivo ocupado pela língua francesa (espaços de resistência, de refúgio, de "invenção de si")

No que diz respeito ao presente eixo de análise, cumpre, um primeiro lugar, retomar brevemente alguns aportes trazidos por questões já abordadas por ocasião dos eixos de número 1 e 2, entre as quais se destacam, sobretudo, as perguntas abaixo transcritas:

4) Quais objetivos levam ou levaram você a estudar francês? Explique.

(Exemplos: formação profissional e/ou pessoal; acesso a obras literárias ou técnicas no original; objetivos de viagem; outros)

22) Em quais atividades da sua vida cotidiana o francês está presente?

27) Se só lhe fosse possível, de hoje em diante e para a vida toda, falar uma única língua, qual língua você gostaria que fosse? Por quais razões? Explique.

A recapitulação de tais questões encontra sua justificativa, diga-se, em virtude da interdependência estabelecida entre cada um dos dispositivos de análise estipulados pelo presente trabalho, sem prejuízo, de acordo com o que temos apresentado, da perspectiva central particular a cada um deles.

Assim, em relação à questão de número 4, por exemplo, é possível associar também à inscrição da língua francesa na subjetividade dos entrevistados as declarações as quais, conforme analisado anteriormente[156], dão conta de representações tais como a "beleza" do francês ou sua "importância" no quadro geral das línguas do mundo,

---

língua cotidiana, aquela em que passam a se desenvolver suas vivências e suas relações, caberia mesmo indagar: a "nova língua" guardaria, de fato, o mesmo *status* de "estrangeira"?

[156] Cf. *4.5. Eixo de análise n° 1: As representações dos informantes quanto à língua francesa*.

aspectos que se manifestam, também, no papel aparentemente exercido pela literatura francesa no imaginário dos informantes, conforme discutido.

Da mesma maneira, as respostas obtidas para a questão de número 22, explicitando, de modo geral, a esfera acadêmica como o núcleo primordial das práticas em francês dos informantes (mas também, por outro lado, a presença relativamente expressiva desta língua em atividades culturais e de lazer ou, ainda, na relação com amigos e conhecidos, por exemplo)[157], contribuem, igualmente, no que diz respeito a traçar os contornos subjetivos da língua francesa para a população do presente estudo.

Quanto à questão de número 27, finalmente, abordada por ocasião de ambos os eixos de análise imediatamente anteriores, tem-se, basicamente, a mesma ordem de elementos suscitados pela quarta questão (as representações e o lugar ocupado pelo francês no imaginário dos informantes)[158], sobretudo no que concerne ao primeiro eixo de análise, uma vez que, como visto, o francês não figura de maneira expressiva entre as línguas mencionas na situação hipotética proposta pela questão[159].

A partir deste ponto, assim, debrucemo-nos sobre as análises propiciadas por outras das questões cujo foco, mais especificamente, aponta na direção do espaço descrito pela língua francesa na subjetividade dos entrevistados:

7) Quando e onde se deu o seu primeiro contato com o estudo do francês?

21) Quais pessoas do seu cotidiano são referência, para você, de domínio do francês? Por quê?

23) Você se depara com alguma influência do francês no seu cotidiano de língua materna? Se sim, com qual(is) influência(s)? Em qual(is) situação(situações)? Explique.

24) Você sente necessidade de usar palavras ou expressões do francês no seu cotidiano de língua materna? Se sim, em quais situações? Se não, por qual(is) motivo(s)?

26) Você possui objetos de uso pessoal que remetam à França ou à língua francesa, como roupas, chaveiros, adesivos etc? Se sim, quais?

29) Você já sonhou ou sonha que está ou estava falando francês? Se sim, como foi?

30) Que benefícios você sente ou recebe por falar ou estudar francês?

No que tange à questão de número 7 (*"Quando e onde se deu o seu primeiro contato com o estudo do francês"?*), diga-se, ainda que se trate, em larga medida, de traçar a cronologia do estudo de língua francesa, as circunstâncias iniciais de tal estudo

[157] Cf. *4.3. Socialização e práticas em língua francesa*.
[158] Cf. *4.5. Eixo de análise n° 1: As representações dos informantes quanto à língua francesa*.
[159] Cf. *4.6. Eixo de análise n° 2: As representações dos informantes quanto às línguas em geral*.

participam, igualmente, da caracterização geral do lugar ocupado pela língua francesa na subjetividade dos entrevistados.

Assim, 38,23% dos entrevistados (13 em 34)[160] declaram ter tido o primeiro contato com o estudo de língua francesa durante o início do próprio curso da Universidade de São Paulo, de acordo com o que se verifica pelos exemplos abaixo:

M4) Em 2012, na graduação.

M6) O meu primeiro contato foi em 2013 quando iniciei a habilitação em francês.

M18) Na universidade, durante a aula de apresentação do curso.

S3) Durante o primeiro [ano] da graduação em língua francesa na FFLCH-USP.

Por outro lado, 14,70% dos informantes (5 em 34)[161] afirmam ter tido o primeiro contato com o estudo do francês no quadro institucional da Universidade de São Paulo, antes da Graduação em Francês, através dos cursos de idiomas oferecidos pela USP, conforme os seguintes exemplos:

M16) Em 2012, em um curso do centro de línguas da FFLCH [Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP].

S11) Um semestre antes de entrar na habilitação em francês, estudei a língua no Núcleo de Estudos em Línguas estrangeiras da Faculdade de Filosofia [NELE].

S16) Na Letras em 2008, mais especificamente no NELE, com aulas extra-curriculares.

Também antes do ingresso no curso de Letras, igualmente, quer em escolas de idiomas ou em outras modalidades de cursos, 26,47% (9 em 34)[162] dos entrevistados relatam ter vivenciado o primeiro contato com o estudo da língua francesa, de acordo com o mostram os exemplo abaixo transcritos:

M8) Numa escola de língua (AEC) um pouco antes de entrar na USP em 2012.

M11) Quando eu tinha 13 anos fiz um curso em uma escola de idiomas.

---

[160] M4, M6, M7, M10, M12, M13, M17, M18, S3, S6, S10, S13 e S15.
[161] M3, M16, S11, S12 e S16.
[162] M8, M11, M14, M15, S2, S5, S7, S9 e S14, embora a resposta de M14 não seja exatamente explícita a respeito da modalidade do curso seguido antes da Graduação em Francês (Cf. *Anexo B*).

S14) Meu primeiro contato com o estudo de Francês se deu no programa estadual do "Centro de Estudos de Línguas", da cidade de Osasco, quando tinha 14 anos.

4 informantes, ainda, aludem ao autodidatismo como contato inicial com o aprendizado do francês; merecem especial menção os casos dos informantes M1, M2 e S8; no que diz respeito a M1, é relevante apontar que o *estudo* do francês (requisitado na pergunta que lhe foi submetida) teve seu início provocado pela *curiosidade* espontânea da entrevistada, no ambiente doméstico e marcado pela influência materna, ainda que indireta; M2, de maneira semelhante, situa sua relação inicial com a língua no âmbito de uma atividade artística, o teatro, embora não diferencie claramente entre o primeiro contato com o aprendizado da língua e a *necessidade* de aprendê-la e nem, por outro lado, desenvolva nitidamente as circunstâncias de tal necessidade; quanto a S8, por sua vez, o fato de o primeiro contato com o *estudo* do francês ter sido deflagrado por uma atividade relacionada, *a priori*, ao *lazer*, caracteriza uma relação com a língua francesa (inicial, ao menos) expressamente vinculada ao lúdico.

Quanto à questão de número 21 ("*Quais pessoas do seu cotidiano são referência, para você, de domínio do francês? Por quê"?*), justamente de acordo com nossas expectativas prévias (tendo em conta, conforme discutido anteriormente, as características gerais da população do estudo), os professores[163] são mencionados por 70,58% dos entrevistados (24 em 34); colegas de turma ou conhecidos são citados por 44,11% dos informantes (15 em 34). Entre as respostas mais significativas obtidas para a pergunta em questão, figuram as declarações abaixo reproduzidas:

M3) Meus professores e uma colega de classe na graduação – percebo nitidamente seu progresso de 2013 para cá. [...]

M6) Meus colegas de turma e os professores "brasileiros" de francês. Os colegas de turma são referência em relação ao meu progresso individual, muitos iniciaram o francês do "zero" assim como eu, e em relação aos professores "brasileiros" penso que é pelo fato deles compreenderem as dificuldades que temos específicas de domínio do francês.

M9) Dois professores são referência para mim: a professora D., da área de Literatura, por falar francês de forma natural e bela de se ouvir e por ter francês como língua estrangeira e o professor V. por ser francês, de forma que me permite reparar a maneira "francesa" de falar a língua.

M13) Meus colegas de turma são minhas referências, pois passaram pelas mesmas experiências de aprendizado que eu.

M16) Meus professores da graduação e alguns colegas já formados, pois falam/escrevem/entendem o idioma muito bem, a ponto de poderem ensiná-lo. Além disso, alguns são nativos.

[163] Os professores do curso de Graduação em Francês, na imensa maioria dos casos, exceção feita apenas ao informante S5, que menciona uma professora particular (Cf. *Anexo B*).

S7) A profa. D.; uma colega que já é professora de francês (viveu na França por um ano); profa. J.. Tenho grande prazer em ouvir o francês dessas pessoas, pela pronúncia, cadência sonora e fluência.

S8) O professor Z., por apresentar um domínio nativo da língua, e alguns de meus colegas cujo nome desconheço. Tenho dois conhecidos franceses que também representam referências para mim.

Note-se, em primeiro lugar, o fato de a pergunta em questão ter sido formulada tendo em conta, precisamente, o papel da socialização linguística no que diz respeito ao processo de apropriação de língua estrangeira, de acordo com o que já pudemos discutir.

Assim, além do fato de os professores, de maneira geral, e também os colegas de turma e os conhecidos representarem um importante elo social em torno do qual o processo de apropriação se desenvolve, algumas declarações dão pistas, igualmente, dos elementos que atuam, na subjetividade dos indivíduos, associados a tais figuras.

A resposta de M6, por exemplo, no que diz respeito aos professores, revela certo grau de identificação com os professores "brasileiros", através da concepção segundo a qual aqueles, provavelmente por apresentarem um domínio "inequívoco" da língua, tenderiam a apresentar certa "cumplicidade" em relação aos aprendizes no que concerne ao aspecto pedagógico da apropriação[164].

Em relação às aspas que o informante emprega, aliás, em ambas as vezes em que se refere aos professores "brasileiros", formulamos uma hipótese na qual comparece, em razoável medida, a própria experiência subjetiva do pesquisador, egresso da mesma faculdade e ex-aluno dos mesmos docentes.

Quer-nos parecer que o entrevistado as utiliza em referência ao fato de haver, no curso de Francês da FFLCH-USP, além de professores sabidamente franceses e brasileiros, professores de outras nacionalidades os quais, por sua expressão oral em português, frequentemente não são percebidos como "estrangeiros" pelos estudantes. A resposta de outro dos entrevistados à mesma questão, inclusive, corrobora nossa afirmação, ao caracterizar como brasileira uma professora a qual, sabemos, é natural de outro país:

M1) [...] gosto da professora B., que é brasileira mas sabe falar o francês em vários sotaques – isso para mim é uma característica que se refere ao domínio de uma língua.

[164] Tal concepção, aliás, incide também sobre o foco de interesse mais específico do quarto eixo de análise da presente pesquisa, que dá conta das representações dos informantes quanto ao processo de apropriação da língua francesa ((E4) Aprendizagem-apropriação da língua francesa (motivação-investimento, gestão pessoal da aprendizagem, obstáculos-bloqueios)).

Acreditamos que, a exemplo de M1, M6 não conheça a nacionalidade de todos os professores (tendo, entretanto, ciência deste fato) e tenha desejado expressar, por meio das aspas, tanto o fato de saber que o francês não é a língua materna de alguns deles (embora, provavelmente, sem saber quais seriam estes exatamente), quanto a não percepção geral destes como não brasileiros.

Cabe, neste sentido, uma breve digressão a fim de problematizar tanto o termo "professores *sabidamente* franceses e brasileiros", que empregamos acima, quanto as declarações de M1 a respeito dos "sotaques" da professora B.

Em primeiro lugar, no que diz respeito a "saber" a nacionalidade ou, correlativamente, a "comunidade linguística de origem" dos professores (e dos indivíduos em geral, diga-se), é possível afirmar, do ponto de vista mais propriamente linguístico, que a percepção da diferença ou da semelhança em relação às representações que os indivíduos se fazem de suas línguas maternas (sob a ótica da produção oral, sobretudo) constitui o fator imediatamente decisivo para a designação do outro como "estrangeiro" ou não.

Isto devido ao fato de que, não obstante as diversas possibilidades de variações intrínsecas a todas as línguas (sobretudo no nível prosódico, no caso que nos interessa, mas, igualmente, nos planos lexical ou mesmo sintático), os indivíduos são normalmente levados a representar para si o "limite" entre a "língua própria" e a língua "do outro"[165]; tal diferenciação, aliás, é igualmente estabelecida, como se sabe, mesmo no âmbito da língua dita materna, através da percepção das variedades geográfica ou social, por exemplo.

Deste modo, a partir da referência às representações quanto à "própria" língua, o "outro", através de seu falar, tenderia, geralmente, a deixar rastros mais ou menos visíveis de seu pertencimento a uma comunidade linguística "estranha", sendo precisamente o nível prosódico (o "sotaque"), a atestação imediata e "inequívoca" de sua "estrangeiridade"; de maneira correlata, vale dizer, mesmo o nome próprio de cada indivíduo pode apontar igualmente, na mesma direção[166].

No que diz respeito à professora B., justamente, a percepção de M1 segundo a qual a professora falaria a língua francesa ("estrangeira" também para ela) em "vários sotaques" parece, assim, não apenas demonstrar seu "perfeito" domínio desta língua aos olhos do entrevistado como, ainda, pode sugerir que tal capacidade se estende também à

---

[165] Neste sentido, a pesquisadora Maria José Coracini, em sua obra *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade* (CORACINI: 2007), problematiza justamente a suposta estabilidade do espaço de delimitação entre a língua "materna", do gozo e do repouso, e a língua "do outro". Para um contanto mais aprofundada com a discussão do assunto, ver especialmente o capítulo 7, *O espaço híbrido da subjetividade: o (bem) estar/ser entre línguas*.

[166] A este respeito, por exemplo, mencionemos que o nome da informante S4 (de mãe francesa e a qual afirmamos anteriormente ser a única que declarou ter no francês sua língua materna) é flagrantemente "francês".

língua portuguesa do Brasil, o que explicaria sua não identificação, por parte do informante, como “estrangeira”.

Retomando, assim, as considerações quanto à identificação dos informantes com os professores falantes “estrangeiros” do francês, a resposta de M9 também aponta, ao menos em parte, na mesma direção do que se observou para M6 (isto é, para a sensação de “cumplicidade” com o professor não nativo), ao enfatizar a forma “natural” e “bela” com que sua professora, falante estrangeira de francês, se exprime nesta língua.

Inversamente (e remetendo, desta vez, ao lugar-comum que outorga uma posição de legitimidade “natural” ao falante nativo de uma língua, entendido como uma espécie de “bom selvagem linguístico”[167]), a resposta do mesmo entrevistado M9 destaca o fato de seu professor ter no francês sua língua materna, a exemplo do que afirma S8 em quanto a outro de seus professores.

A relevância atribuída à “natividade linguística”, aliás, figura também nas declarações a respeito de colegas e conhecidos, de acordo com o que se verifica nas respostas dos informantes M16 e S8, ainda que, globalmente, no que respeita à importância destes como referência para os entrevistados, predomine o histórico comum das experiências de aprendizagem do francês.

Note-se, ainda, nas considerações dos informantes M16 e S7, a relevância atribuída à prática do ensino de francês, por parte dos colegas, como fator legitimador do domínio da língua: M16 menciona colegas já formados, que “falam/escrevem/entendem” o francês *a ponto de* poder ensiná-lo.

No que diz respeito às questões de número 23 e 24, novamente transcritas abaixo, julgamos conveniente empreender uma análise conjunta e complementar, tendo em conta o fato de, conforme se verifica, a intenção investigativa de ambas as perguntas ser, basicamente, a mesma.

23) Você se depara com alguma influência do francês no seu cotidiano de língua materna? Se sim, com qual(is) influência(s)? Em qual(is) situação(situações)? Explique.

24) Você sente necessidade de usar palavras ou expressões do francês no seu cotidiano de língua materna? Se sim, em quais situações? Se não, por qual(is) motivo(s)?

---

[167] A expressão é do linguista Kanavillil Rajagopalan, em sua discussão epistemológica a respeito da noção de identidade no âmbito da linguística atual. Cf. RAJAGOPALAN, Kanavillil. *O conceito de identidade em lingüística: é chegada a hora para uma reconsideração radical?*. In: SIGNORINI, Inês (org). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. São Paulo: Fapesp, 1998.

Vale registrar, a tal respeito, que a complementaridade entre as duas questões, propositadamente colocadas em sequência, pôde dirimir um equívoco de interpretação por parte de uma parcela dos entrevistados: com ambas as questões, procuramos investigar, com efeito, a amplitude das possíveis imbricações, no plano subjetivo, entre as línguas francesa e portuguesa para os indivíduos em processo de apropriação.

Não eram esperadas, portanto, para a pergunta de número 23, respostas como as que transcrevemos abaixo, as quais dão conta, basicamente, da presença "linguístico-social" do francês no cotidiano dos entrevistados:

M3) Há diversas palavras oriundas do francês. Apenas nesse contexto [...].

M5) Sim, nos nomes de estabelecimentos comerciais, na culinária.

M10) Sim, em roupas, marcas famosas e restaurantes. A moda da França é bem influente. Vejo, por exemplo, várias pessoas com bolsas da marca Louis Vuitton, ou falando de algum perfume.

S5) Sim. Palavras que possuem origem francesa e que fazem parte do cotidiano.[168]

Cumpre registrar, a este respeito, a possibilidade de que tal equívoco se deva, em algum grau, à formulação textual da questão de número 23. Tendo em conta, porém, o fato de a maioria das respostas obtidas (64,70% ou 22 em 34) apontar na direção esperada (e, sobretudo, devido à quase "redundância" existente entre aquela pergunta e a seguinte, cuja interpretação, aliás, deu-se conforme esperado), o equívoco em questão não representou prejuízo para os interesses da presente pesquisa.

Assim, mantendo no horizonte, de acordo com a perspectiva contida pelo quarto eixo de análise, a investigação a respeito do espaço subjetivo ocupado pelo francês para os entrevistados, obtiveram-se para a questão de número 23 respostas como as que transcrevemos abaixo:

M7) Sim. Muitas vezes quero dizer algo no português com determinada estrutura que "soa" melhor no francês, como por ex. a estrutura do "ne … que" que não existe no português.

S3) Sim, às vezes, durante conversas cotidianas, introduzo algum termo em francês quando falo; por vezes me comunico comigo mesma em francês ou me vejo explicando algo da língua para algum conhecido.

S4) O português interfere no francês porque às vezes as expressões se confundem. Por exemplo: falar "fazer atenção" para "faire attention" ou o contrário também [...].

---

[168] Entre os entrevistados cujas respostas seguem o mesmo padrão, contam-se M3, M5, M10, M13, M16, M17, S5, S10, S12, S14, S15 e S16. (Cf. *Anexo B*).

S7) Sim, às vezes reparo que a minha prosódia na língua portuguesa está alterada, influenciada pela língua francesa.

Do mesmo modo, no que respeita à questão de número 24, algumas das respostas mais significativas encontram-se entre as abaixo reproduzidas:

M3) Sim. São palavras/expressões que poderiam ser ditas em português ou, ainda, quando não quero ser compreendida por meu interlocutor.

M4) Sim, principalmente para tratar de "assuntos" da língua francesa.

M5) Sim, quando converso com amigos lembro de algumas expressões do francês que expressariam a ideia que desejo passar melhor do que as expressões em português.

M9) Sim, em casos melancólicos sobretudo para usar "C'est la vie".

M17) Não é bem uma necessidade, mas tornou-se um hábito meu. Em casa, por exemplo, eu digo "bonjour", "au revoir", e chamo o cachorro de "chien", entre outros. Minha mãe não fala francês, mas acabou aprendendo algumas palavras e se acostumando com o meu uso.

S6) Sim. Às vezes sinto alguns sentimentos que só consigo sentir em francês. Não sei quais situações, vem do nada.

Assim, respostas como as de M7 e M5[169], por exemplo, testemunham, por parte dos entrevistados, a impressão (consciente) da existência de uma maior "adequação" entre o dizer e a "intenção comunicativa"[170] na língua francesa; no caso do informante S4, por outro lado, ainda que se verifique cruzamento subjetivo semelhante entre francês e português, o ponto de contato entre ambas as línguas parece situar-se numa esfera menos consciente: o fato, aliás, de o entrevistado declarar que "as expressões se confundem", sem implicar-se discursivamente no processo, parece corroborar tal interpretação.

As declarações de S3, S7, M3 e S6, por sua vez, revelam uma sedimentação subjetiva possivelmente mais densa no que se refere ao francês: S3, ao dizer *comunicar-se consigo mesma* em língua francesa, demonstra a que ponto esta língua tem passado a integrar, ao mesmo tempo em que sua intimidade, o "espaço de construção de si", inseparável da língua(gem)[171]; S7, por sua vez, ao reconhecer sua prosódia em

[169] A menção aos entrevistados será feita, nesta parte, sem remissão à pergunta específica em análise, uma vez que, dentre as respostas selecionadas para cada uma das duas questões, não há repetição de nenhum informante.

[170] Empregamos o termo entre aspas tendo em conta as problematizações das quais é objeto, justamente, a noção de intencionalidade e de controle do dizer por parte dos indivíduos. Cf. *4.6. Identidade e língua estrangeira: outras perspectivas*.

[171] "É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de 'ego'". (BENVENISTE, Émile.

português “alterada” pela língua francesa, manifesta, justamente, a consciência de um relevante grau de reacomodação linguístico-identitária deflagrada pela experiência de apropriação de língua estrangeira; M3, por outro lado, expressa, além da já referida sensação de incorrespondências do dizer entre ambas as línguas, a experiência subjetiva da língua francesa associada ao desejo de bloqueio entre si e o outro; S6, finalmente, de maneira análoga a M9, destaca a espécie de simbiose afetivo-linguística que entretecem com a língua francesa.

No que tange à questão de número 26 *(“Você possui objetos de uso pessoal que remetam à França ou à língua francesa, como roupas, chaveiros, adesivos etc? Se sim, quais?”*), a qual procurou investigar traços mais propriamente materiais da relação subjetiva dos informantes com a língua francesa, mencionemos, em primeiro lugar, o fato de a maioria dos entrevistados responder afirmativamente à pergunta: 67,64% dos informantes (23 em 34).

Neste sentido, diga-se, ainda que boa parte dos entrevistados aluda também a livros, gramáticas e dicionários (os quais, a princípio, não se vinculavam ao interesse da pergunta em questão, uma vez que se associam a uma vivência subjetiva do francês muito atrelada, conforme discutido, à experiência acadêmico-institucional da Universidade de São Paulo), a intenção expressa dos informantes em mencioná-los como “objetos de uso pessoal” nos induziu a incluir tais itens, do mesmo modo, como indícios materiais do espaço subjetivo descrito pela língua francesa na subjetividade dos indivíduos.

Assim, entre as respostas mais significativas obtidas para a pergunta em questão, encontram-se as declarações abaixo reproduzidas:

M3) Tenho alguns livros, souvenirs que trouxe da França, roupas de frio (sempre viajei no inverno), os quais amo que estejam próximos de mim ou utilizá-los [sic], como o casaco que estou usando hoje.

M4) Eu tenho fotos no meu quarto (não sei se encaixa no objeto de uso pessoal).

M16) Sim, camisetas, chaveiros, cartões postais, uniforme da seleção de futebol, canetas, marca páginas.

S14) Sim, tenho chaveiros, camisetas, bolsas e uso wallpapers que remetem à França (Arco do Triunfo, Rio Senna, Torre Eiffel, etc).

S10) As pessoas costumam dizer que pareço francesa (provavelmente pelo meu cabelo e minhas roupas).

Da subjetividade na linguagem. In: *Problemas de linguística geral I*. Campinas, Editora da Unicamp; Pontes, 1988, p. 284, grifos do autor).

Conforme se verifica, a resposta de M3, mais explicitamente, aponta tanto, de um lado, para a importância simbólica da qual os indivíduos podem dotar os objetos relacionados, de um ou outro modo, à França (mas, da mesma maneira, à língua francesa) quanto, ao mesmo tempo, para a conotação afetiva assumida por tais objetos no que diz respeito a suas subjetividades.

As palavras do escritor italiano Luigi Pirandello (1867-1936), aliás, na obra *O falecido Mattia Pascal*[172] (autor e romance para os quais, sugestivamente, a identidade representa tema constante e crucial), ilustram interessantemente a relação estabelecida entre a subjetividade e os objetos:

> Cada objeto, em nós, costuma transformar-se consoante as imagens que evoca e agrupa, por assim dizer, em torno de si. Certamente, de um objeto podemos gostar também em si mesmo, pela diversidade das sensações agradáveis que suscita em nós numa percepção harmoniosa; mas, com bem maior frequência, o prazer que um objeto nos proporciona não se encontra no objeto em si mesmo. A fantasia o embeleza, cingindo-o e quase que iluminando-o de imagens queridas. E, à nossa percepção, ele não mais se apresenta tal como é, mas como que animado pelas imagens que suscita em nós ou que os nossos hábitos lhe associam. No objeto, em suma, amamos o que nele pomos de nós mesmos, o acordo, a harmonia que estabelecemos entre ele e nós, a alma que ele adquire somente para nós e que é constituída das nossas lembranças. (PIRANDELLO, 1972: 116).

Assim, neste ponto, a reposta da informante S10 merece menção à parte: se, conforme visto, a intenção investigativa da pergunta em questão era, por meio dos *objetos*, identificar os indícios de sua relação subjetiva com a língua francesa (e, *a priori*, num nível mais propriamente pessoal, individual), é possível afirmar que, de fato, o vínculo entre sua subjetividade e a língua estrangeira emerge, aqui, de modo inclusive mais estreito do que se esperava.

Isto devido ao fato de que, além de mencionar, ao lado de suas roupas, outro elemento ao qual sua subjetividade se entrelaça de maneira inclusive mais "orgânica", digamos (o cabelo), a entrevistada o associa, ainda, a outro fator igualmente constitutivo da subjetividade individual, *o olhar do outro*: olhar ao qual a língua francesa, por sua vez, aparece relacionada, precisamente, em razão da imagem de si mesma a qual, de acordo com S10, "as pessoas costumam" lhe dar, ou seja, a imagem de francesa.

---

[172] PIRANDELLO, Luigi. *O falecido Mattia Pascal*. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1972.

Deste modo, ainda no que tange ao lugar subjetivo ocupado pela língua francesa para a subjetividade dos informantes, a questão de número 29 *("Você já sonhou ou sonha que está ou estava falando francês? Se sim, como foi?"*), recorrendo, justamente, aos sonhos, teve por objetivo investigar a penetração do francês no inconsciente dos entrevistados.

Entre as respostas categoricamente afirmativas que se obtiveram (38,23% ou 13 em 34)[173], as mais significativas encontram-se abaixo reproduzidas:

M5) Sim, já sonhei que morava na francês [sic] e conseguia falar fluentemente com todo o mundo.

M6) Sim, várias vezes e sempre estou em algum lugar em que todos estão falando francês e eu consigo me comunicar e entender tudo que estão falando.

M10) Sim, toda vez que tenho alguma apresentação ou avaliação. Geralmente, tenho total domínio.

M11) Já sonhei que estava em aula falando fluentemente o francês. Foi incrível!

M18) Sim, durante a semana de provas, sonhei que estava numa aula de francês e que estava conversando (em francês) com o professor.

S14) Sim, há mais ou menos 6 meses, acredito. Me lembro porque foi a única vez. Foi muito interessante, pois quando acordei, parecia que tinha falado tudo corretamente.

De acordo com o que se verifica, as declarações dos entrevistados dão conta, mais ou menos explicitamente, da satisfação experimentada, nos sonhos, ao se exprimirem na língua de apropriação de maneira "fluente", "correta", com "total domínio"; ou, dito de outro modo, suas considerações dão conta, de acordo com Christine Revuz, do *desejo da língua estrangeira*[174].

O ato falho da resposta de M5, aliás (a qual, ao sustentar que, no sonho, morava *na francês*, estabelece justamente uma espécie de indistinção entre a língua e o país), parece atestar, de fato, a que ponto o processo de apropriação de língua estrangeira pode requisitar a subjetividade dos aprendizes: seria mesmo possível afirmar que, em tal processo, trata-se, em larga medida, não apenas de *habitar a língua* como, igualmente, de *ser habitado por ela*.

Finalmente, em relação à pergunta de número 30 (*"Que benefícios você sente ou recebe por falar ou estudar francês?"*), cujas respostas deram conta, sobretudo, de aspectos tais como benefícios no nível profissional ou cultural (no que diz respeito, por

---

[173] Contam-se, entre estas, as respostas dos entrevistados M1, M2, M5, M6, M9, M10, M11, M17, M18, S4, S7, S9 e S14 (Cf. *Anexo B*).

[174] REVUZ, Christine. *A língua estrangeira entre o desejo de um outro e o risco do exílio*. In: SIGNORINI, Inês (org). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. São Paulo: Fapesp, 1998.

exemplo, a poder ler obras no original francês, poder traduzir ou viajar), transcrevemos abaixo algumas das respostas as quais, uma vez que apontam para um âmbito mais pessoal, nos pareceram especialmente dignas de nota:

M1) [...] É maravilhoso poder ter acessos a outras criatividades e possibilidades de vivências, sou uma só no mundo, e fico feliz em ter a possibilidade de ver pela língua e pelos olhos dos outros, sinto como se estivesse, de certa forma, vivendo várias vidas em uma vida só.

M6) [...] Conhecer outra língua é também conhecer mais a cultura, a história, as idiossincrasias de outros grupos sociais, é ter menos preconceito, mais tolerância, acho que enriquece a vida.

M12) É algo prazeroso. Conhecer mais sobre outra cultura e ver que é possível se expressar para além de sua língua materna me faz sentir mais plural e aberta.

S2) A língua francesa e toda cultura francesa é vista por muita gente como rica e símbolo de cultura, por isso é sempre "impactante" quando pessoas sabem que falo francês, não deixa de ser um benefício.

S6) É sempre motivo de conversa quando conheço alguém novo. E, acredito que pelo caráter romântico e "chique" que deram estereotipadamente aqui no Brasil, quando eu digo que estudo Francês é sempre um ponto a mais na conquista ou como diferencial.

As declarações de M1, M6 e M12, conforme se verifica, aludem à sensação de enriquecimento pessoal promovido por meio da língua em processo de apropriação: M1 afirma ter a sensação de "viver várias vidas em uma só"; M6 aponta inclusive para aspectos humanísticos, digamos, os quais se podem associar à experiência em língua estrangeira, tais como a tolerância, a exemplo da informante M12, a qual se reconhece "mais plural", "mais aberta" diante da "língua do outro".

Por outro lado, no que toca aos informantes S2 e S6, trata-se, novamente, do impacto das representações coletivas a respeito da língua francesa[175]; desta vez, entretanto, tal impacto se apresenta mais explicitamente vinculado à subjetividade dos entrevistados, através do juízo de valor positivo instaurado pelo *olhar do outro*.

4.8. Eixo de análise n° 4: Aprendizagem-apropriação da língua francesa (motivação-investimento, gestão pessoal da aprendizagem, obstáculos e bloqueios na apropriação)

E4) Aprendizagem-apropriação (motivação-investimento, gestão pessoal da

[175] Cf. *E1) Representações e valores a respeito da língua francesa (importância, beleza, grandiosidade, paixão, fascínio).*

aprendizagem, obstáculos-bloqueios)

Tendo em vista a complementaridade e a interdependência entre os eixos de análise estabelecidos pela presente pesquisa, conforme reiterado, acreditamos ser possível, no que diz respeito a este quarto eixo temático (cuja perspectiva se atém às representações dos informantes a respeito do processo de apropriação da língua francesa), concentrarmos nosso interesse precisamente sobre o aspecto dos obstáculos e/ou bloqueios envolvidos no processo.

Isto pelo fato de que, no que toca às motivações e ao investimento dos informantes quanto à apropriação da língua francesa, assim como à gestão pessoal da aprendizagem, os aportes contidos nas análises anteriores, justamente, puderam ilustrar significativamente tais aspectos através, por exemplo, do papel desempenhado pelas atividades culturais e de lazer em relação à sedimentação da apropriação[176] ou, ainda, as representações que associam recorrentemente o francês ao fascínio e à beleza[177].

Deste modo, reproduzimos abaixo as perguntas cujas respostas mais diretamente convergiram para o aspecto que preside, assim, à analise dos obstáculos e bloqueios envolvendo a apropriação de língua francesa por parte da população do estudo:

16) Você tem ou já teve algum desprazer em estudar ou falar francês? Quando e em quais situações?

18) Você já pensou em desistir de aprender francês? Se sim, quando e por quê?

28) Você sente ou já sentiu alguma inibição ao falar francês? Se sim, com quem e em quais situações? Se não, por qual(is) motivo(s)? Explique.

Em relação à questão de número 16, em primeiro lugar, diga-se que, atendo-se a aspectos tão significativos do espaço pessoal como o desprazer, o desconforto (e suscitando, nas respostas, a expressão de emoções e sentimentos tais como a timidez, a ansiedade, o constrangimento), tal questão, além de ajudar a delinear os contornos da relação subjetiva particular de cada informante com a língua francesa, revelou a recorrência de um elemento aparentemente crucial: a experiência didática no contexto acadêmico-institucional da Universidade de São Paulo.

De fato, de acordo com o que já esperávamos, tendo em vista tanto a variedade dos fatores envolvidos no processo de apropriação de língua estrangeira, de um lado,

[176] Cf. *4.3. Socialização e práticas em língua francesa*.
[177] Cf. *4.5. Eixo de análise n° 1: As representações dos informantes quanto à língua francesa*.

quanto a amplitude da "implicação de si" exigida pela tarefa, a minoria dos informantes relatou jamais ter experimentado qualquer desprazer.

Dentre os 34 entrevistados, 9 indivíduos (26,47%) responderam com uma negativa categórica[178], 25 informantes tendo explicitamente relatado que sim.

As razões atribuídas ao desprazer experimentado em estudar ou falar francês quase em nada variaram, restringindo-se basicamente a 2 grupos de razões, provavelmente relacionáveis entre si:

(a) *o sentimento de frustração, de constrangimento ou de ansiedade em relação a algum aspecto das práticas de língua*;

(b) *as vivências didáticas experimentadas na faculdade de Letras da Universidade de São Paulo*.

No primeiro grupo de razões, menos notável em comparação com o segundo (6 de 25 informantes), encontram-se as afirmações transcritas abaixo:

(a)

M1) Não há desprazer em estudar, já o falar acho bem desagradável, atrapalha minha posição de observadora participante.

M10) Sim. Em falar, muitas vezes pela vergonha ou por causa de alguma correção que me fizeram, de modo que me senti exposta. Em estudar, acho que existe uma fase, na qual estou, em que não percebo muito progresso, mas sinto muita cobrança de mim e de alguns professores que colocam os alunos em um "mesmo nível".

M17) A questão do sotaque, para mim, é sempre um problema. Apesar de entender muito bem filmes franceses, tenho dificuldades, por exemplo, em compreender a fala do Québéc, Canadá.

S9) Sim, nos momentos de dificuldades na leitura de textos literários ou de notícias. Nos momentos em que afastei dos estudos – o retorno foi penoso.

S12) Tenho desprazer quando preciso falar algo e não consigo, por exemplo quando um professor questiona algo e não compreendo.

Em linhas gerais, conforme se observa, a primeira ordem de motivos a dar conta do desprazer vivenciado pelos informantes restringe-se, basicamente, a dificuldades ligadas à realização supostamente satisfatória de tarefas como a leitura, a compreensão e mesmo à não adequação à ideia de "progresso" linguístico forjada pelo informante.

[178] M9, M11, M14, M15, S2, S5, S7, S14 e S16.

Merecem destaque, por outro lado, as afirmações de M1, que parecem deixar entrever algo de sua relação particular com a interação oral (e, portanto, interpessoal) em francês, aparentemente marcada por uma espécie de reserva, já que a prática oral perturbaria seu desejo de "observação participante".

As declarações de M10, por sua vez, merecem igualmente menção pelo fato de que nos parecem articular os dois grupos de razões para o desprazer no estudo e/ou na prática de língua estrangeira: embora reserve a ênfase de sua argumentação sobre sentimentos como cobrança e vulnerabilidade ("me senti exposta"), revelando, assim, sobretudo sua própria vivência particular, subjetiva com o francês (a exemplo do que a resposta de M1 parece sugerir), o informante também associa tais sentimentos ao contexto pedagógico, através das figuras dos professores e dos colegas, ainda que não atribua seus desconfortos especificamente às práticas didáticas.

M10, assim como M1 (mas de maneira certamente mais explícita), traz à tona o impacto de interpessoalidade enquanto fator ligado às vivências subjetivas em relação à língua estrangeira: a autocomparação de seu desempenho em relação ao dos colegas e o julgamento dos professores em relação a tal desempenho mostram-se claramente como elementos que impactam a autoimagem do entrevistado no que diz respeito à língua francesa.

(b)

Em relação ao segundo grupo de razões explicativas do sentimento de desprazer em relação à língua francesa, ou seja, aquele que relaciona tal sentimento às vivências didáticas experimentadas na faculdade de Letras (grupo, conforme dito, mais expressivo do conjunto dos informantes[179]), é possível estabelecer a seguinte clivagem entre as vertentes das respostas:

(b.1) *a não-identificação dos entrevistados com as vivências pedagógicas de maneira geral*;

(b.2) *a figura dos professores.*

(b.1)

M2) Me causa desprazer quando a aula se torna muito aulinha de aquisição de língua; a princípio, sem expandir o uso real da língua em outros locais.

M3) Amo a língua e nunca deixei de encantar-me com ela. Um desprazer, acredito, são algumas aulas…

[179] 19 ocorrências em 25 informantes (76,00% dos casos).

M4) Sim, no começo eu estava animada para aprender francês, mas depois havia uma exigência de nível que eu não conseguia responder e me frustrava.

M5) Sim, quando os outros alunos da sala que eu estava tinham um nível muito mais elevado que o meu. Mesmo sabendo que estava aprendendo, me sentia um pouco constrangida.

M8) Não gosto de exercícios de simulação [subentende-se: praticados durante as aulas do curso de Letras–USP] do cotidiano e não gosto de falar em francês em qualquer situação.

M16) Sim, em alguns momentos de sala de aula e ao fazer determinadas atividades repetitivas ou sem finalidade específica.

S6) Sim, quando me sinto pressionada em sala de aula. De resto, é sempre um prazer.

S8) Sim. Nas aulas da USP, em casa, com colegas… Sinto-me muito constrangida em ter de demonstrar meu domínio do francês.

S10) Sim, em algumas dinâmicas de aula.

S11) Tive no início do aprendizado, por achar o começo da habilitação muito lento no ensino.

S15) Sim. Quando ia mal nas provas mesmo estudando razoavelmente. Ou quando percebi que a maioria da minha sala tinha mais familiaridade com o francês do que eu.

Neste agrupamento de respostas, como se observa, as aulas são apontadas como fonte de desprazer, vivenciado basicamente por conta de duas esferas de razões, também possivelmente relacionáveis:

(b.1.1) *a sensação de inconformidade em relação às práticas didáticas mais propriamente ditas* (“quando a aula se torna muito aulinha de aquisição de língua [...], sem expandir o uso real da língua”, “exercícios de simulação do cotidiano”, “por achar o começo da habilitação muito lento no ensino”, “em algumas dinâmicas de aula”); neste quesito, aliás, seria relevante investigar mais detalhadamente, provavelmente no quadro de um novo estudo, quais aspectos ou quais atividades didáticas, mais objetivamente, estão relacionadas ao desconforto dos entrevistados; supomos, de todo modo, que as respostas a essas indagações permitiria traçar mais claramente as representações feitas pelos entrevistados a respeito daquilo que se poderia considerar como uma “didática ideal”;

(b.1.2) *a sensação de descompasso entre suas próprias competências e o que supostamente seria necessário*; além disso, na direção do que já observávamos sobre as afirmações de M10, a figura do colega de sala e a autocomparação depreciativa entre as próprias competências e as dos demais, provavelmente geradora, em algum grau, de uma *sensação de inferioridade frente aos pares* (“quando os outros alunos da sala que eu estava tinham um nível muito mais elevado que o meu”, “quando percebi que a maioria da minha sala tinha mais familiaridade com o francês do que eu”); entre os informantes que responderam de maneira mais imprecisa à pergunta em questão (M3, M8, M16, S6, S8 e S10), supomos que a mesma ordem de razões esteja subjacente.

(b.2)

M6) Sim, principalmente no primeiro ano de curso. No curso de francês o professor me corrigia de maneira muito deselegante por assim dizer, pensei mesmo em desistir da habilitação, foi realmente difícil. Acho que o único desprazer que tive está relacionado aos professores, realmente gosto muito de aprender francês, de ler e me esforço muito para progredir no idioma.

M7) Em algumas aulas por me sentir pressionada e diminuída por alguns professores (ao cometer algum erro ou hesitar na fala).

M12) Sim. Em algumas aulas me senti bastante pressionada. Às vezes, o professor era bem exigente com a fala e isso me deixava numa situação constrangedora.

M13) Falar francês só foi um desprazer em situações de aula nas quais não o fiz voluntariamente, mas por exigência do professor.

M18) Algumas vezes, quando os professores nos colocam sob uma pressão extremamente desconfortável, ignorando qualquer dificuldade, ou timidez.

S1) Há desprazer em estudar francês diante do descaso e da arbitrariedade de uma parte dos professores do Departamento na graduação. Há ainda desconforto em falar diante de reações de menosprezo ou sarcasmo por parte dos professores.

S3) Sim. Em diversos momentos da graduação diante de professores por vezes mal-educados e opressores.

S13) Sim. Pelo contato com professores ruins.

Como se observa, a menção explícita a professores como sendo o fator-chave do desprazer associado à aprendizagem revela, sobretudo, por parte dos informantes, fatores como o sentimento de ansiedade ("em algumas aulas me senti bastante pressionada", "quando os professores nos colocam sob uma pressão extremamente desconfortável"), constrangimento ("isso me deixava numa situação constrangedora", "diante de professores por vezes mal-educados e opressores") ou mesmo inferioridade ("diante de reações de menosprezo ou sarcasmo por parte dos professores").

Além disso, as respostas dos entrevistados parecem revelar a existência de uma maior associação entre essa esfera de razões (de viés mais afetivo-psicológico, uma vez que incidem justamente no que diz respeito aos sentimentos, negativos nesse caso) e a prática oral.

É possível, inclusive, retomarmos neste ponto as considerações feitas a respeito de M1, para quem a postura de distanciamento em relação à prática oral de língua estrangeira parecia revelar um desejo de reserva ou mesmo de proteção: dentre os 8 entrevistados agrupados na seção acima, 5 foram aqueles cujos relatos se ativeram precisamente à prática da fala ao relatar a experiência do desconforto íntimo associado à figura dos professores.

No que tange, por sua vez, à questão de número 18 *("Você já pensou em desistir de aprender francês? Se sim, quando e por quê?"*), obtiveram-se, entre os 34 entrevistados, 16 respostas afirmativas (47,05%); entre elas, encontram-se, em primeiro lugar, razões de ordem pessoal na justificativa para a possibilidade de desistir do aprendizado do francês tais como, por exemplo: o sentimento de "dificuldade" da língua francesa; a impressão, novamente, de descompasso quanto à própria capacidade em relação à dos outros; o conflito de tarefas entre o estudo e o trabalho; dúvidas quanto ao futuro uso profissional da língua ou, ainda, razões de saúde, conforme se verifica abaixo:

M5) Sim, porque acho difícil, mas eu gosto tanto da língua que só preciso ouvir alguém falando para me sentir motivada novamente.

M9) Sim, logo quando comecei, pela dificuldade que senti na pronúncia e quando ouvia franceses falando, era demasiado rápido e eu não acompanhava.

M12) Sim. No começo do ano de 2014. Não me sentia bem, pois via as pessoas falando e eu não conseguia.

M18) Sim, justamente quando estava sobrecarregado com as responsabilidades da faculdade e do trabalho, abandonei a habilitação por um ano.

S5) Já, há uns 5 anos, porque não conseguia ver uma utilidade profissional para a língua.

S9) Sim, por conta do trabalho, por achar que o aprendizado é muito demorado, por questionar as razões elas quais eu escolhi estudar francês.

S12) Penso em algumas aulas quando me sinto abaixo do nível esperado, ou quando cometo erros que julgo básicos.

Por outro lado, a segunda ordem de razões que justificam o pensamento em abandonar o aprendizado, encontram-se, a exemplo do que se discutiu em relação à pergunta de número 16, a insatisfação dos informantes quanto às práticas didáticas da faculdade e, igualmente, em relação aos professores:

M1) Já quase desisti do curso na USP, mas não de aprender o francês. Foi quando tive que me ausentar devido ao acidente e percebi que as aulas (disciplinas) do francês eram um pouco desagradáveis em suas metodologias.

M6) Sim, no primeiro ano como já mencionei por falta de empatia com o professor, por me sentir muito marginalizada nas aulas devido ao meu conhecimento 'zero' da língua francesa.

M10) Sim. No momento estou pensando em desistir, talvez por um semestre pelo menos. Não estou muito satisfeita com os métodos que estou atualmente submetida. Os métodos dos professores são drasticamente diferentes e eu não sinto que consigo acompanhar.

S1) Não pensei em desistir de aprender. Mas já pensei em desistir da graduação em Letras-Francês devido às condições do departamento (qualidade dos professores). [...]

S6) Sim. Pensei há algumas semanas. Crises existenciais do tipo: “O que eu quero para a minha vida” ou “O que vou fazer com a língua agora que sei” e também pelo descaso de alguns professores do curso, que não estimulam o aprendizado [...].

Em relação, finalmente, à questão de número 28, para a qual as respostas afirmativas atingiram 94,11% (32 em 34), relacionamos abaixo as considerações mais significativas:

M6) Sim, com nativos. A inibição é por conta de cometer muitos erros ou mesmo gafes. Sou muito perfeccionista e tímida.

M18) Sim, nas salas de aula, pois eu me sinto o pior aluno do curso, às vezes me sinto inibido ao participar dos debates.

S1) Frequentemente me sinto inibido em falar francês, pois não me sinto seguro do meu domínio da língua. Tanto na aula como com os demais colegas e amigos.

S7) Sim, sempre. Sou um pouco orgulhosa, então tenho medo de errar, mesmo que o erro seja natural para o aprendiz. Estou sempre lidando com isso.

S9) Sim, sempre sinto receio, sobretudo com um falante nativo e também na presença dos professores. Fico envergonhada, com medo de errar e as palavras muitas vezes não me ocorrem na velocidade que eu gostaria.

S10) Sim, pois sou muito tímida, principalmente em situações orais.

S13) Sim. Em situações nas quais o interlocutor possui um nível muito superior ao meu ou é nativo.

S14) Atualmente me sinto inibida em sala, sinto que há pessoas com um nível que eu julgo superior ao meu.

Conforme se verifica, a inibição quando da prática oral em língua francesa dá conta, sobretudo, da insegurança dos entrevistados a respeito de seu nível de língua, não apenas quando da interação com falantes nativos, mas igualmente diante dos professores e dos colegas de curso os quais, para alguns dos entrevistados, possuem um domínio comparativamente “superior” de francês.

Cabe notar, aliás, nas respostas de alguns dos informantes (fato que reitera, ainda uma vez, a interdependência entre os vieses de análise estabelecidos pelo presente trabalho), a emergência de aspectos relacionados a suas subjetividades e às vivências íntimas relacionadas, ao menos nas situações em questão, à língua francesa: M6 se declara “perfeccionista e tímida”; S7, de modo análogo, afirma ser “um pouco orgulhosa”; S10, por sua vez, situa sua timidez especialmente em “situações orais”.

5. À guisa de conclusão

Relacionemos, à guisa de conclusão, alguns dos principais passos trilhados no decurso da presente pesquisa.

O resultado final do trabalho representa, em consonância com os objetivos iniciais, um traçado das experiências vivenciadas por nossos informantes no que diz respeito às línguas ou, mais propriamente, suas *(auto-)biografias linguageiras*.

Através das respostas por eles fornecidas a cada uma das perguntas que compuseram o questionário de pesquisa, foi possível trazer à luz aspectos diversos de suas "vidas nas línguas", como a expressiva atração pelas línguas de maneira geral, ao mesmo tempo em que as disparidades de impacto de diferentes línguas quanto ao desejo de uma eventual apropriação ou, ainda, as influências do imaginário coletivo no que toca à apreciação, à atração ou à indiferença em relação às línguas do mundo.

Dado o fato de a ênfase investigativa do trabalho incidir, principalmente, sobre o percurso de apropriação da língua francesa, levado a efeito pela população do estudo no âmbito acadêmico-institucional da Universidade de São Paulo, compareceram em seus relatos fatores como o anseio de futuras vivências em países francófonos, o relevante papel dos colegas de turma enquanto "pedra de toque" para a autoavaliação do progresso individual, a relativa insuficiência da esfera acadêmica como vinculadora efetiva entre indivíduos e língua ou, do mesmo modo, a frequente insatisfação dos estudantes não apenas frente a práticas pedagógicas desenvolvidas no curso de Letras-Francês da FFLCH-USP, mas, igualmente, ao corpo docente.

A experiência reflexiva promovida pela pesquisa, aliás, certamente descreveu reflexos no processo então ainda em curso da apropriação dos estudantes, conforme pressuposto desde o início, reflexos os quais, embora não tivéssemos por objetivo conhecer, esperamos tenham sido benéficos.

Acreditamos ser possível, de toda maneira, aprofundar ou mesmo reorientar a investigação do mesmo quadro de questões envolvidas neste trabalho, em eventuais futuras pesquisas.

Lembramos, inclusive, que não seria improvável (ou, mais claramente, *seria inevitável*) que, caso a mesma pesquisa fosse empreendida novamente, com os mesmos indivíduos, a ordem de elementos trazida pelos dados se traduziria de maneira em larga medida distinta. Isto devido ao fato de que, justamente, o trabalho com as (auto-)biografias linguageiras carrega entre suas preocupações a intenção de capturar, sob o

prisma das línguas, a identidade, sempre movente, inacabada e fugidia do ser-em-línguas.

Reintroduzamos, finalmente, a hipótese inicial da presente pesquisa, a qual dava conta de que o motor do processo de apropriação de língua estrangeira seria, por parte dos sujeitos, o desejo de associar a suas identidades valores atribuídos por eles à língua em questão.

Embora julguemos não haver encontrado solução conclusiva para o assunto, acreditamos que a confirmação, no nível da população do estudo, do peso das representações histórico-culturais quanto à França e à língua francesa (propagadas desde ao menos o século XVIII, sob a forma de juízos de valor solidamente positivos), parece autorizar, de toda maneira, a manutenção e mesmo o eventual novo escrutínio da hipótese de partida do trabalho que aqui encerramos.

6. Bibliografia

Obras citadas:

AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2010.

Association internationale des histoires de vie et de recherche biographique en éducation [ASIHVIF-RBE], *Qui sommes nous*. Disponível em: <http://www.asihvif.com>. Acesso em: 25 out. 2015.

AUSONI, A. (2012). *Ce second cœur dans ma poitrine : le rapport à la langue dans les textes autobiographiques d'Andreï Makine et de Nancy Huston.* Disponível em: <http://www.academia.edu/3772889/_2012_Ce_second_c%C5%93ur_dans_ma_poitrine_le_rapport_%C3%A0_la_langue_fran%C3%A7aise_dans_les_textes_autobiographiques_d_Andre%C3%AF_Makine_et_de_Nancy_Huston>. Acesso em: 07 out. 2016.

BARONI, R. & GIROUD, A. (2013). Socialisation langagière, tensions identitaires et investissement. *Bulletin suisse de linguistique appliquée*. Disponível em: < http://www.academia.edu/6407872/Baroni_R._and_A._Giroud_2013_Tensions_identitaires_investissement_et_participation_%C3%A0_des_communaut%C3%A9s_de_pratiques_Bulletin_VALS-ASLA_n_sp%C3%A9cial_X._Gradou_T._Jeanneret_and_A.-C._Zeiter-Grau_dir._p._19-28>. Acesso em 07 out. 2016.

BARONI, Raphaël; JEANNERET, Therèse. Lausanne. *Différences et pouvoirs du français. Biographie langagière et construction de genre*. In: Carnets d'atelier de sociolinguistique 4. Lausanne: 2009. Disponível em: <https://www.u-picardie.fr/LESCLaP/spip.php?article69>. Acesso em 7 out. 2016.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1966.

_____. *Da subjetividade na linguagem*. In: *Problemas de linguística geral I*. Campinas, Editora da Unicamp; Pontes, 1988.

CALVET, Louis-Jean; CALVET, Alain. *Les confettis de Babel:* diversité linguistique et politique des langues. Paris: Éditions Écriture/OIF, 2013.

CALVET, Louis-Jean. *Mondialisation, langues et politiques linguistiques*. Disponível em: <http://gerflint.fr/Base/Chili1/Calvet.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2014.

Conseil de l'Europe. *Cadre Européen Commun de Référence pour les Langues : apprendre, enseigner, évaluer*. Disponível em: < http://www.coe.int/t/dg4/linguistic/Source/Framework_fr.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2016.

CORACINI, Maria José. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

_____. (org.). *Identidade e discurso*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

DAELE, A. (2009). Les communautés de pratique. Disponível em: <https://pedagogieuniversitaire.files.wordpress.com/2013/08/cdp_adaele.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2016.

GLISSANT, Édouard. *L'imaginaire des langues*. Entretiens avec Lise Gauvain (1991-2009). Paris: Gallimard, NRF, 2010.

_____. *Poétique de la relation* (Poétique III). Paris: Gallimard, 1990.

_____. *Traité du Tout-Monde* (Poétique IV). Paris: Gallimard, 1997.

_____. *Une nouvelle région du monde* (Esthétique I). Paris: Gallimard, 2006.

JAVEAU, Claude. *Georg Simmel: un aperçu*. *Les Cahiers du GRIF*, 1989, vol 40, n° 1, 41-47. Disponível em: < http://www.persee.fr/doc/grif_0770-6081_1989_num_40_1_1784>. Acesso em: 21 dez. 2015.

JEANNERET, T.; ZEITER, A.-C (2013). Socialisation langagière et agentivité du sujet. *Bulletin suisse de linguistique appliquée*, número especial, 64. Disponível em: < http://www.academia.edu/6407872/Baroni_R._and_A._Giroud_2013_Tensions_identitaires_investissement_et_participation_%C3%A0_des_communaut%C3%A9s_de_pratiques_Bulletin_VALS-ASLA_n_sp%C3%A9cial_X._Gradou_T._Jeanneret_and_A.-C._Zeiter-Grau_dir._p._19-28>. Acesso em 07 out. 2016.

LITTLE, David; PERCLOVÁ, Radka. *Le portfolio européen des langues: guide à l'attention des enseignants et des formateurs d'enseignants*. Disponível em: <http://www.coe.int/t/dg4/education/elp/elp-reg/Source/Publications/ELPguide_teacherstrainers_FR.pdf>. Acesso em: 02 set. 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NIEWIADOMSKI, C.; DELORI-MOMBERGER, C. (org.). *Territoires contemporains de la recherche biographique*. Paris: Téraèdre.

NOSSIK, Sandra. *Les récits de vie comme corpus sociolinguistique: une approche discursive et interactionnelle*. Disponível em: <https://corpus.revues.org/2045?lang=en>. Acesso em: 25 out. 2015.

PIRANDELLO, Luigi. *O falecido Mattia Pascal*. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1972.

RICŒUR, Paul. *Percurso do reconhecimento*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

SIGNORINI, Inês (org). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. São Paulo: Fapesp, 1998.

THAMIN, Nathalie; SIMON, Diana Lee. *Réflexions épistémologiques sur la notion de « biographie langagière »*. In: Carnets d'atelier de sociolinguistique 4. Lausanne: 2009. Disponível em: <http://www.u-picardie.fr/LESCLaP/IMG/pdf/D--L-_Simon_et_N-_Thamin_-_Reflexions_espistemologiques_sur_la_notion_de_biographies_langagieres_cle0126fa.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2013.

Université de Lausanne, *Présentation du GReBL*. Disponível em: <http://www.unil.ch/fle/page81831_fr.html>. Acesso em: 26 mar. 2013.

Obras consultadas:

CHARAUDEAU, Patrick. *Parlez Globish. Vous serez plus savant*. Disponível em: <http://www.unil.ch/fle/page81834_fr.html>. Acesso em: 1 set. 2014.

DAHLET, Véronique Braun. *Le moi entre espaces et langues*. In: SEDIFRALE XII - Sesiones para Docentes e Investigadores de Francés Lengua Extranjera, 2001, Rio de Janeiro. SEDIFRALE XII. Programme et résumés. Rio de Janeiro: APFERJ, 2001, v. 1.

LALANDA, P. Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica. *Análise Social*, 1998, vol. XXXIII, 871-883.

RODRIGUES, C. C. Língua no Brasil: variação e multilinguismo. *Identidades Brasileiras: composições e recomposições*, 2013, p. 117-143. Disponível em: <www.culturaacademica.com.br/_img/.../Identidades_brasileiras-WEB.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2014.

SOBRINHO, Barbosa Lima. *A língua portuguesa e a unidade do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2ª ed., 2000.

7. Anexos

Anexo A

Questionário escrito submetido aos estudantes do nível Francês V, da Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo, em junho de 2015.

QUESTIONÁRIO

Informante:

Sexo:

Idade:

Ano de entrada em Letras-Francês:

1) Caso os seus pais não tenham o português como língua materna, qual(is) a(s) língua(s) materna(s) de cada um deles?

2) Caso a sua língua materna não seja o português, qual(is) é(são) a(s) sua(s) língua(s) materna(s)?

3) Quais razões levaram ou levam você a estudar Letras?

4) Quais objetivos levam ou levaram você a estudar francês? Explique.

(Exemplos: formação profissional e/ou pessoal; acesso a obras literárias ou técnicas no original; objetivos de viagem; outros)

5) Você já esteve em algum país em que se fala francês? Se sim, qual(is) país(es)? Se não, pretender ir? Caso pretenda, para onde?

6) Você gostaria de aprender outra(s) língua(s) estrangeira(s)? Qual(is)? Por quê?

7) Quando e onde se deu o seu primeiro contato com o estudo do francês?

8) Quanto tempo durou ou vem durando este estudo?

9) Além do francês, você já estudou ou estuda outras línguas estrangeiras? Quais? Onde? Por quanto tempo?

10) Em relação a esta(s) outra(s) língua(s), você já chegou a ter um domínio que lhe satisfizesse? Se sim, de qual(is) língua(s)? Ainda tem?

11) Você percebeu ou percebe alguma influência desta(s) língua(s) no seu aprendizado do francês? Se sim, em qual(is) momento(s)? E qual(is) tipo(s) de influência(s)?

12) Há alguma língua estrangeira que você jamais estudaria? Qual(ais)? Explique.

13) Qual a sua opinião a respeito do seu domínio atual do francês? O que o leva a acreditar nisso?

14) Em quanto tempo você acredita que terá um domínio do francês que lhe satisfaça? Por quê?

15) Em quanto tempo você acredita que terá um domínio “inquestionável” do francês? Por quê?

16) Você tem ou já teve algum desprazer em estudar ou falar francês? Quando e em quais situações?

17) Se você parasse de estudar francês hoje, em quanto tempo você acredita que perderia o domínio que tem desta língua?

18) Você já pensou em desistir de aprender francês? Se sim, quando e por quê?

19) Você considera que o seu domínio do francês tem progredido? O que o leva a acreditar nisso?

20) Qual a opinião de outras pessoas a respeito desse domínio? Você concorda? Explique.

21) Quais pessoas do seu cotidiano são referência, para você, de domínio do francês? Por quê?

22) Em quais atividades da sua vida cotidiana o francês está presente?

23) Você se depara com alguma influência do francês no seu cotidiano de língua materna? Se sim, com qual(is) influência(s)? Em qual(is) situação(situações)? Explique.

24) Você sente necessidade de usar palavras ou expressões do francês no seu cotidiano de língua materna? Se sim, em quais situações? Se não, por qual(is) motivo(s)?

25) Você tem receio de algum dia perder suas competências em francês? Explique.

26) Você possui objetos de uso pessoal que remetam à França ou à língua francesa, como roupas, chaveiros, adesivos etc? Se sim, quais?

27) Se só lhe fosse possível, de hoje em diante e para a vida toda, falar uma única língua, qual língua você gostaria que fosse? Por quais razões? Explique.

28) Você sente ou já sentiu alguma inibição ao falar francês? Se sim, com quem e em quais situações? Se não, por qual(is) motivo(s)? Explique.

29) Você já sonhou ou sonha que está ou estava falando francês? Se sim, como foi?

30) Que benefícios você sente ou recebe por falar ou estudar francês?

Muito obrigado!!!

Anexo B

Reunião integral das respostas obtidas para o referido questionário.

Informante: M1
Sexo: F
Idade: 26
Ano de entrada em Letras-Francês: 2011

1) ----

2) ----

3) Adquirir ferramentas para criação literária; ferramentas críticas e de consciência textual e dos movimentos literários, a fim de aprimorar minha bagagem cultural e reflexiva.

4) Formação principalmente pessoal para compreensões de visões de mundo. Poderia ser qualquer língua, no entanto optei pelo francês devido a referências culturais e de políticas públicas na área da cultura. Ter o francês poderá me servir como alicerce, eventualmente.

5) Sim. França e Suíça.

6) Sem preferência por alguma, o meu interesse seria por ter contato com diferentes culturas e pensamentos.

7) Em casa, de forma autodidata aos 19 anos. Achei na casa da minha mãe um curso em fitas K7 e fiquei curiosa.

8) Desde os 19 anos (portanto, 7 anos) embora de forma bastante descontinuada e com pouca disciplina.

9) Inglês e espanhol em cursos regulares de escolas de línguas em Itapetininga (minha cidade). A duração e a frequência é bem descontinuada.

10) Infelizmente não acredito em domínio da língua, ainda percorro muito o labirinto do próprio português. Em questão de língua eu nunca estou satisfeita.

11) As três das quais tenho contato: português, espanhol e inglês. Tenho uma lógica: se nas 3 a palavra é semelhante, a palavra em francês também será. Mas ainda não deu pra testar em todas as palavras.

12) Estudaria qualquer uma.

13) Instrumental intermediário. Seria capaz de realizar comunicações do cotidiano, mas ainda de forma completamente irrisória sobre a compreensão das articulações e visões de mundo da cultura francesa. Posso ler e um pouco traduzir do português para o francês, mas estou extremamente longe de me relacionar com a língua de forma criativa.

14) Acredito que nem se eu for velhinha, pois sou muito apegada ao português.

15) NS/NR – não se aplica.

16) Não há desprazer em estudar, já o falar acho bem desagradável, atrapalha minha posição de observadora participante.

17) O pouco "domínio" que tenho da língua acredito ser difícil de perder. Parei (tranquei) o francês na USP por 2 anos devido a um acidente de cavalo e quando retornei eu não senti muita defasagem, somente um pouco em vocabulário.

18) Já quase desisti do curso na USP, mas não de aprender o francês. Foi quando tive que me ausentar devido ao acidente e percebi que as aulas (disciplinas) do francês eram um pouco desagradáveis em suas metodologias.

19) Sim. Já começo a sonhar em francês.

20) Pessoas íntimas a mim me consideram A francesa, mas é só por falta de referência melhor.

21) O professor M., que é nativo, e gosto da professora B., que é brasileira mas sabe falar o francês em vários sotaques – isso para mim é uma característica que se refere ao domínio de uma língua. Fora [do] ambiente acadêmico não tenho contato cotidianamente com alguém que fale francês.

22) Principalmente culturais e acadêmicas, gostaria de ter mais no profissional e social.

23) Sempre falei "sou chegada" e agora uso essa expressão de forma mais convicta. Creio que o francês, assim como qualquer aquisição de língua, nos ajuda a compreender as lógicas e usos de nossa própria língua materna, inclusive suas estruturas sintáticas. Adoro como uma língua sempre influenciará criativamente uma outra.

24) Gosto de usá-las em algumas situações lúdicas como em preparar uma refeição e chamar a todos com palavras francesas, creio que uso bastante sotaque afrancesado quando em situação em que me ocorre dislexia semântica do português.

25) Não. Não creio ser possível perder, a experiência da língua é rica demais para que possa ser de todo perdida. O que pode acontecer é perder a referência de tal e tal experiência, mas isso faz parte, de toda forma a experiência sempre permanece.

26) Meu chaveiro da Torre Eiffel, mas ele me remete mais à tentativa de uma barganha do meu pai do que à cultura francesa. Tenho 2 postais que ganhei de 2 porteiros, na verdade um estava mais para faxineiro, quando passei uma semana em Paris. Aprendi muito com os dois pois eles não falavam nada em inglês. Tenho também um adaptador de tomada, lembro-me de que foi minha primeira frase oficial em francês: vous avez adaptateur ici? Aprendi de ouvido após passar por três lojas.

27) Celta, mas não conheço absolutamente nada dela, gosto, no entanto, dos universos criativos e imaginários os quais ela me dá a impressão de fazer surgir. Mas como não preciso me ater a uma, fico com preferência ao português, pois é na qual me entendo, minha identidade é, antes de brasileira, dada no português, principalmente minha identidade criativa.

28) Bastante. Não sei me expressar pela fala, mas quando em situação natural do cotidiano eu não fico inibida, como no caso de dar uma informação em francês, em sair procurando adaptador de tomadas ou comprar um mapa em alguma autoestrada na Suíça.

29) Por enquanto 2 vezes, a primeira era uma mulher que queria me dar alguma informação e a outra era uma menina que falava pelos cotovelos com um amigo (desconhecido na vida real) enquanto eu me decidia sobre tomar ou não um suco de laranja em um mundo pós-apocalíptico. Tudo normal.

30) Melhor compreensão do universo simbólico e cultural humanos. É maravilhoso poder ter acessos a outras criatividades e possibilidades de vivências, sou uma só no mundo, e fico feliz em ter a possibilidade de ver pela língua e pelos olhos dos outros, sinto como se estivesse, de certa forma, vivendo várias vidas em uma vida só.

Informante: M2
Sexo: M
Idade: 32
Ano de entrada em Letras-Francês: 2013

1) A língua materna é português.

2) A língua materna é português.

3) Aprofundar meu conhecimento sobre o pensamento do Homem.

4) O objetivo principal foi ter acesso a obras literárias ou técnicas no original. A filosofia.

5) Não. Pretendo ir à França.

6) Eu sei o inglês e aprenderia outra língua além do francês. O inglês foi minha 1ª aquisição, o francês está sendo a 2ª aquisição.

7) No teatro, o contato com a necessidade de francês começou a aparecer em 2009 (mais ou menos).

8) O estudo sistematizado do francês tem durado o tempo da graduação.

9) Já estudei o inglês na Fisk por 7 anos.

10) Sim. Inglês. Embora o domínio da língua seja relativo, de qual esfera você mais trabalha.

11) Sim. Na hora de falar no começo o inglês se impunha mais. Misturavam-se as línguas. Aquisição de novas palavras (francês) que não são parecidas parecem que se agrupam por imagens (forma da palavra escrita), etc.

12) Nenhuma.

13) Leitura – Ótimo – Leio livros técnicos. Linguística

Fala – Boa – ainda erros aparecem – comparação com nativos

Escrita – Boa – ainda erros aparecem – comparação com nativos

14) Acho que em 1 ano na França será o suficiente p/ aperfeiçoar a língua. Porque ficamos imersos dentro de um ambiente que não trata só de 1 gênero – acadêmico.

15) Nunca. Não existe tal tempo. Nem mesmo na minha língua materna tenho consciência de toda a linguagem produzida. Cada meio produz uma especificidade de linguagem. Está-se constantemente aprendendo linguagem.

16) Me causa desprazer quando a aula se torna muito aulinha de aquisição de língua; a princípio, sem expandir o uso real da língua em outros locais.

17) Em leitura jamais perderia o que conquistei, acredito. Salvo doenças cerebrais. Na fala, talvez sentir-se-ia uma perda mais acentuada, visto que há mecanismos físicos também. 2 anos talvez.

18) Não.

19) Consideravelmente. Minha escrita tem melhorado e com mais facilidade consigo pensar diretamente através da língua e já exprimir diretamente no papel. O que antes era mais sofrível. Mas ainda é um processo de aprimoramento.

20) Que tenho feito uma evolução rápida. Concordo. Tudo que leio e não sei vou atrás e de imediato consigo já fixar novas palavras e gramática. Por vezes esqueço, depende de quanto repito o uso par fixar na memória longa.

21)

1) M.. Explica muito bem o francês, expandindo 1 pergunta, desdobrando-a em outros aspectos. Ela aprofunda 1 questão. **2)** G., ele [é] meio desorganizado, mas sabe bastante da língua. E como a J. são nativos. **3)** B. tem o francês lindíssimo e fala de literatura.

22) Na faculdade, em pesquisas de teatro e literatura.

23) Sim. Falar as palavras desta língua com sua pronúncia tal como é. Uma palavra nova adquirida no francês quando possível pode migrar para o português (tradução). Na escrita, na leitura.

24) Não sei se é uma necessidade, mas eu gosto de brincar com a língua e por vezes eu coloco uma ou outra expressão do francês. Talvez quando numa escrita mais literária.

25) Não. Uma vez conquistada não se perde a competência, talvez a performance. Talvez não, com certeza a performance decai, se não se utiliza muito a língua.

26) Só livros em *français* → Cássio, eu pensei em francês (forma) e escrevi assim, às vezes acontece.

27) Português. Língua da infância, muito musicada. Além de outros franceses dizerem que a língua portuguesa é bonita. Quando o brasileiro fala parece que canta.

28) Já senti no começo e ainda sinto, principalmente com professores doutores do francês – B. e P. – mas depois com certa intimidade isso foi diminuindo.

29) Sim. Quando você trabalha muito a língua parece que ela fica reverberando no cérebro (cabeça), fica mais fluido.

30)

1) Sentimento de pertencimento da comunidade Francesa (cultura)

2) Benefício de poder ler, escrever e falar em Francês.

3) Poder dar aula de francês

Informante: M3
Sexo: F
Idade: 44
Ano de entrada em Letras-Francês: 2013

1) ----

2) ----

3)

- Desejo de aprender a língua/cultura francesas

- Obter conhecimento sobre a área da língua portuguesa e literatura brasileira

- Dar continuidade aos estudos iniciados em 1998 (por transferência, formei-me pedagoga, mas iniciei a graduação em Letras (Port/Inglês))

4) – formação pessoal

5) – Sim: França e Bélgica. Obs.: Já retornei para esses países e o farei novamente.

6) Sim: inglês, húngaro, russo.

7) Sim, na USP em 2012/2, nos Extracurriculares.

8) 2 anos e meio.

9) Estudei inglês por 3 anos, na PUC-SP.

10) Não domino. Não admiro a língua inglesa, mas acredito ser uma necessidade atualmente. Na verdade, tenho certa "antipatia" por ela…

11) Acredito que ajuda no sentido de "estudar inglês/pensar em inglês" e, automaticamente, isso me remete ao francês. De qualquer modo é algo mecânico e não-significativo.

12) Jamais estudaria espanhol. De-tes-to o som!

13) Penso ter estacionado. Tive um grande aprendizado no início mas percebo que não tenho ido adiante há mais de um ano. Talvez por falta de falar mais e das aulas muito fechadas e pré-formatadas do extra. Também tive turmas com as quais não me senti confortável no extra. Na graduação me sinto confortável mas me falta vocabulário, o que me "empaca".

14) Não consigo responder. Penso que preciso estudar pelo menos 3x/semana com professor particular para dominar.

15) Em uns 3 anos de estudo, na condição mencionada anteriormente (14).

16) Amo a língua e nunca deixei de encantar-me com ela. Um desprazer, acredito, são algumas aulas…

17) Acredito que minha condição atual não se alteraria em muito tempo, posto que falo "sozinha" ou assisto a filmes (mesmo que com pouca compreensão) e o que sei até agora já está internalizado.

18) Nunca. Vou dominar essa língua um dia!!

19) Como já mencionei: não, estou estacionada.

20) Não sei responder. Nunca conversei a respeito. Uma vez ouvi de um colega que também se vê estacionado.

21) Meus professores e uma colega de classe na graduação – percebo nitidamente seu progresso de 2013 para cá. Porém, há tempos ela faz aulas particulares, a que atribuo seu sucesso (há 2 anos).

22) Apenas na graduação e uma vez ou outra quando tenho oportunidade de falar com alguém (por ex, em viagem à França nas férias).

23) Há diversas palavras oriundas do francês. Apenas nesse contexto. Praticamente todos os falantes de francês que conheço são da USP.

24) Sim. São palavras/expressões que poderiam ser ditas em português ou, ainda, quando não quero ser compreendida por meu interlocutor.

25) Tenho receio de não ir adiante e continuar “estacionada”.

26) Tenho alguns livros, souvenirs que trouxe da França, roupas de frio (sempre viajei no inverno), os quais amo que estejam próximos de mim ou utilizá-los [sic], como o casaco que estou usando hoje.

27) Francês, pela beleza da língua, por seu som e amor que me provocam.

28) Morro de vergonha, especialmente nas aulas (com a B. foi pior!) pois sei que cometo muitos erros, alguns “imperdoáveis”.

29) Já falei/escrevi algo no meio de um e-mail, por ex., que era todo em português. Sonhar, nunca sonhei.

30) Como já mencionei, tenho um amor inexplicável pela língua. Ainda, ter estado com franceses ou na França e me fazer entender foi inexplicável de bom.

Informante: M4
Sexo: F
Idade: 21
Ano de entrada em Letras-Francês: 2012

1) ----

2) ----

3) Interesse pelo estudo e trabalho com textos e pela linguagem e comunicação.

4) Acesso a obras literárias e acadêmicas em francês, bem como o acesso a universidades em língua francesa e à cultura.

5) Já estive na Suíça e na França.

6) Alemão entre outras. Na verdade, qualquer oportunidade de aprender uma língua estrangeira é bem-vinda, pelos mesmos motivos que me levaram a estudar francês.

7) Em 2012, na graduação.

8) Até agora, 3 anos.

9) Inglês e espanhol durante o período escolar. Alemão e italiano apenas um módulo iniciante no ano passado.

10) Não.

11) Sim. Principalmente no italiano, os tempos verbais foram mais facilmente aprendidos por causa do conhecimento do francês.

12) Não. O problema é o tempo necessário para se aprender uma nova língua, que normalmente não temos.

13) Por causa do intercâmbio na Suíça, “meu francês” melhorou muito. Me sinto muito à vontade com a língua p/ me expressar. Mas acredito que há ainda muito a aprender e praticar (oral e principalmente escrita) no nível acadêmico.

14) Não sei, isso depende do meu empenho e do acesso que eu tiver à língua.

15) Acho que a resposta a essa questão é a mesma anterior, mas também não sei o que seria um domínio inquestionável do francês, e qual seria o “máximo” que eu poderia chegar.

16) Sim, no começo eu estava animada para aprender francês, mas depois havia uma exigência de nível que eu não conseguia responder e me frustrava.

17) Não sei se perderia todo o domínio da língua.

18) Não.

19) Sim. Pelos resultados práticos. Como eu me sinto fazendo uma apresentação oral em francês ou numa conversa espontânea, e quando eu tenho que produzir um texto em francês. Antes eu temia e me preocupava apenas com a língua, hoje eu dou mais atenção ao conteúdo.

20) Meus amigos francófonos me dizem que eu falo bem francês. Mas pode ser pelo ponto de vista que sou uma estrangeira.

21) Professores universitários, pela produção com a língua.

22) Conversas informais e contexto de sala de aula.

23) Sim, na construção de algumas sentenças.

24) Sim, principalmente para tratar de “assuntos” da língua francesa.

25) Acho que não.

26) Eu tenho fotos no meu quarto (não sei se encaixa no objeto de uso pessoal).

27) Não sei, isso seria horrível.

28) Sim, com pessoas fora do contexto acadêmico. Talvez por causa de uma hierarquia professor-aluno. Mas não sei. Mesmo em português é mais difícil falar com “superiores”.

29) Talvez sim, mas não me lembro exatamente como era.

30) Abertura de cultura, o desenvolvimento de competências linguísticas.

Informante: M5

Sexo: F
Idade: 23
Ano de entrada em Letras-Francês: 2012

1) Meus pais possuem o português como língua materna.

2) A minha língua materna é o português.

3) O desejo de me tornar tradutora e estudar o francês.

4) Decidi estudar francês para me tornar tradutora em francês-português e para ser professora de francês como língua estrangeira.

5) Sim, já estive na Suíça e na França.

6) Sim, japonês e alemão. Desejo aprender mais estes dois idiomas para trabalhar com eles na tradução de documentos/livros e interpretação, juntamente com o inglês e o francês.

7) O meu primeiro contato se deu em 2011, quando comecei a estudar sozinha.

8) Vem durando 4 anos.

9) Sim, já estudei inglês. Estudei durante 1 ano em uma escola de inglês e fiz intercâmbio para os EUA durante 8 meses.

10) Não, no inglês, eu cheguei a ter a fluência, mas a minha gramática não era muito boa. Hoje, essa fluência diminuiu porque parei de estudar tal idioma.

11) Sim, em todos os momentos que falo francês. Eu utilizo mais o inglês como base do que o português. Quando não lembro de um vocabulário em francês, por exemplo, eu lembro em inglês.

12) Não, eu gosto de estudar línguas e as particularidades de cada cultura. Então, estudaria várias línguas se tivesse tempo, mas sem discriminação.

13) Ainda não tenho a fluência que desejo ter no francês, principalmente quando se trata da produção oral, pois muitas vezes não consigo expressar minhas ideias e travo.

14) Fazendo o intercâmbio na Suíça no segundo semestre de 2015 por 6 meses, eu acho que terei um domínio que me satisfaça.

15) Acho que em mais dois ou três anos de estudo, eu teria um melhor domínio e fluência.

16) Sim, quando os outros alunos da sala que eu estava tinham um nível muito mais elevado que o meu. Mesmo sabendo que estava aprendendo, me sentia um pouco constrangida.

17) Em um ano e meio ou dois anos.

18) Sim, porque acho difícil, mas eu gosto tanto da língua que só preciso ouvir alguém falando para me sentir motivada novamente.

19) Sim, porque hoje já consigo assistir aulas de disciplinas em francês que não sejam aulas de língua e acompanhar os exercícios, etc.

20) Acham que ainda preciso melhorar. Sim, eu concordo, mas acredito que quando estou relaxada para falar, ou seja, quando não me sinto avaliada ou pressionada, eu consigo me expressar muito melhor.

21) Meus professores de graduação e alguns colegas que já fizeram intercâmbio.

22) Nas atividades acadêmicas, na leitura de livros, na tradução de livro francês-português, mensagens de amigos da Suíça e no trabalho voluntário de ensino do francês como língua estrangeira na organização Missão Paz.

23) Sim, nos nomes de estabelecimentos comerciais, na culinária.

24) Sim, quando converso com amigos lembro de algumas expressões do francês que expressariam a ideia que desejo passar melhor do que as expressões em português.

25) Sim, caso comece a estudar espanhol ou italiano, por exemplo, tenho medo de confundir as regras do francês com as dessas outras línguas.

26) Sim, caneta e lápis do Louvre, cartões-postais, marca-páginas, gramática francesa.

27) Português, pois é a língua que me expresso melhor e a que detém a minha cultura materna.

28) Sim, com os professores da universidade em todas as situações de interação, pois me sinto avaliada e pressionada o tempo todo.

29) Sim, já sonhei que morava na francês [sic] e conseguia falar fluentemente com todo o mundo.

30) Consigo ler jornais, livros, revistas, ouvir músicas em francês e entender quase tudo. Com isso, tenho mais acesso a cultura, pessoas, situações e oportunidades na minha vida.

Informante: M6
Sexo: F
Idade: 37
Ano de entrada em Letras-Francês: 2013

1) Ambos possuem o português como língua materna.

2) Minha língua materna é o português.

3) Em primeiro lugar foi pela paixão por literatura e também por ser um curso no caso da USP em que temos a oportunidade de aprender uma língua estrangeira e ter contato com essa literatura também.

4) Com certeza foi para acessar as obras literárias no original.

5) Eu já estive na França e em Genebra (Suíça).

6) No momento não. Eu já estudei inglês por muitos anos e agora gostaria de me dedicar a aprender bem francês.

7) O meu primeiro contato foi em 2013 quando iniciei a habilitação em francês.

8) Estou estudando há dois anos e meio.

9) Como já mencionei, estudei e estudo inglês. Estudo inglês por aproximadamente 10 anos.

10) Sim, consigo me comunicar muito bem em inglês, ler, mas penso ser importante continuar estudando inglês paralelamente ao francês para praticar.

11) Percebi e muito, principalmente na parte oral, muitas vezes ao pronunciar algum vocábulo em francês eu usava a pronúncia do inglês e mesmo usava vocábulos do inglês no lugar de algum do francês que escapasse da memória.

12) Penso que mandarim, ou alguma outra língua oriental. Particularmente acho muito, mas muito difícil entender o sistema tonal do mandarim.

13) Penso que o meu domínio está muito aquém das minhas expectativas. Acho que na Universidade temos alunos de diferentes níveis de francês seguindo o mesmo curso, os que têm mais domínio acabam participando mais das aulas, para mim esse é um fator inibidor.

14) Penso que teria um domínio de francês que me satisfaria daqui a uns cinco anos, ou um pouco menos se fizesse um intercâmbio. Acho que temos poucas oportunidades de praticar a língua e ter um contato quase que diário com ela.

15) “Inquestionável”, penso que nunca pois o francês não é minha língua materna, nem mesmo se morasse em algum país francofônico.

16) Sim, principalmente no primeiro ano de curso. No curso de francês o professor me corrigia de maneira muito deselegante por assim dizer, pensei mesmo em desistir da habilitação, foi realmente difícil. Acho que o único desprazer que tive está relacionado aos professores, realmente gosto muito de aprender francês, de ler e me esforço muito para progredir no idioma.

17) Penso que seria muito rápido, acho que em menos de um ano perderia o domínio, caso não tivesse mais contato com a língua.

18) Sim, no primeiro ano como já mencionei por falta de empatia com o professor, por me sentir muito marginalizada nas aulas devido ao meu conhecimento ‘zero’ da língua francesa.

19) Sim, pois já consigo me comunicar melhor, ler textos mais complexos e escrever de maneira mais segura.

20) A minha professora do curso extra que faço me diz sempre que estou progredindo em minhas atividades, eu realmente sou muito crítica, penso que preciso melhorar muito, pois ainda tenho muita dificuldade na parte oral.

21) Meus colegas de turma e os professores “brasileiros” de francês. Os colegas de turma são referência em relação ao meu progresso individual, muitos iniciaram o francês do “zero” assim

como eu, e em relação aos professores “brasileiros” penso que é pelo fato deles compreenderem as dificuldades que temos específicas de domínio do francês.

22) Diariamente, procure [sic] ouvir alguma noticia em francês no site da TV5 e ler diariamente, se não em livro, uma notícia de jornal no Le Figaro ou no Le Monde.

23) Hoje penso que é na questão da transparência, há muitos vocábulos ou mesmo estruturas linguísticas similares. Quando estou lendo em francês ou em português procuro fazer conexões entre as línguas e mesmo com o latim, acho que isso enriquece o aprendizado.

24) Não, penso que isso seria visto como pedantismo, pois a maioria das pessoas com as quais convivo fora do meio acadêmico não falam francês.

25) Não, pois gostaria muito de continuar estudando a língua , mesmo que perca competências ligadas a comunicação, procuraria continuar lendo textos e livros em francês.

26) Sim, tenho livros que comprei na França, de literatura, de cultura, história e culinária, por exemplo. Pequenos souvenirs como chaveiros, reproduções de obras de arte, livros de artes, utensílios culinários.

27) Acho difícil responder esta questão. Penso que português, pois a minha identidade está ligada ao português.

28) Sim, com nativos. A inibição é por conta de cometer muitos erros ou mesmo gafes. Sou muito perfeccionista e tímida.

29) Sim, várias vezes e sempre estou em algum lugar em que todos estão falando francês e eu consigo me comunicar e entender tudo que estão falando.

30) Penso que trata-se de um incremento cultural e de conhecimento muito importantes. Conhecer outra língua é também conhecer mais a cultura, a história, as idiossincrasias de outros grupos sociais, é ter menos preconceito, mais tolerância, acho que enriquece a vida.

Informante: M7
Sexo: F
Idade: 20
Ano de entrada em Letras-Francês: 2012

1) ----

2) ----

3) O gosto por literatura e línguas estrangeiras. Acredito que Letras seja um curso humanizador que nos faz aprender sobre a vida, as relações humanas e sobre nós mesmos.

4) Primeiramente, por achar a língua bonita. Depois, por ter vontade de conhecer uma nova cultura. O contato com a literatura francesa veio ao longo do curso.

5) Já estive em Paris por uma semana. Neste segundo semestre farei um intercâmbio a Paris (pelo programa mérito acadêmico da USP).

6) Sim. Tenho vontade de estudar espanhol e italiano. Seria interessante para ler obras no original, conhecer outras culturas e viajar a países que as tenham como línguas maternas.

7) Meu primeiro contato ocorreu na habilitação do francês, em 2013.

8) Dois anos e meio.

9) Sim. Fiz inglês durante 13 anos (aproximadamente) em um curso de línguas. Eu também tive contato com a língua espanhola durante o ensino fundamental.

10) Sim. Possuo um bom nível de inglês e dou aulas particulares dessa língua.

11) Sim. Mesmo que o português pareça mais com o francês, o processo de aprendizagem de línguas estrangeiras se parece bastante. Na metodologia, por exemplo: em inglês aprende-se primeiramente o “present simple” e o “past simple”. Em francês também: aprende-se o “présent” e o “passé composé” já nos primeiros níveis.

12) Não tenho muito interesse em línguas orientais. Fiz mandarim por um ano e não me cativou.

13) Acredito estar em um nível intermediário do francês (entre o B1 e o B2). Além do contato com a língua que a habilitação me proporciona, estudo na Aliança Francesa.

14) Em aproximadamente 2 anos e meio (quando terminar o nível C1 da Aliança Francesa).

15) Não acredito que haja um domínio “inquestionável” de qualquer área do conhecimento.

16) Em algumas aulas por me sentir pressionada e diminuída por alguns professores (ao cometer algum erro ou hesitar na fala).

17) Acredito que a perda se dá gradativamente, mas não é total.

18) Não. Tenho bastante gosto e interesse pela língua. Penso até em seguir carreira acadêmica na área do francês.

19) Sim. A cada semestre noto evolução. Seja em uma atividade oral ou escrita.

20) Alguns professores comentam dessa evolução, assim como alguns colegas mais imersos no domínio da língua. Sim, eu concordo e fico feliz com essa evolução.

21) Meus professores de língua e literatura francesa, em especial as professoras T. e L.. Além dos colegas da habilitação e do curso que faço na Aliança Francesa.

22) ----

23) Sim. Muitas vezes quero dizer algo no português com determinada estrutura que “soa” melhor no francês, como por ex. a estrutura do “ne … que” que não existe no português.

24) Sim. Como disse acima, a expressão “ne … que” é uma delas. Há outras expressões que não são facilmente traduzíveis e outras que não possuem nenhuma correspondência no português.

25) Sim. Tenho medo de ficar sem praticar e esquecer as regras gramaticais e a desenvoltura para me expressar oralmente.

26) Sim. Possuo chaveiros, livros, objetos de decoração, cartões postais e fotos que me remetem aos pontos turísticos da França.

27) Português brasileiro. Pois é uma língua rica em cultura e miscigenação de vários povos. Além disso, possui uma grande diversidade de sotaques e sonoridades, o que me deixa encantada.

28) Sim. Algumas vezes em sala de aula. Principalmente em momentos de avaliação de expressão oral.

29) Não me lembro se isso já ocorreu em francês. Mas em inglês, sim. No sonho, eu estava desinibida e com uma boa articulação da fala.

30) Estar em contato com uma língua estrangeira é estar em contato com toda uma cultura diferente. Vejo como um processo de alteridade, de reconhecimento do outro, do que é estrangeiro, ao mesmo tempo em que há um reconhecimento e valorização de minha própria cultura.

Informante: M8
Sexo: M
Idade: 23
Ano de entrada em Letras-Francês: 2012

1) ----

2) ----

3) O interesse em aprofundar o conhecimento literário e tradutológico.

4) Acesso a obras no original, formação pessoal e profissional.

5) Sim. França e Bélgica.

6) Sim, italiano e espanhol além do inglês.

7) Numa escola de língua (AEC) um pouco antes de entrar na USP em 2012.

8) Durou um ano. Assim que comecei a estudar francês na USP eu deixei de estudar lá.

9) Sim, inglês. Não passou de um semestre. Yázigi.

10) Não.

11) Sim. Momentos mais gramaticais. Comparações e aproximações.

12) Penso que não.

13) Domínio razoável. Consigo ler livros no original com a ajuda de um dicionário, consigo me fazer entender razoavelmente bem sem tantos apoios frásicos e compreendo, no oral, assuntos que tenho um pouco mais de domínio.

14) Mais uns 2 ou 3 anos talvez, com muito treinamento de ouvido.

15) Quando eu me comunicar em francês sem gaguejar ou pensar no que irei/devo falar.

16) Não gosto de exercícios de simulação do cotidiano e não gosto de falar em francês em qualquer situação.

17) Num caso em que eu parasse até de ler acredito que levaria uns 2 anos para que um pequeno texto se torne incompreensivo [sic] para mim. Com a leitura penso que dificilmente perderia o domínio em questão.

18) ---

19) No momento acredito que meu domínio deu uma estagnada pois passei recentemente pela experiência de um intercâmbio com bolsa da USP no qual progredi (pelo menos assim penso) muito em pouco tempo.O fator “risco em devolver a bolsa” fez com que eu me esforçasse muito mais na redação de trabalho etc.

20) Não conheço nenhum julgamento atual.

21) “Gosto” do francês do professor N..

22) Apenas na leitura.

23) Não.

24) Não.

25) Não.

26) Não.

27) Inglês, pois é raro hoje em dia algum profissional, na área que for, não falar inglês. Entre português e francês ficaria com o segundo por motivos práticos pois desejo morar na França.

28) Sim, em todas as situações exigidas com quem for. Não sei explicar, posso só dizer que não me agrada muito a sonoridade da língua. Talvez seja alguma conotação ruim que eu tenha com a língua francesa – estereótipo do brasileiro que fala francês, não sei.

29) Não.

30) A leitura dos originais e o prazer de ter acesso a mais livros (em francês sem tradução para o português ou de algum livro em outra língua que tenha tradução para o francês e não tenha em português). Possibilidade de ficar mais à vontade em lugares que se fala francês.

Informante: M9
Sexo: M

Idade: 20
Ano de entrada em Letras-Francês: 2013

1) ----

2) ----

3) A principal razão foi o interesse em línguas estrangeiras.

4) Eu gostaria de um dia morar na Europa e trabalhar com tradução. Por ter o inglês e o espanhol, eu queria aprender as principais línguas europeias, então resolvi começar pelo francês. Ao entrar na faculdade e descobrir a semiótica, aproveitei para estudar o francês com mais afinco para ter acesso à bibliografia da área, que está em língua francesa na maior parte.

5) Nunca fui a nenhum país francófono, mas pretendo ir à França.

6) Sim, gostaria de aprender alemão e italiano, por algumas razões mais pessoais do que profissionais. Tenho um grande interesse em línguas estrangeiras e quero aprender várias delas, mas meu interesse imediato é aprender o alemão e o italiano.

7) Eu comecei a estudar francês por conta própria antes de entrar na faculdade, em 2011.

8) Venho estudando francês desde 2011, cerca de 4 anos.

9) Eu estudei o inglês e o espanhol durante o Ensino Fundamental e Médio, mas o inglês eu já tinha contato desde os 6 anos de idade, enquanto o espanhol eu comecei a aprender aos 10 anos de idade. Tive essas línguas como matéria na Escola Espiritualista “Ordem e Progresso”, em Santos.

10) Em relação ao inglês, creio possuir um domínio satisfatório, mas há espaço para melhorar. Já em relação ao espanhol, possuo um nível avançado, mas pouca oportunidade para utilizar a língua e por isso não estou satisfeito ainda.

11) Sim, em diversos momentos percebo que há influências, muitas de ordem gramatical, lexical, linguística no geral. Entretanto, o que mais influenciou foi a capacidade de me desprender da língua materna e ter a mente aberta, já que cada língua carrega em si uma tradição e uma forma de apreender o mundo. Aprender outras línguas facilitou me aprendizado do francês por isso.

12) Eu jamais estudaria línguas indígenas, africanas e algumas orientais como árabe simplesmente por falta de interesse.

13) Acredito que possuo um bom domínio do francês, pois consigo compreender, ler escrever e falar na língua com certa facilidade. Além disso, sou professor de francês por um ano, o que vem aprimorando meu domínio juntamente com o curso da USP.

14) Penso que em um ano terei um domínio satisfatório, pois farei intercâmbio para a França e estarei em contato direto com a língua.

15) Em 5 anos, por experiência do inglês, em que levei cerca de 10 anos para falar de forma fluente.

16) Jamais.

17) Em 20 anos.

18) Sim, logo quando comecei, pela dificuldade que senti na pronúncia e quando ouvia franceses falando, era demasiado rápido e eu não acompanhava.

19) Sim, sendo professor acabo sendo forçado a retomar e aprimorar meu conhecimento da língua. Além disso, sigo matérias avançadas em relação ao meu ano, como Francês VII em semestre de Francês V, e não sinto grandes dificuldades.

20) Minhas notas nas matérias do francês têm sido satisfatórias, sou elogiado às vezes por professores pelo meu domínio do francês e em geral meus colegas também afirmam que possuo um nível muito bom. Eu concordo em partes, acho que ainda dá para melhorar.

21) Dois professores são referência para mim: a professora D., da área de Literatura, por falar francês de forma natural e bela de se ouvir e por ter francês como língua estrangeira e o professor V. por ser francês, de forma que me permite reparar a maneira “francesa” de falar a língua.

22) Na minha profissão, no meu curso na USP e em algumas leituras e atividades concernentes à minha área de pesquisa, a saber, semiótica.

23) Não.

24) Sim, em casos melancólicos sobretudo para usar “C’est la vie”.

25) Sim, saber que eu perdi tanto tempo estudando para perder as minhas competências me amedronta.

26) Não.

27) Inglês, simplesmente porque consigo me expressar melhor nessa língua e por estar bem familiarizado com todos os registros do inglês (americano, sobretudo).

28) Sentia no início do aprendizado por medo de errar. Hoje, como estou num processo de aperfeiçoamento, perdi esse medo.

29) Sim, já sonhei que estava dando uma palestra em francês sobre semiótica aplicada aos jogos.

30) Agrada-me muito falar francês e compreender a língua; outra coisa é a sonoridade e a pronúncia, que hoje eu consigo reproduzir sem dificuldades e gosto muito.

Informante: M10
Sexo: F
Idade: 21

Ano de entrada em Letras-Francês: 2013

1) Meus pais têm o português como língua materna.

2) O português é minha língua materna.

3) O que fez eu estudar Letras foi o fato de gostar de ler e escrever.

4) Formação profissional e pessoal. Eu sempre quis estudar a língua e gostaria de ser professora ou tradutora.

5) Ainda não, mas gostaria de ir à França.

6) Gostaria de ter maior domínio do inglês, pois é uma língua muito importante hoje, no muno globalizado, e para o mercado de trabalho.

7) Meu primeiro contato foi na disciplina Francês I, a primeira da graduação.

8) Já estudo francês há dois anos e meio.

9) Já estudei espanhol por dois anos em um CEL e inglês em uma escola de língua privada (CNA) por dois anos e meio.

10) Não cheguei a ter um domínio que me satisfizesse.

11) Sim, no caso do inglês, há várias palavras iguais. O problema é o modo de pronúncia que uma atrapalhava na outra.

12) Latim ou alemão, pois acho muito difícil as declinações. Já estudei Latim como matéria obrigatória, mas eu não gostava. Achava muito difícil de colocar em prática.

13) Acho que estou em uma fase e que estacionei. Compreendo bem, mas não consigo me expressar tão bem quanto gostaria. Sinto que não consigo progredir. Acho que minha timidez atrapalha muito.

14) Ainda não sei, porque cada pessoa tem um ritmo. Acredito que mais uns 3 anos, pelo menos. Talvez um intercâmbio em um país francófono encurtasse essa estimativa.

15) Acho que isso leva muito tempo. Talvez nunca, porque o estudo de uma língua nunca se esgota.

16) Sim. Em falar, muitas vezes pela vergonha ou por causa de alguma correção que me fizeram, de modo que me senti exposta. Em estudar, acho que existe uma fase, na qual estou, em que não percebo muito progresso, mas sinto muita cobrança de mim e de alguns professores que colocam os alunos em um “mesmo nível”.

17) Em um ano. Percebi isso quando parei as outras línguas.

18) Sim. No momento estou pensando em desistir, talvez por um semestre pelo menos. Não estou muito satisfeita com os métodos que estou atualmente submetida. Os métodos dos professores são drasticamente diferentes e eu não sinto que consigo acompanhar.

19) Em vista de como entrei, sim. Hoje compreendo muita coisa e consigo me comunicar. Mas acho que “estacionei”.

20) Alguns professores falam que progredi muito e sou capaz de dominar muito bem a língua. Eu tenho muitas dúvidas, pois alguns professores desestimulam muito por afirmarem que há pessoas que têm “o dom” e outras não.

21) Os professores, em especial a professora S., que tem o domínio e consegue transmiti-lo, e os professores dos cursos extras (FFLCH).

22) Nas atividades relacionadas à universidade, leitura de livros, conversas eletrônicas (mensagem de texto) etc.

23) Sim, em roupas, marcas famosas e restaurantes. A moda da França é bem influente. Vejo, por exemplo, várias pessoas com bolsas da marca Louis Vuitton, ou falando de algum perfume.

24) Sim, por não conseguir uma palavra mais adequada ao contexto. Atualmente, em várias situações, desde em debates até em conversas familiares.

25) Sim, acho que quando não há prática, a gente perde o domínio.

26) Sim, chaveiros de alguns lugares da França, roupas com algumas frases e alguns quadros brancos na minha casa em que escrevo algumas frases de livros (troco as frases periodicamente).

27) O francês, pois gosto do som e da pronúncia.

28) Sim, na faculdade. Alguns professores, ou mesmo colegas, corrigem de forma irônica ou com certo sarcasmo, expondo minha (e de outros alunos) dificuldade.

29) Sim, toda vez que tenho alguma apresentação ou avaliação. Geralmente, tenho total domínio.

30) Nenhum, mas percebo algumas pessoas curiosas para me ouvirem falar. Talvez o único benefício seja os intercâmbios.

Informante: M11
Sexo: F
Idade: 20
Ano de entrada em Letras-Francês: 2013

1) ----

2) ----

3) Acredito que o interesse pela literatura. Sempre gostei muito de ler e vi no curso de Letras uma forma de aprofundar meu conhecimento sobre obras literárias.

4) Durante o primeiro ano do curso, tive algumas aulas sobre autores franceses e considerei muito interessante. Antes disso já me interessava em aprender a língua francesa. Hoje meu principal interesse no francês é ter acesso às pesquisas relacionadas a minha área (Análise do Discurso).

5) Nunca estive em um país em que se fala francês. No entanto, farei um intercâmbio para a França no próximo semestre (2º semestre de 2015).

6) Além do interesse no âmbito profissional, tenho interesse em aprender a língua grega e alemã para ter acesso às obras literárias no idioma original.

7) Quando eu tinha 13 anos fiz um curso em uma escola de idiomas.

8) Inicialmente, na escola de idiomas, fiz apenas seis meses de curso. Depois disso só voltei a ter contato com a língua francesa já na habilitação em francês do curso de letras (iniciada em 2013).

9) Estudei espanhol por dois anos em uma escola de idiomas e o inglês por três anos na mesma escola de idiomas.

10) Tenho um nível intermediário de inglês, mas não considero ter um domínio pleno dessa língua.

11) Percebo que algumas relações que podem ser estabelecidas entre o inglês e francês, mas não necessariamente entre o francês e o português (como o sujeito oculto ou inexistente em português) me auxiliaram no aprendizado do francês. Em geral, para o aprendizado de expressões e determinadas estruturas sintáticas.

12) Não, considero que aprender uma nova língua permite conhecer muitas coisas, outras culturas, portanto, quando se nega totalmente a possibilidade de aprender determinada língua, perde-se grandes possibilidades de conhecer coisas novas.

13) Acredito que tenho um nível intermediário do francês. Sou capaz de ler textos no original sem uma consulta frequente a dicionários, por exemplo, mas ainda tenho dificuldades em práticas orais do idioma.

14) Acredito que, estudando assiduamente, por volta de três anos.

15) Em 10 anos, vivendo por um período em um país francófono. A forma como nos relacionamos com uma língua estrangeira é diferente, mesmo tendo conhecimento de formas gramaticais, vocabulário e etc., sempre virão novos elementos que serão difíceis de adquirir enquanto falante daquela língua como língua estrangeira.

16) Não, são poucas as situações em que me expresso em francês e mesmo as atividades mais “mecânicas”, como a sistematização de verbos em exercícios do livro de gramática fazem parte do aprendizado do francês.

17) Em um ano.

18) Sim, no final de 2013, pensei em parar de estudar francês para me dedicar ao estudo da língua grega, mas considerei que já havia formado uma “base” da língua francesa e que poderia alcançar o domínio de uma língua para depois aprender outra.

19) Sim, acredito, pois estudo com frequência e, por mais que as dificuldades de compreensão ainda apareçam, são menos frequentes que anteriormente.

20) Tenho apenas as avaliações dos professores do curso de francês na faculdade e nos cursos extracurriculares para me basear sobre isso, mas em ambos os casos, as opiniões se mostraram positivas, portanto, concordo.

21) Não tenho contato com pessoas que tenham domínio do francês, a não ser na faculdade, durante as aulas. Alguns dos professores que tive ao longo do curso são minha referência.

22) Na leitura de textos (sejam eles para a faculdade ou não) e nas aulas da habilitação e dos cursos extracurriculares.

23) Não, a não ser quando paro para estudar o francês.

24) Não sinto necessidade, mas, às vezes, com aqueles que sei que compreenderão, cumprimento ou agradeço usando expressões do francês. Talvez seja pela influência de fazer isso com colegas do curso de francês.

25) Não, se eu me mantiver em contato com o idioma, isso não acontecerá.

26) Tenho uma carteira.

27) O português, minha família não tem conhecimento de outro idioma e as referências culturais que constroem minha identidade foram adquiridas a partir da língua materna.

28) Toda vez que tenho que falar em aula, mas acredito que seja por timidez e também pelo receio de falar errado.

29) Já sonhei que estava em aula falando fluentemente o francês. Foi incrível!

30) Por estudar o francês tive a oportunidade de me inscrever para um intercâmbio na França onde farei matérias que me auxiliarão nos meus projetos de mestrado e doutorado.

Informante: M12
Sexo: F
Idade: 22
Ano de entrada em Letras-Francês: 2012

1) ----

2) ----

3) Tenho em mim o desejo de me tornar professora. Acredito que o curso de Letras, pelo fato de ser de humanas, atende aos meus projetos de realização pessoal. Sou apaixonada por literatura e línguas.

4) De início, foi algo inesperado. Com o decorrer do curso e os bons encontros que ele me proporcionou, fui adquirindo muito interesse pela língua e desejo fazer um intercâmbio para França.

5) Nunca estive. Mas pretendo. Quero muito ir para França e conhecer um pouco mais sobre a cultura do país.

6) Sim. Gostaria de aprender espanhol e italiano. Acho a cultura e a língua em si muito bonitas.

7) Aqui na universidade. No primeiro dia de aula do Francês I, em 2013.

8) Venho estudando o francês desde 2013 (2 anos e meio).

9) Estudei o inglês por três anos no CNA.

10) Não. Quando estudei o inglês não me dedicava tanto, pois não considerava uma língua tão interessante. Talvez pela abordagem do curso, na qual víamos a língua sempre a partir da gramática e suas regras. Com efeito, cursar o francês na faculdade me possibilitou ampliar os horizontes.

11) ---

12) Acho que não. Sempre tem aquela que queremos muito e aquela que queremos pouco, mas acho que não excluiria nenhuma da lista.

13) Depende da competência em questão. Acredito que estou bem nas leituras, pois consigo ler vários textos e livros em francês. Quanto à expressão oral, ainda noto bastante dificuldade, talvez pelo medo de errar e pela pouca prática. A escrita está num bom caminho, mas acho que tenho muito o que melhorar. A compreensão oral segue como a escrita.

14) Essa pergunta é bem difícil. Acho que vai depender do meu esforço e das minhas oportunidades para praticar.

15) ----

16) Sim. Em algumas aulas me senti bastante pressionada. Às vezes, o professor era bem exigente com a fala e isso me deixava numa situação constrangedora.

17) Acredito que em1 ano a fala reduziria bastante. A leitura me parece que não se perde tão facilmente.

18) Sim. No começo do ano de 2014.Não me sentia bem, pois via as pessoas falando e eu não conseguia.

19) Sim. Até mesmo na fala, que tenho mais dificuldade, quando estou em um ambiente mais “descontraído”, consigo me expressar melhor.

20) Quando estou entre amigos fora do âmbito da sala de aula sempre ouço: “M12, você consegue falar, com a gente você sempre fala”.

21) Meus professores.

22) Nas aulas e em alguns momentos com amigos.

23) ----

24) ----

25) Sim. Como aconteceu com o inglês, me afastei da língua e perdi muito. Com o francês, como meu desejo é continuar estudando e me tornar professora, acredito que isso não vai acontecer.

26) Sim. Tenho blusas com palavras em francês e um chaveiro da Torre Eiffel. Ah, e também desenhei a torre e colei no meu quarto para mentalizar que um dia vou para lá. rs

27) Português brasileiro, pois tenho um vínculo afetivo com a língua. É a língua materna e a vejo como parte de mim. Obs.: É engraçado que minha aprendizagem de francês também está trilhando este caminho afetivo, talvez seja um dos pontos fortes para querer continuar…

28) Sim, diversas vezes. Em sala de aula, quando um professor se dirige para mim, ao perguntar algo. Geralmente quando esse professor tem o costume de fazer correção muito rigidamente.

29) Nunca sonhei.

30) É algo prazeroso. Conhecer mais sobre outra cultura e ver que é possível se expressar para além de sua língua materna me faz sentir mais plural e aberta.

Informante: M13
Sexo: M
Idade: 20
Ano de entrada em Letras-Francês: 2013

1) ----

2) ----

3) O interesse por literatura me levou a estudar Letras.

4) Escolhi estudar francês para ter acesso a obras literárias no original.

5) Pretendo ir para França no próximo semestre.

6) Gostaria de aprender alemão para ter acesso a textos filosóficos no original.

7) O meu primeiro contato com o estudo do francês se deu na graduação.

8) Estudo francês há três anos.

9) Já estudei inglês em uma escola de idiomas regular e em cursos oferecidos pela Aucani-USP. Estudei a língua por 6 anos.

10) Tenho o domínio do inglês.

11) O inglês influencia muito meu aprendizado de francês: sempre faço paralelos em relação aos tempos verbais; confundo os vocabulários; etc.

12) Jamais estudaria as línguas orientais, pois elas demandam muito tempo e esforço, além de não se relacionarem com outras áreas de meu interesse.

13) Acredito ter um nível intermediário de francês, pois consigo compreender bem textos escritos e orais. Minha produção, no entanto, ainda é muito básica, tanto no campo da escrita como no da fala.

14) Acredito que os próximos seis meses me ajudarão muito, pois passarei esse tempo estudando na França.

15) Acredito que em três anos, contando o tempo do intercâmbio, obterei um domínio maior – "inquestionável", pois já estudado e aplicado a língua em diferentes esferas, como em pesquisas acadêmicas e situações cotidianas.

16) Falar francês só foi um desprazer em situações de aula nas quais não o fiz voluntariamente, mas por exigência do professor.

17) Acredito que em um ano eu já esqueceria quase tudo.

18) Não.

19) Acredito que meu domínio tem progredido, pois hoje consigo ler livros que não conseguia há um ano, por exemplo.

20) Elas normalmente o elogiam por educação.

21) Meus colegas de turma são minhas referências, pois passaram pelas mesmas experiências de aprendizado que eu.

22) O francês está bastante presente na leitura de textos literários.

23) Encontro influências do francês no léxico cotidiano e em contextos relacionados à literatura, no uso de termos como "mémoire involuntaire" [sic], etc.

24) Não.

25) Não tenho esse receio, porque não pretendo parar de estudar a língua.

26) Não.

27) Inglês, pois conseguiria me comunicar com o maior número de pessoas.

28) Já senti inibição ao ser "obrigado" a falar em aula, pois me senti exposto.

29) Não.

30) Tenho acesso a grandes obras no original, o que me possibilita um contato mais profundo com a literatura. Sinto que isso me beneficia na compreensão desses textos.

Informante: M14
Sexo: M
Idade: 24
Ano de entrada em Letras-Francês: 2012

1) ----

2) ----

3) Meu interesse pelo estudo e pela prática do texto e pela literatura.

4) Tenho um interesse pelas línguas neo-latinas em geral. Optei pelo francês como curso superior por considerar que este era o mais “distante” de mim, de minha cultura.

5) Sim, estive na França, onde me hospedei por cerca de dois meses em casas de família, ajudando com as tarefas diárias.

6) Sim, por exemplo o japonês. Acho difícil dizer os motivos, mas talvez exista sobretudo um interesse em lidar com a alteridade.

7) Um pouco antes de ingressar no curso de Letras havia estudado, por cerca de um ano, na minha cidade natal – Atibaia.

8) Juntando estes momentos, estudo francês há aproximadamente 5 anos.

9) Sim. Formalmente, estudei inglês no período escolar, por cerca de seis anos.

10) Sim. No caso do inglês, considero que o contato constante com a língua foi um grande diferencial no aprendizado. Creio que sim.

11) Sobretudo das outras língua neo-latinas, embora as conheça pouco. Na leitura de um texto, por exemplo, podemos comparar elementos lexicais, gramaticais, etc.

12) Creio que não.

13) Considero razoável. Ainda tenho dificuldades ao ler um texto literário.

14) Acredito que a partir de agora isto dependerá do meu envolvimento com culturas de língua francesa, pois considero difícil de separar língua e contexto cultural.

15) Acredito que nunca! Percebi que tudo o que faço e estudo o faço a partir de minha cultura materna, e tenho ela em mente.

16) Não, embora o estudo normativo não me interesse tanto.

17) Em cerca de um ou dois anos.

18) Não.

19) Sim. A maior compreensão da língua em uso, as [*palavra ilegível*] locuções, expressões, etc.

20) Não possuo, no momento, lembrança de algum retorno quanto a isso.

21) Meus professores da faculdade. É sobretudo através deles que estou em contato com a língua.

22) Sobretudo nas atividades envolvendo a universidade.

23) Creio que não.

24) Creio que não, embora às vezes tenha o hábito de tentar traduzir, mentalmente, alguma canção que tenha na mente.

25) Não, acho que conseguiria retomá-las, aos poucos.

26) Creio que não.

27) O português. Como disse anteriormente, percebo que faço tudo a partir de minha cultura materna, e é por ela que tenho maior interesse.

28) Eventualmente, por não ter muita facilidade com a comunicação oral. Acredito que isto se deu sobretudo no curso da faculdade.

29) Creio que não, não que eu me lembre.

30) Poder traduzir algo de outro idioma (como o francês) para o meu é, para mim, muito gratificante.

Informante: M15
Sexo: F
Idade: 22
Ano de entrada em Letras-Francês: 2012

1) Minha mãe morou na Itália e falava em italiano comigo quando pequena. Mas o português é a sua língua materna.

2) ----

3) Interesse por literatura, principalmente francesa.

4) Formação profissional, acesso a obras literárias no original.

5) França e Bélgica.

6) Gostaria de aperfeiçoar o inglês e aprender espanhol, por serem línguas importantes para o mercado de trabalho e por me interessar pela literatura escrita nesses idiomas.

7) Em uma escola de língua em 2012.

8) Aproximadamente 1 ano.

9) Estudei italiano da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (período de alfabetização) em uma escola ítalo-brasileira e inglês em escola de língua (aproximadamente 2 anos) e no Canadá (2 meses).

10) Sim, nas duas cheguei a ter um domínio. O italiano ainda possuo o domínio, o inglês não mais como antes.

11) O italiano ajudou com vocabulário e algumas noções como o partitivo, presente em ambas as línguas.

12) Chinês, árabe. Não me identifico com as culturas dos países em que são faladas.

13) Tenho um bom domínio da expressão e compreensão da escrita, boa compreensão oral, mas ainda deficiência na expressão oral. Percebo essas características ao praticar a língua: consigo ler e compreender muito bem, escrevo bem, compreendo boa parte quando vejo vídeos, mas quando tento falar percebo a dificuldade.

14) Espero até o fim do curso na USP já ter um domínio completo, pois nesse período me serão dadas muitas ferramentas e oportunidades de melhorar.

15) Acredito que apenas depois de morar alguns anos na França, pois é apenas no país em que submerge completamente na cultura e em todas as variações da língua.

16) Não.

17) Um ano.

18) Não.

19) Sim. Fiz um intercâmbio de 6 meses na França e percebo que melhorei muito o nível da língua. Mas após o intercâmbio, percebo que não progrido tanto quanto progredi estando na França.

20) Tenho um retorno apenas dos professores, que corrigem provas ou textos que fiz. Não cometi muitos erros e os cometidos foram mais detalhes, então acho que na parte escrita estou bem. Fora isso, não sei.

21) Professores de Francês da faculdade, pois falam com total fluidez, com pronúncia perfeita etc.

22) Apenas leituras e, às vezes, no canal TV5 da TV a cabo.

23) Não.

24) Às vezes, quando estou com o meu companheiro, que também estuda francês, pois tenho impressão que a palavra em francês irá expressar melhor o que quero dizer. Ou ainda para fazer brincadeiras.

25) Sim, acredito que, morando no Brasil, se eu não praticar posso perder as competências em francês (assim como perdi as em inglês e italiano).

26) Não.

27) Português. Pois é a língua com que me expresso melhor, que me é “natural”, em que penso.

28) Sim. Sou muito tímida, então diversas vezes senti inibição ao falar francês, principalmente nas aulas na França, em que tinha muito receio de errar e falar algo ridículo.

29) Não.

30) Poder ler as obras francesas.

Informante: M16
Sexo: F
Idade: 22
Ano de entrada em Letras-Francês: 2013

1) Ambos têm português como língua materna.

2) Minha língua materna é o português.

3) Aprender mais sobre idiomas e questões culturais.

4) Acho o francês uma língua muito interessante e muito importante, dessa forma quis aprender Francês para ensiná-lo.

5) Nunca estive, mas farei um intercâmbio para a Suíça no próximo semestre.

6) Sim, Italiano, pois é um idioma muito presente na comunidade onde vivo.

7) Em 2012, em um curso do centro de línguas da FFLCH.

8) Em torno de 3 anos.

9) Sim, já estudei inglês em uma escola de idiomas durante 4 anos e meio.

10) Não, sinto que preciso aperfeiçoar o inglês para o nível avançado.

11) Sim, apesar de muitas vezes confundir os idiomas e acabar cometendo erros, algumas palavras são semelhantes e assim facilitam a compreensão do francês.

12) Não.

13) Acredito que não possuo um domínio satisfatório, sobretudo em produção oral, já que muitas vezes não consigo me expressar durante as aulas.

14) Isso dependeria das condições de estudo e de esforço, mas acredito que se eu continuar nesse mesmo ritmo dentro de um ano, mais ou menos, terei esse domínio.

15) Dois ou três anos, pois assim terei tempo de fazer meu intercâmbio e continuar estudando após o término.

16) Sim, em alguns momentos de sala de aula e ao fazer determinadas atividades repetitivas ou sem finalidade específica.

17) 1 ano, mais ou menos.

18) Sim, quando senti que não estava desenvolvendo bem o idioma, logo no começo do curso.

19) Sim. Consigo produzir textos mais rapidamente e sem necessidade de fazer muitas consultas. Além de conseguir entender melhor quando alguém fala francês. Apesar disso, a produção oral continua estagnada.

20) Elas acreditam ser bom, mas dizem que preciso melhorar. Concordo, pois se eu desenvolver o idioma terei mais facilidade para me expressar.

21) Meus professores da graduação e alguns colegas já formados, pois falam/escrevem/entendem o idioma muito bem, a ponto de poderem ensiná-lo. Além disso, alguns são nativos.

22) Além do contexto universitário, o francês está inserido em hábitos como a leitura, músicas e filmes. Faço também trabalho voluntário na Missão Paz, dessa forma convivo com haitianos e dou aula de francês para os funcionários.

23) Sim, alguns estabelecimentos comerciais utilizam palavras em francês em seu nome. A culinária também adota expressões e nomes.

24) Sim, ao conversar com alguns colegas muitas expressões se tornaram comuns, sendo que a forma traduzida não causaria o mesmo efeito na conversação.

25) Sim. Temo passar muito tempo sem ter contato com o idioma ao fim da graduação, caso meu ramo profissional seguido seja outro.

26) Sim, camisetas, chaveiros, cartões postais, uniforme da seleção de futebol, canetas, marca páginas.

27) Português, pois é a língua em que me expresso melhor e tenho mais domínio.

28) Sim, com meus professores pois me sinto pressionada, seja em aula ou em conversas informais, já que me sinto constantemente avaliada.

29) Não.

30) Posso ler obras no original, aprender mais sobre a cultura, me comunicar com estrangeiros, viajar, dar aulas etc.

Informante: M17
Sexo: F
Idade: 22

Ano de entrada em Letras-Francês: 2013

1) ----

2) ----

3) Interesse por literatura e línguas estrangeiras.

4) Interesse pela literatura e cinema, e vontade de ter acesso aos textos originais, sem a necessidade de utilizar traduções. Por ter sido bailarina, já tinha alguma familiaridade com o idioma (a nomenclatura do ballet clássico é em francês), além de um contato com a cultura francesa, o que despertou o interesse de aprender mais.

5) Não. Gostaria de conhecer a França.

6) Sim. Futuramente pretendo estudar italiano, por conta da proximidade deste idioma com o português e o francês, além de acreditar que um novo mundo se apresenta a cada idioma adquirido.

7) USP. 2013.

8) Cinco semestres.

9) Inglês. Access International School – 6 anos. Alemão. Acess International School – 2 anos. Espanhol. USP – 6 meses (técnicas de leitura e tradução).

10) Sim, possuo um nível avançado de inglês, um nível básico de alemão e a capacidade de ler textos em espanhol.

11) Sim. Principalmente no que se refere ao vocabulário. Foi fácil, por exemplo, aprender que "cadeira" em francês é "chaise", por associação com "chair" do inglês. Os dias da semana em francês foram facilmente decorados, porque eles começam com a mesma letra dos dias da semana em espanhol. Por exemplo: lundi-lunes. A pronúncia do alemão também auxiliou na pronúncia de alguns sons do francês, por exemplo o "Brésil", cujo som é gutural.

12) Tupi. Porque uma língua é mais facilmente aprendida quando existe algum interesse pela cultura de seu povo. E eu não possuo interesse em aprofundar meus conhecimentos acerca da cultura indígena.

13) Satisfatório. Consigo me comunicar, ler os grandes clássicos, redigir textos, assistir filmes e compreender músicas.

14) Dentro de um ano. Acredito que a fase mais difícil do aprendizado já tenha sido superada (gramática, vocabulário, tempos verbais, etc.) No entanto, falta apenas mais prática com o idioma e eliminação de erros pontuais.

15) Acredito que só chegarei a esse patamar quando tiver a oportunidade de morar (um semestre ao menos) em um país de língua francesa.

16) A questão do sotaque, para mim, é sempre um problema. Apesar de entender muito bem filmes franceses, tenho dificuldades, por exemplo, em compreender a fala do Québéc, Canadá.

17) Três anos.

18) Não.

19) Sim. Facilidade cada vez maior de interpretar textos e áudio.

20) Meus colegas de classe e professores me dizem que o meu domínio está melhorando.

21) Colegas de sala. Porque nós progredimos juntos, e nos ajudamos para solucionarmos nossas dúvidas.

22) Sala de aula, filmes, músicas, leituras.

23) Sim. Uso de vocabulário francês, principalmente em restaurantes.

24) Não é bem uma necessidade, mas tornou-se um hábito meu. Em casa, por exemplo, eu digo "bonjour", "au revoir", e chamo o cachorro de "chien", entre outros. Minha mãe não fala francês, mas acabou aprendendo algumas palavras e se acostumando com o meu uso.

25) Sim. Tenho medo de ficar um longo tempo sem contato com a língua e acabar perdendo o domínio do vocabulário e da gramática. O mesmo se passou comigo em meu aprendizado de alemão. Costumava ter um nível intermediário.

26) Livros e filmes.

27) Inglês. É um idioma internacional.

28) Sim. No começo do aprendizado era muito difícil conversar em francês, principalmente com falantes nativos.

29) Sim. Sonhei que estava perdida em um lugar estranho e tive que pedir informação para uma pessoa que não me entendia, então eu comecei a falar em francês. Frases simples como: "Je suis perdue" e "Je suis brésilienne".

30) Compreensão de uma nova cultura, acesso a conteúdos que não estão disponíveis em outros idiomas e contato com uma nova maneira de "interpretar os acontecimentos do mundo".

Informante: M18
Sexo: M
Idade: 22
Ano de entrada em Letras-Francês: 2012

1) Não.

2) Não.

3) Primeiramente foi o gosto pela literatura e pela análise literária, mas depois foi a necessidade que descobri de dar voz àqueles que são e foram ignorados pela sociedade brasileira e/ou mundial.

4) No primeiro ano de curso tive contato com a crítica literária francesa e decidi seguir essa habilitação, pois via nela a base para uma formação voltada à vida acadêmica.

5) Não, mas pretendo conhecer a França e principalmente países africanos francófonos.

6) Planejo desenvolver o espanhol e o inglês, também por motivos acadêmicos, mas quero aprender quantos idiomas eu puder a título de curiosidade.

7) Na universidade, durante a aula de apresentação do curso.

8) 4 anos.

9) Não.

10) Não.

11) O pouco conhecimento que possuo do inglês me ajudaram [sic] com algumas questões gramaticais e também com vocabulários.

12) Não.

13) Eu acredito que a minha dificuldade encontra-se na assimilação de questões gramaticais, quanto ao meu entendimento seja lendo, ou ouvindo, estou num nível bom, pois consigo assistir às aulas do curso, ou mesmo filmes, sem grandes dificuldades, a não ser um ou outro problema com o vocabulário.

14) Eu só terei o domínio do francês quando puder fazer um intercâmbio, até lá estarei limitado a ler e ouvir, mas com dificuldades de me expressar.

15) Só depois de um intercâmbio, porque acredito numa necessidade de vivenciar a língua para dominá-la.

16) Algumas vezes, quando os professores nos colocam sob uma pressão extremamente desconfortável, ignorando qualquer dificuldade, ou timidez.

17) Talvez dois anos.

18) Sim, justamente quando estava sobrecarregado com as responsabilidades da faculdade e do trabalho, abandonei a habilitação por um ano.

19) Sim, pois no semestre anterior eu não acreditava ser capaz de escrever um texto em francês e hoje vejo que isso é possível.

20) A mesma que a minha, então eu concordo.

21) Não sei.

22) Durante o curso apenas.

23) Não me lembro.

24) Não.

25) Sim, porque acredito ser um trabalho contínuo, o não exercício da língua faz com que suas competências diminuam.

26) Não.

27) O português brasileiro, pois me identifico muito mais com uma cultura não hegemônica.

28) Sim, nas salas de aula, pois eu me sinto o pior aluno do curso, às vezes me sinto inibido ao participar dos debates.

29) Sim, durante a semana de provas, sonhei que estava numa aula de francês e que estava conversando (em francês) com o professor.

30) O conhecimento e a possibilidade de comunicar-me com pessoas de outra realidade cultural.

Informante: S1
Sexo: M
Idade: 28
Ano de entrada em Letras-Francês: 2013

1) Ambos têm o português como língua materna.

2) O português é minha língua materna.

3) Após terminar curso de Bacharel/Licenciado em Filosofia, senti necessidade de ter um domínio profundo de uma língua estrangeira (Alemão ou Francês) e de ampliar minha formação literária.

4) Para continuar meus estudos em filosofia, senti necessidade de ter um domínio maior de ao menos uma das línguas modernas mais produtivas na área: Alemão e Francês. Optei pelo francês por já ter algum contato com a língua e por ter afinidade com os autores desta língua. O objetivo é, portanto, poder ler os originais dos autores filosóficos com compreensão profunda e tornar possível uma pós-graduação em um país francófono.

5) Estive a turismo em Paris, mas por apenas 3 dias. Na ocasião (2010) tinha pouquíssimo conhecimento da língua e recorri também ao inglês para me comunicar por lá. Pretendo voltar à França e, se possível, a outro países francófonos como Canadá e Bélgica. Pretendo fazer pós-graduação na França na área de Filosofia.

6) A princípio, tenho interesse em Inglês, Espanhol e Alemão. Um pouco menos no Russo e no Italiano. O principal motivo em todos os caso é a possibilidade de ter acesso a textos no original, sobretudo, filosóficos e literários.

7) Meu primeiro estudo de francês se deu em um site de ensino de línguas [nome de leitura duvidosa], por volta de 2010.

8) Depois desses estudos que duraram por cerca de um ano, optei por entrar em Letras. Além do estudo da língua na graduação, fiz dois semestres de francês (descontínuos) na Cultura e Extensão. No momento, só acompanho as disciplinas da graduação.

9) Quando criança fiz curso de inglês. Depois disso, tive estudo de inglês na escola e um ano de espanhol durante o ensino médio. Durante a graduação em Filosofia, tive prática de leitura de textos em língua estrangeira (Espanhol, Inglês e Francês).

10) Não estou satisfeito com meu domínio em nenhuma delas.

11) No aprendizado de francês com alguma frequência percebo semelhanças (sobretudo lexicais) com o inglês.

12) A princípio nenhuma.

13) Abaixo do esperado a essa altura da graduação. Pois apresento dificuldades em produzir textos e em falar a língua atendendo todos os pontos gramaticais já estudados.

14) Acredito que isso dependa das condições do curso nos próximos semestres e da minha disponibilidade e dedicação em estudar a língua. No atual momento, como aguardo o nascimento do meu filho para o próximo mês, não tenho como avaliar isso.

15) Considerando o ritmo até o momento, levaria no mínimo mais uns 5 anos para ter um nível minimamente satisfatório. Creio que um domínio “inquestionável” dependa ainda de um período significativo de inserção (intercâmbio).

16) Há desprazer em estudar francês diante do descaso e da arbitrariedade de uma parte dos professores do Departamento na graduação. Há ainda desconforto em falar diante de reações de menosprezo ou sarcasmo por parte dos professores.

17) Acredito que em pouco mais de dois anos já teria pouco ou nenhum domínio da língua.

18) Não pensei em desistir de aprender. Mas já pensei em desistir da graduação em Letras-Francês devido às condições do departamento (qualidade dos professores). E já pensei em adiar esse aprendizado. Por esses mesmos motivos e por outros motivos de ordem pessoal.

19) No momento, creio que ele não progride em nada. Meus estudos estão praticamente paralisados e as aulas de Francês V têm sido desestimulantes e inúteis. Mas reconheço grande progresso desde o início do curso.

20) Desconheço a opinião de outras pessoas.

21) Não tenho uma referência direta. A maioria dos meus colegas parece estar em condições semelhantes a mim. Há uma amiga da Filosofia com fluência. Enfim, o parâmetro que me interessa é a fluência da língua que seja perceptível no trato “natural” com a língua.

22) Nenhuma além das aulas da graduação.

23) Não sei se compreendo bem a questão. Mas considero que os filósofos francófonos com os quais tive/tenho contato são um tipo de referência.

24) Em raríssimas situações. Não consigo me lembrar de nenhum exemplo. Mas penso que seja em casos em que a palavra/expressão em francês constitui um conceito.

25) No momento, não tenho essa preocupação, pois ainda me encontro na graduação. Mas considero a necessidade de, após formado, manter contato cotidiano com a língua para evitar essa perda.

26) Não que eu me lembre.

27) Desse modo arbitrário, seria o português pela "naturalidade" com me movo nela.

28) Frequentemente me sinto inibido em falar francês, pois não me sinto seguro do meu domínio da língua. Tanto na aula como com os demais colegas e amigos.

29) Não tenho memórias muito claras dos meus sonhos, mas tenho a impressão de já ter tido sonhos em que se falava francês.

30) Por enquanto, apenas a compreensão de expressões em situações cotidianas. Espero que isso tome maior proporção, tornando possível o domínio profundo que desejava ao prestar Letras.

Informante: S2
Sexo: M
Idade: 32
Ano de entrada em Letras-Francês: 2011

1) ----

2) ----

3) Manter contato com a língua francesa e também pelo gosto pela literatura.

4) A princípio manter contato com a língua francesa, mas hoje também enxergo como formação profissional.

5) Sim, França, Suíça, Marrocos e Bélgica.

6) Sim, gostaria de aperfeiçoar o inglês e aprender italiano. A sonoridade do italiano me encanta.

7) Num curso intensivo de 2 meses que fiz em 2008, visando a preparação para o intercâmbio na França.

8) Desde então, nunca mais parei de estudar.

9) Inglês, estudei 1 ano com aulas particulares, no momento só estudo francês.

10) Não.

11) Não, pois o francês foi a primeira língua estrangeira que estudei.

12) Chinês, pela dificuldade no aprendizado e por não enxergá-la como uma ferramenta necessária.

13) Acredito que meu domínio seja intermediário por causa do longo contato que tenho com o idioma.

14) Acredito que com mais uns 2 anos e um estudo mais concentrado na gramática será possível conseguir um ótimo nível de domínio.

15) Inquestionável é um domínio que não pretendo ter, pois se tratando de língua estrangeira, acredito que sempre teremos algo para aprender.

16) Nunca.

17) Em 3 anos, talvez 4 anos.

18) Nunca, o francês é muito prazeroso para mim.

19) Sem dúvida, pois tenho me dedicado mais a questões gramaticais.

20) Na última vez que estive na França (janeiro de 2015) passei um mês falando em francês e meus amigos franceses elogiaram minha facilidade em me comunicar com diversas pessoas.

21) Um amigo formado em francês pela FFLCH que fez o mestrado na França e atualmente trabalha no consulado francês em São Paulo. Ele é referência pois está em contato diário com franceses, seja falando ou escrevendo.

22) Atividades de estudo e de lazer, sobretudo filmes.

23) Sou professor particular e tenho alunos que estudam em uma escola onde se ensina francês, por isso sempre ensino algumas tarefas para eles que estejam ligadas ao idioma francês.

24) Sim, em situações profissionais de ensino.

25) Não, pois pretendo atuar na área de ensino do francês.

26) Sim, bilhetes de viagem e livros.

27) Português, pois é minha língua materna.

28) Sim, em algumas aulas na faculdade, por medo de cometer erros.

29) Não.

30) A língua francesa e toda cultura francesa é vista por muita gente como rica e símbolo de cultura, por isso é sempre “impactante” quando pessoas sabem que falo francês, não deixa de ser um benefício.

Informante: S3
Sexo: F
Idade: 22
Ano de entrada em Letras-Francês: 2013

1) A língua materna de meus pais é a língua portuguesa.

2) A minha língua materna é a língua portuguesa.

3) Bem, eu deveria escolher um curso universitário, era o que eu queria, embora não soubesse ao certo qual. Optei por letras por uma série de razões: gostar de ler e escrever, gostar de estudar idiomas, a multiplicidade de áreas nas quais eu poderia trabalhar (acadêmica, educacional, editorial, tradução…), o encantamento com a literatura, a multiplicidade de cursos superiores de qualidade em São Paulo…

4) O motivo que me conduziu ao estudo de francês foi, sobretudo, o desejo de aprender uma outra língua. Hoje, estudo francês com outros objetivos, sendo o principal deles a formação profissional na área.

5) Não, nunca estive. Gostaria muito de ir à França, se possível, no ano que vem.

6) Sim. Espanhol, por uma questão profissional, e árabe, pois sou fascinada pela arte da caligrafia, a pronúncia, a cultura dos países de língua árabe…

7) Durante o primeiro [ano] da graduação em língua francesa na FFLCH-USP.

8) Este estudo vem durando há dois anos, este seria o terceiro ano.

9) Sim. Estudei três anos e meio de espanhol durante o colégio, um ano de tcheco durante o primeiro ano da graduação e inglês em uma escola particular por dois anos e meio.

10) Não, na minha opinião. Sempre estive aquém do necessário.

11) Percebo a influência, sobretudo do inglês, no que diz respeito ao vocabulário e algumas construções.

12) Não, não conheço nenhuma língua estrangeira que não me pareça interessante.

13) Creio ter um nível de francês satisfatório no que diz respeito ao meu tempo de dedicação aos estudos, que, atualmente, não tem sido muito prolongado. Algo como intermediário. Minhas dificuldades em pronúncia, mas sobretudo escrita do idioma.

14) Não faço a mínima ideia. Idealizo, com muita dedicação, aproximadamente um ano.

15) Não faço a mínima ideia.

16) Sim. Em diversos momentos da graduação diante de professores por vezes mal-educados e opressores.

17) Creio que demoraria algum tempo, mais de um ano, talvez dois…

18) Sim. Durante diversos momentos da graduação, por uma série de motivos: caráter e tom opressor de alguns professores, aulas por vezes mal estruturadas, cobrança de um nível de língua totalmente além daquilo que nos é porcamente oferecido, trabalhos e provas que beiram o ridículo, má estrutura do curso de francês como um todo…

19) Sim, pois, hoje, construo sentenças e textos e me comunico com muito mais facilidade que outrora.

20) Sempre tive uma resposta positiva quanto a isso; dizem que meu francês é bom para o meu tempo de estudo e que eu progredi bastante. Concordo em partes, creio, de fato, ter progredido.

21) Francamente, nenhuma. Não me baseio ou tomo quem quer que seja como referência pra coisa alguma…

22) No momento em que assisto algum vídeo, ouço alguma música o leio algum texto "extra-graduação" em francês.

23) Sim, às vezes, durante conversas cotidianas, introduzo algum termo em francês quando falo; por vezes me comunico comigo mesma em francês ou me vejo explicando algo da língua para algum conhecido.

24) Não sinto necessidade, quando isso ocorre se dá de maneira espontânea.

25) Não, a vida tem dessas.

26) Sim, chaveiros, adesivos…

27) O português. É a língua com a qual eu me reconheço e identifico, a falo desde criança… Uma espécie de apego, como dizem por aí.

28) Sim, quando estou demasiadamente exposta ([devo?] falar para um pequeno ou grande grupo em silêncio) ou em congressos nos quais eu sou a única que está na graduação ou nunca esteve na França.

29) Não, isso já é demais.

30) O privilégio de conhecer outra língua e ter acesso a uma cultura diferente da minha, o prazer de me ver capaz de adentrar um outro idioma, o reconhecimento do meu esforço no surgimento de oportunidades profissionais na área…

Informante: S4
Sexo: F
Idade: 32
Ano de entrada em Letras-Francês: 2013

1) Mãe – francês.

2) Francês.

3) O diploma e conhecer as diferentes áreas para (talvez) um mestrado ou doutorado.

4) Nenhum. É a minha língua materna.

5) Sim, estive na França.

6) Sim, já aprendi alemão. Gostaria de aprender inglês direito (e não só inglês para sobrevivência), mas só por curiosidade e interesse pessoal.

7) Em casa.

8) Desde sempre.

9) Fiz graduação de letras, alemão (de 2000 a 2005), mestrado em literatura alemã. Estudei alemão por 13 anos.

10) Não, meu nível de alemão é satisfatório, mas nunca foi suficiente para dar aulas ou apresentar em um congresso em alemão.

11) Não.

12) Sim. Jamais estudaria chinês. É uma língua muito difícil e, de difícil, já estudei alemão.

13) Tenho o francês nativo. Preciso só me atualizar para as expressões mais atuais e para evitar a confusão entre francês-português (por ter sempre morado no Brasil).

14) Acho que seria só uma questão de passar alguns meses na França.

15) Alguns meses in loco, para treinar expressões atuais e evitar confusões entre expressões do português e do francês.

16) Sim, quando criança e minha mãe me obrigava a estudar francês.

17) Acho que longos anos.

18) Não.

19) Sim, as aulas me ajudam a melhorar mais meu francês e manter contato com a língua (fora da família ou da sala de aula).

20) As pessoas acham que por você ser um nativo, você sabe tudo. Mas isso não é verdade, como para um falante de português.

21) Minha família (mãe, irmã e parentes franceses mais distantes), professores franceses da faculdade e alguns colegas de trabalho.

22) Dou aulas de francês e converso (escrevo para) com minha família.

23) O português interfere no francês porque às vezes as expressões se confundem. Por exemplo: falar “fazer atenção” para “faire attention” ou o contrário também, mas não consigo me lembrar de um exemplo.

24) Pelo meu histórico, não sei responder.

25) Não.

26) Sim, todos esses citados. São presentes dados pelos familiares.

27) Não sei. Talvez francês, para manter meu emprego.

28) Sim, com alguns familiares, por falta de prática. Mas passa logo, é só um desconforto momentâneo. E também por causa do meu sotaque que é influenciado pelo português.

29) Sim. Quando sonho com pessoas da minha família.

30) Emprego.

Informante: S5
Sexo: F
Idade: 37
Ano de entrada em Letras-Francês: 2013

1) ----

2) ----

3) Paixão pela língua francesa e literatura no geral. Gosto pelo estudo. Profissionais.

4) Desejo de trabalhar com a língua.

5) França e Marrocos.

6) Espanhol, italiano, alemão, chinês. Por razões profissionais e gosto por línguas estrangeiras.

7) Na faculdade de jornalismo em 1998.

8) Estudo a língua há 10 anos.

9) Inglês, espanhol, alemão. Estudei inglês por 6 anos, espanhol por alguns meses, alemão por 3 meses. As aulas foram particulares.

10) Inglês. Ainda tenho.

11) Sim. Principalmente na parte do vocabulário.

12) Português, porque já conheço.

13) Sou muito exigente comigo mesma e como quero dar aulas, acho que preciso melhorar mais.

14) Em 3 anos, porque planejo passar um tempo na França.

15) Nunca terei um domínio inquestionável, porque não é a minha língua materna.

16) Nunca tive.

17) Em 3 anos.

18) Já, há uns 5 anos, porque não conseguia ver uma utilidade profissional para a língua.

19) Sim, porque tenho feito provas de proficiência.

20) Elas dizem que é muito bom. Nem sempre concordo por ser muito exigente comigo mesma.

21) Minha professora particular de francês.

22) Apenas na universidade de Letras.

23) Sim. Palavras que possuem origem francesa e que fazem parte do cotidiano.

24) Às vezes, para brincar com as pessoas.

25) Sim, porque dediquei muito tempo da minha vida para adquirir essas competências.

26) Sim. Fotos, souvenirs, cds, livros, roupas, etc.

27) Francês, porque acho lindo.

28) Sim, durante minhas viagens e na faculdade.

29) Não.

30) Benefício da realização pessoal.

Informante: S6
Sexo: F
Idade: 21
Ano de entrada em Letras-Francês: 2013

1) ----

2) ----

3) Amor à poesia e às línguas em geral.

4) Acesso às obras literárias e linguísticas no geral, paixão pela cultura francesa (aspecto intimista), paixão pela língua francesa (gosto do som e da escrita).

5) Não. Pretendo ir à França e aos países que falam francês na África.

6) Sim. Russo, Italiano. Inicialmente pela literatura, pelo cinema e pelas artes no geral. Em sentido mais abrangente, pretendo conhecer a cultura no todo, pois acredito que essas duas línguas podem me aproximar do contexto deles no sentido de que posso melhor entender a história deles e influência no mundo todo.

7) Na USP, em 2013, no curso da habilitação em Francês da Letras.

8) Já dura 2 anos.

9) Sim. Espanhol e inglês. Em cursos pagos (CNA, Influx) e também por conta própria. O espanhol aprendi sozinha, estudando desde meus 12 anos até os 18. O inglês estudei por aproximadamente 5 anos.

10) Sim, cheguei a ter o domínio do Espanhol e cheguei no nível avançado do Inglês. Não tenho mais, um dos principais motivos é porque deixei essas línguas de lado para aprender o Francês.

11) Sim. O espanhol. Na conjugação verbal etc, isso se dá pelo fato de serem línguas originadas do latim.

12) No momento, não.

13) Tendo em vista que aprendo Francês há somente dois anos, considero um super avanço, pois já não tenho dificuldades para ler, apesar de ainda ter dificuldades para assistir filmes sem legenda. Acredito que tenho um nível intermediário.

14) Em mais três anos, caso não faça intercâmbio. Com intercâmbio, em mais um ano e meio.

15) Nunca, porque não tenho um domínio inquestionável nem da minha língua materna.

16) Sim, quando me sinto pressionada em sala de aula. De resto, é sempre um prazer.

17) Em um ano e meio.

18) Sim. Pensei há algumas semanas. Crises existenciais do tipo: “O que eu quero para a minha vida” ou “O que vou fazer com a língua agora que sei” e também pelo descaso de alguns professores do curso, que não estimulam o aprendizado (e tem, hein?!).

19) Sim. Assisto cada vez mais filmes, consigo ler alguns livros (mesmo que demore).

20) Pensam o mesmo que eu, que tenho um avanço a cada semestre.

21) A X., aluna do francês; e o Y., aluno também.

22) Literatura, música, filmes. Quando estou me entretendo com essas três artes; no Whatsapp falo francês com meus amigos, no cotidiano também.

23) Sim. Palavras que foram traduzidas como toilet; etc.

24) Sim. Às vezes sinto alguns sentimentos que só consigo sentir em francês. Não sei quais situações, vem do nada.

25) Tenho, mas não acredito que vá acontecer, pois gosto de sempre aprender mais e mais o Francês.

26) Sim. Cadernos, alguns quadros.

27) Português do Brasil! Porque sou brasileira [desenho de um coração]. Se, um dia, eu aprender tupi e outras línguas indígenas, acharia legal só falar elas também.

28) Sim, quando não lembro a palavra, geralmente em contextos interpessoais.

29) Ainda não.

30) É sempre motivo de conversa quando conheço alguém novo. E, acredito que pelo caráter romântico e “chique” que deram estereotipadamente aqui no Brasil, quando eu digo que estudo Francês é sempre um ponto a mais na conquista ou como diferencial.

Informante: S7
Sexo: F
Idade: 32
Ano de entrada em Letras-Francês: 2010

1) Língua japonesa – mãe.

2) Meu primeiro contato linguístico foi com o japonês. O português foi apenas quando ingressei na escola.

3) Pelo amor à literatura, sobretudo. Pelo interesse em conhecer o funcionamento linguístico e pelo objetivo de ser professora de francês ou de literatura.

4) Pela vontade dominar a língua francesa que sempre me fascinou pela beleza de sua sonoridade, para ter acesso a obras literárias no original.

5) Não. Pretendo ir à França neste mês e ficar por lá por um mês para conhecer o país e para curso de imersão de língua francesa.

6) Sim, a língua alemã, para ter acesso a obras literárias e a escritos filosóficos no original.

7) Em 2005, num curso oferecido pelo mosteiro de São Bento (ou faculdade São Bento), mas por apenas 1 semestre.

8) Apenas retomei em 2010, porém tive que parar em 2013 e 2014 (2 anos). Completo 4 anos de estudo este ano.

9) Sim. Inglês – União Cultural Brasil-EUA (03 anos); Cultura Inglesa (01 ano). Japonês – Nobiru Gakun (02 anos).

10) Sim. Língua japonesa: tinha capacidade de ler e escrever bem, trabalhava diretamente com a língua quando fui funcionária do consulado do Japão (05 anos); ainda hoje, compreendo bem, porém já começo a mês esquecer da escrita e da oralidade. Língua inglesa: boa compreensão e escrita (ainda se mantêm); a oralidade vai se prejudicando pela falta de prática.

11) Acredito que tenho certa facilidade no aprendizado de língua estrangeira, talvez tenha a ver com o bilinguismo (português/japonês) da infância.

12) Não.

13) Sinto melhoras com o tempo, porém sinto que deveria me esforçar mais para ter uma evolução mais rápida e consistente. Sinto dificuldades principalmente para falas com certa continuidade e fluidez, é necessário praticar mais.

14) Se eu me esforçar um pouco mais sistematicamente, isto é, revendo a gramática com regularidade, lendo com mais frequência, assistindo a mais filmes, tentando achar formas de praticar a conversação, acredito que em 05 anos consiga dominar bem a língua.

15) Isto dependerá de um contato contínuo com o francês e de idas frequentes a países francófonos. Dentro destas condições, levaria talvez uns 7 anos.

16) Não.

17) Em 3 anos, mais ou menos.

18) Não.

19) Sim, maior facilidade em escrever, em executar uma pronúncia razoável e maior facilidade na leitura.

20) Meus colegas de curso e professores já elogiaram minha progressão. Concordo, mas estou longe do domínio.

21) A profa. D.; uma colega que já é professora de francês (viveu na França por um ano); profa. J.. Tenho grande prazer em ouvir o francês dessas pessoas, pela pronúncia, cadência sonora e fluência.

22) Em filmes e livros, sites de internet, além das aulas. Em alguns casos, uso a língua francesa em e-mails, no ambiente de trabalho, quando escrevo para editoras francesas.

23) Sim, às vezes reparo que a minha prosódia na língua portuguesa está alterada, influenciada pela língua francesa.

24) Sim. Há palavras que se incorporaram internamente, como interjeições e palavrões. Tento mentalizar frases inteiras em francês, às vezes tento formular pensamentos em francês.

25) Sim, se por motivo de força maior, não puder mais praticar o francês, isto será muito triste. Mas acho difícil ocorrer, tendo em vista todo o aparato tecnológico que temos hoje em dia (internet, filmes, etc) e os livros.

26) Sim. Uma blusa com expressões em francês, uma sacola que minha tia trouxe da França com expressões em francês.

27) A língua portuguesa, pois a considero a minha língua de pensamento e de expressão primária, com a qual tenho intimidade e cuja beleza reconheço também.

28) Sim, sempre. Sou um pouco orgulhosa, então tenho medo de errar, mesmo que o erro seja natural para o aprendiz. Estou sempre lidando com isso.

29) Sim. Não me lembro muito bem do enredo, mas eu explicava algo em francês para alguém, com certa naturalidade até.

30) O primeiro benefício é o da satisfação de se compreender e de falar uma língua estrangeira, ainda mais o francês, que considero tão belo. Em segundo, poder ler no original as obras literárias, ter acesso a diversos autores de ensaios e estudos literários e filosóficos. Em terceiro, poder compreender algo dos filmes em francês, muitos de ótima qualidade, clássicos. Ter acesso a jornais, a diversos escritos no universo da internet (ideias diferentes das nossas).

Informante: S8
Sexo: F
Idade: 23
Ano de entrada em Letras-Francês: 2011

1) Minha língua materna é o português.

2) Minha língua materna é o português.

3) À época da inscrição para o vestibular, tinha para mim que o estudo do texto, língua e literatura era minha vocação, pois acreditava ter afinidade com o assunto.

4) Queria estudar literatura e, é claro, pensei que nada seria mais propício do que o francês.

5) Sim, estive na Bélgica.

6) Sim. Além do inglês e do espanhol, gostaria de continuar meus estudos em islandês e alemão, por ter afinidade com a cultura dos países em que se originaram essas línguas, e continuar a estudar holandês, por motivos familiares. Também me interessam o latim e o russo.

7) Quando comecei a colecionar HQs, mais especificamente Astérix e Tintin.

8) Começou em 2004, mas avancei muito pouco. Comecei a estudar com mais regularidade apenas em 2011, mas parei os estudos por dois anos devido a motivos de saúde.

9) Sim. Inglês (20 anos, apenas na escola), espanhol (10 anos, na escola) e holandês, alemão, latim, por pouco tempo, na internet.

10) Apenas do inglês.

11) Percebo claramente. Muitas vezes recorro ao inglês para explicar alguma expressão ou esmo cometo um erro ao falar francês, como dizer “and” no lugar de “et” e “oui”.

12) Italiano. Eu tenho pavor dessa língua. (Desculpe pela sinceridade!)

13) Muito pobre. Tenho problemas em expressar-me com clareza, tenho de recorrer a simplificações para exprimir o que penso, etc.

14) Não sei. Se eu pudesse me aplicar com afinco, creio que em dois anos já estivesse minimamente satisfeita, mas meu cotidiano e vida pessoal são muito instáveis.

15) Não tenho ideia, mas acredito que em ambiente propício (morando num país francófono e tendo um cotidiano que me permitisse me aplicar) levaria cerca de cinco anos para ter um

domínio ultra satisfatório, mas não acredito que seja possível obter um domínio inquestionável de quaisquer línguas, mesmo que seja a minha língua materna.

16) Sim. Nas aulas da USP, em casa, com colegas… Sinto-me muito constrangida em ter de demonstrar meu domínio do francês.

17) Talvez em um período de três anos.

18) Sim. Diversas vezes ao longo da graduação, por sentir-me desmotivada e um tanto perdida, e também pelas complicações pessoais e de saúde.

19) Um pouco. Tenho apresentado uma pequena melhora na produção textual, mas ainda assim me sinto bastante engessada.

20) Não tenho ciência da opinião dos outros, mas creio que meus colegas de turma me julguem medíocre.

21) O professor Z., por apresentar um domínio nativo da língua, e alguns de meus colegas cujo nome desconheço. Tenho dois conhecidos franceses que também representam referências para mim.

22) Em entretenimento e lazer, nos filmes e música, e na faculdade.

23) Nas conversas com meus conhecidos franceses.

24) Raramente. Geralmente essa necessidade se apresenta ao falar com colegas de curso.

25) Sim. Sinto que minha ligação com a língua ~~esteja~~ ~~seja~~ muito fragilizada por conta da minha trajetória instável no curso de Letras-Francês.

26) Não.

27) Português: É minha língua materna!

28) Sim, o tempo todo, com colegas, professores ou mesmo com desconhecidos.

29) Não.

30) Posso entender parcialmente diálogos em filmes, letras de músicas e textos, mas meu domínio é muito pobre.

Informante: S9
Sexo: F
Idade: 30
Ano de entrada em Letras-Francês: 2012

1) Português.

2) Português.

3) Interesse e amor pela literatura, desejo cada vez mais forte de ser escritora. Vontade de relacionar a produção em arte escrita (literatura) com a dança – arte da cena. (sou bailarina, esta é a minha segunda graduação. A primeira foi em Dança – pela Unicamp.).

4) Minha avó estou Letras na Unesp em S. J. do Rio Preto e graduou-se em francês. Elas sempre falou dos romances franceses. Minha irmã casou-se com um rapaz francês – e eu fui estudar dança em Paris por 3 meses. Daí descobri diversos escritos de dança em francês que fiquei com vontade de traduzir. – A dança na França tem uma história e uma produção escrita muito abrangente e antiga.

5) Sim, França.

6) Gostaria de aprender espanhol, porque a família do meu marido é argentina e porque acho a literatura de língua espanhola (a argentina, a chilena) muito bonita também.

7) Na Aliança Francesa de Campinas, durante minha graduação em dança em 2007.

8) Estudei por 6 meses na Aliança Francesa de Campinas (2007). Depois estude 1 mês na Aliança Francesa de Paris (2007). Estudei durante 6 meses num Centro de Línguas da Economia da Unicamp, dirigido por um professor marroquino. Interrompi os estudos e só retornei em 2012, na Letras.

9) Já estudei inglês, na adolescência (por 5 anos), em S. J. do Rio Preto e fiz intercâmbio durante o colegial para os Estados Unidos. Eu gostava da língua e achava importante o conhecimento dela para o mercado de trabalho, etc.

→ em S. J. do Rio Preto numa escola que se chamava London – e fiz até o "1st certificate in English"; no ano de 2013 estudei um pouco para a prova do TOEFL.

10) No inglês, sinto fluente e com pouco dificuldade de entendimento oral e, em geral, na leitura. No entanto, tenho pouco vocabulário e certa dificuldade para escrever.

11) Sim, consigo fazer algumas associações de vocabulário – mas também percebo que o meu inglês também se impregna, num primeiro momento, da estrutura e do vocabulário francês, o que em determinados momentos gera uma confusão.

12) ---

13) Acho que está melhorando. Percebo que minha leitura flui mais, apesar de alguma dificuldade com vocabulário. A estrutura da língua está cada vez mais internalizada.

14) Não sei – é uma língua difícil e às vezes acho que só pela imersão eu me satisfaria.

15) Nunca.

16) Sim, nos momentos de dificuldades na leitura de textos literários ou de notícias. Nos momentos em que afastei dos estudos – o retorno foi penoso.

17) 6 meses.

18) Sim, por conta do trabalho, por achar que o aprendizado é muito demorado, por questionar as razões elas quais eu escolhi estudar francês.

19) ---

20) ---

21) Minha irmã e cunhado, os professores.

22) Em algumas conversas com meu cunhado, nas aulas de francês da faculdade, nas leituras obrigatórias, dos textos literários. Às vezes escuto algum POPCAST da France Culture.

23) Sim, em alguns momentos há palavras francesas que me parecem pertinentes p/ determinadas situações.

24) = [à pergunta anterior]

25) Sim, sempre dá medo de esquecer o francês – não sinto que é algo internalizado/do meu cotidiano.

26) Não.

27) Português – com essa língua consigo me comunicar com as pessoas que eu mais preciso – e consigo ler a literatura de língua portuguesa, que é maravilhosa.

28) Sim, sempre sinto receio, sobretudo com um falante nativo e também na presença dos professores. Fico envergonhada, com medo de errar e as palavras muitas vezes não me ocorrem na velocidade que eu gostaria.

29) Já sonhei – sempre tem algo de fluência em um determinado tempo e depois uma tentativa – sempre uma certa dificuldade.

30) Ampliação do meu universo cultural, possibilidades de entrar em contato com textos ainda não traduzidos, possibilidade de novas associações, de entendimento do próprio português, pois há palavras em francês que ampliam o entendimento de uma palavra em português.

Informante: S10
Sexo: F
Idade: 21
Ano de entrada em Letras-Francês: 2013

1) Português.

2) Português.

3) O gosto pela literatura.

4) Acesso a obras literárias no original e objetivos de viagem a países africanos francófonos.

5) Já estive na França, pretendo ir ao Senegal, à Costa do Marfim e ao Benin.

6) Gostaria de aprender iorubá e wolof.

7) Quando entrei na habilitação.

8) 3 anos.

9) Estudei inglês por 8 anos.

10) Sim, do inglês.

11) No início percebi uma influência negativa com relação à sintaxe (tendia a organizar as frases como no inglês).

12) Não especialmente.

13) Acredito que tenha um francês intermediário. Tenho uma amiga francesa que me avaliou dessa forma.

14) Em mais ou menos 4 anos.

15) Nunca, pois isso só pode acontecer com a língua materna.

16) Sim, em algumas dinâmicas de aula.

17) Não sei.

18) Não.

19) Sim, tenho conseguido conversar com minha amiga francesa.

20) Explicado nas questões 13 e 19.

21) Minha amiga e sua mãe, que são nativas. Entre brasileiros, meu amigo R..

22) Leituras, músicas e filmes.

23) Sim, em algumas palavras ou expressões que derivam do francês.

24) Não, pois tenho pleno domínio da língua materna e gosto especialmente de usá-la.

25) Sim, pois, ao sair da graduação, posso praticar menos, embora essa não seja minha vontade a priori.

26) As pessoas costumam dizer que pareço francesa (provavelmente pelo meu cabelo e minhas roupas).

27) Português, pois acho uma língua linda de escritores geniais e tenho domínio dela.

28) Sim, pois sou muito tímida, principalmente em situações orais.

29) Não.

30) Poder conhecer novas culturas.

Informante: S11
Sexo: M
Idade: 20
Ano de entrada em Letras-Francês: 2013

1) Ambos [os] meus pais têm o português como língua materna.

2) Minha língua materna é o português.

3) Os estudos literários e a teoria literária.

4) Principalmente o acesso a obras literárias no original, mas também eventualmente objetivos de viagem.

5) Já estive na França uma vez, em 2005.

6) Sim, o espanhol e o alemão, pelo acesso a obras literárias e teóricas no original, e o italiano, pela ascendência familiar.

7) Um semestre antes de entrar na habilitação em francês, estudei a língua no Núcleo de Estudos em Línguas estrangeiras da Faculdade de Filosofia.

8) Vem durando quase três anos.

9) Estudei inglês durante onze anos na escola, e pelo período de um ano tentei estudar italiano por conta própria.

10) Tenho ainda um domínio que me é satisfatório do inglês, do italiano, não cheguei a ter um nível satisfatório para mim.

11) Comecei a estudar francês e italiano simultaneamente, e, em termos de vocabulário, por vezes uma remetia a outra, o fato de ter passado pelo “passato prossimo” italiano me ajudou também a compreender as estruturas do “passe composé” francês.

12) Não há nenhuma língua estrangeira específica que não estudaria.

13) Acho que tenho um bom domínio do francês, pelas boas compreensões oral e de leitura que tenho.

14) Em dois anos, para aperfeiçoar fala e escrita.

15) Nunca, pois não sou nativo na língua francesa.

16) Tive no início do aprendizado, por achar o começo da habilitação muito lento no ensino.

17) Acho que em cinco anos.

18) Nunca pensei em desistir de aprender francês.

19) Sim, por conseguir compreender hoje filmes e obras literárias no original que não compreendia há um ano, por exemplo.

20) Em gral, acham um bom domínio, com o que concordo, por achar boa minha pronúncia.

21) Os professores da habilitação, pelo domínio da língua.

22) Fora a faculdade, o francês não está presente em outras atividades do meu cotidiano.

23) Sim, quando por exemplo paro para refletir sobre determinada expressão e palavra, sobre seus significados, o que é relevante no trato com literatura.

24) Em geral, não sinto necessidade, até por achá-la algo pedante.

25) Não, pois tenho boa memória com línguas estrangeiras e pretendo continuar praticando o francês ao menos na leitura.

26) Não os tenho.

27) O português, por ser minha língua materna, falada onde moro.

28) Nunca a senti.

29) Nunca o sonhei.

30) A possibilidade de ampliar meu conhecimento em áreas que gosto e/ou estudo.

Informante: S12
Sexo: M
Idade: 29
Ano de entrada em Letras-Francês: 2013

1) ----

2) ----

3) Gostar muito de literatura e buscar uma carreira como professor.

4) Gostar de autores e cineastas franceses.

5) Já estive na França (somente Paris) e na Bélgica.

6) Gostaria de estudar espanhol, pois o Brasil está rodeado de países onde o espanhol é a língua oficial. É um idioma muito falado, especialmente em nosso continente, e gostaria de me comunicar mais com pessoas de outros países da América Latina.

7) Na USP. Durante o segundo semestre do ciclo básico eu comecei um curso no Cursos Extras da FFLCH.

8) Até agora 3 anos.

9) Estudei inglês entre os 17 e 25 anos, com alguns intervalos.

10) Cheguei a ter um bom domínio do inglês, podendo me comunicar, porém não estive satisfeito. Sinto que deveria continuar estudando. Embora ainda tenha bastante contato com textos em inglês, creio que esqueci muitas regras.

11) Não percebo. Talvez se voltasse a estudar outro idioma (não o francês) hoje eu sentiria influência das aulas de francês.

12) Não penso em nada que me impediria de estudar uma língua.

13) Creio que me falta prática na produção (escrita e oral), pois sinto dificuldade para formular frases, mesmo as mais banais. Estou sempre inseguro e validando se está OK. Na compreensão eu tenho mais confiança.

14) Acredito que em mais 2 ou 3 anos, pois terei estudado mais e feito intercâmbio. Também pretendo começar a dar aulas para os níveis iniciais, o que me forçará a estudar mais.

15) Não sei se terei, mas se sim deve levar muito tempo.

16) Tenho desprazer quando preciso falar algo e não consigo, por exemplo quando um professor questiona algo e não compreendo.

17) Menos de um ano. Tenho memória ruim.

18) Penso em algumas aulas quando me sinto abaixo do nível esperado, ou quando cometo erros que julgo básicos.

19) Sim, pois tenho lido com mais facilidade.

20) -----

21) Em geral professores.

22) Na leitura de livros, alguns sites e filmes.

23) Sim, em palavras similares.

24) Não sinto.

25) Todos os dias a cada erro bobo.

26) Apenas livros e CDs.

27) Português, pois é a minha língua materna.

28) Já senti com professores, e em qualquer circunstância que eu fale com algum nativo. Porém a inibição com professores é maior.

29) Nunca.

30) Poder ler textos no original.

Informante: S13
Sexo: F
Idade: 23
Ano de entrada em Letras-Francês: 2013

1) O português é a língua materna dos meus pais.

2) O português é minha língua materna.

3) Sempre fui apaixonada por literatura.

4) Acesso à fortuna crítica.

5) Não. Pretendo ir para vários países, independentemente da língua de cada um. Nutro interesse especial pelos países africanos.

6) Sim. Alemão e sueco. Alemão pelo acesso à literatura e crítica e sueco por curiosidade, apenas.

7) Na graduação, sala 109, aula do R..

8) Desde o início da graduação.

9) Sim. O inglês e o espanhol, apenas no colégio.

10) Não.

11) Não.

12) Não.

13) Mediano. Consigo compreender bem o que é dito, domino com algumas ressalvas o escrito e leio com facilidade, porém tenho muita dificuldade para me expressar oralmente.

14) Não sei. Tudo depende do meu contato com a língua. De certa forma,me sinto satisfeita com o meu domínio, pois consigo compreender textos críticos em francês.

15) Nunca. Porque não tenho imersão suficiente e não acredito que seja possível dominar inquestionavelmente uma língua.

16) Sim. Pelo contato com professores ruins.

17) Menos de um ano.

18) Sim. Quando me vi com muita dificuldade em alcançar boas notas com a M..

19) Sim. Tenho me sentido confortável com o idioma.

20) Não sei.

21) A M. (que também respondeu esse questionário) e a E., pois as duas falam francês com maestria.

22) Em relacionamentos interpessoais.

23) Sim. Sou professora de português e, em alguns momentos, me percebo fazendo comparações gramaticais entre as línguas.

24) Sim. A palavra boulleversée [sic], por não encontrar uma tradução exata.

25) Não, pois não pretendo parar de estudar o idioma.

26) Sim. Livros, marca-páginas. Todos foram presente de amigos que são franceses ou foram para lá.

27) Português. Sou apaixonada pela minha língua materna.

28) Sim. Em situações nas quais o interlocutor possui um nível muito superior ao meu ou é nativo.

29) Não.

30) Tenho acesso à literatura, cultura e fortuna crítica no original.

Informante: S14
Sexo: F
Idade: 25
Ano de entrada em Letras-Francês: 2013

1) Ambos falam Português, isto é, essa é sua língua materna.

2) Minha língua materna é o Português.

3) Estudo Letras porque desde a infância tenho paixão pelo aprendizado de novas línguas. Ademais, me fascina aprender sobre o fenômeno da linguagem no ser humano.

4) Já havia estudado francês antes de ingressar no curso. O que me levou a escolher Francês foi a beleza da língua, o fato de ela ser o idioma de grandes mestres da História, que tanto nos inspira[m] e por ser um diferencial, profissionalmente falando.

5) Até o momento não tive a oportunidade de visitar nenhum país em que se fala francês, mas pretendo conhecer primeiramente a França, em seguida a Bélgica e a Suíça e o Canadá.

6) Gostaria de me aprofundar cada dia mais no conhecimento das línguas que já aprendi, como o Inglês, o Espanhol, o Italiano e o Alemão; mas se tivesse que aprender um idioma totalmente novo, seria o Hebraico, o Grego ou o Latim (embora a introdução deste último já tenha sido estudada aqui na USP).

7) Meu primeiro contato com o estudo de Francês se deu no programa estadual do “Centro de Estudos de Línguas”, da cidade de Osasco, quando tinha 14 anos.

8) Após concluir o curso do “CEL”, estudei o idioma na FATEC-SP, no curso de Secretariado. O curso do CEL teve a duração de 3 anos e na Fatec foram mais 2 anos.

9) Inglês – Cultura Inglesa Itaim (desde os 15 anos até hoje)

Espanhol – Instituto Cervantes de São Paulo (dos 12 aos 16)

Alemão – FATEC-SP (dos 19 aos 22 anos)

Italiano – Centro de Estudo de Línguas – Osasco (dos 15 aos 16 e meio)

10) A língua Espanhola, talvez pelo fato de ter sido a primeira língua depois do Português. Ainda tenho esse domínio, mas como se trata de um idioma, sei que sempre há algo novo para aprender e aperfeiçoar.

11) Percebo a influência do Italiano de uma maneira mais evidente em relação ao meu aprendizado de Francês. Percebo que muitas estruturas gramaticais são semelhantes e, por isso, sempre comparo os dois idiomas.

12) Não; tenho muita curiosidade quando se trata de aprendizado de idiomas.

13) Sei que há muitos pontos a melhorar. Desejo ter domínio da língua em todos os ambientes, e percebo que em algumas situações ainda não tenho esse domínio.

14) Isso depende do tempo, da disponibilidade para o estudo. Se tudo ocorrer como espero, em uns 2 anos creio que alcançarei meus objetivos, sabendo que sempre precisarei praticar e me atualizar.

15) Inquestionável… Talvez daqui a uns 5 anos.

16) Não, nunca passei por tal situação.

17) Em uns 3 anos, acredito.

18) Não.

19) Devido ao meu trabalho e às demais tarefas do cotidiano, acredito que meu nível é o mesmo de quando fazia o curso integral da Fatec, isto é, um intermediário.

20) Em minha última entrevista disseram que meu nível estava acima do intermediário, mas não concordo, pois há muitos pontos a melhorar.

21) Meu professor, que é nativo, e meu chefe, managing Director, fluente no idioma.

22) Sou secretária executiva; portanto em alguns momentos é possível estabelecer um contato com a língua. Sou musicista, razão pelo qual ouço muitas canções em francês. Nas minhas horas vagas, vejo canais como a TV5 e ouço programações de rádio francesas.

23) Sim, principalmente empréstimos do francês.

24) Não as uso, mas nunca me questionei sobre o motivo. Talvez porque não esteja inserida num ambiente em que a língua seja priorizada (exceto no meu curso, obviamente).

25) Não tenho receio, quero trabalhar para que minhas competências se ampliem a cada dia, mas se por alguma razão eu as perder, o importante é que estudei o que gostava.

26) Sim, tenho chaveiros, camisetas, bolsas e uso wallpapers que remetem à França (Arco do Triunfo, Rio Senna, Torre Eiffel, etc).

27) Sinceramente, creio que seria o inglês, por ser o idioma considerado universal, além de ser uma língua que também gosto muito.

28) Atualmente me sinto inibida em sala, sinto que há pessoas com um nível que eu julgo superior ao meu.

29) Sim, há mais ou menos 6 meses, acredito. Me lembro porque foi a única vez. Foi muito interessante, pois quando acordei, parecia que tinha falado tudo corretamente.

30) Meu crescimento pessoal, minha vontade de ser alguém com o máximo de conhecimento possível, que me impulsiona a lutar dia após dia. “Tudo vale a pena se a alma não é pequena”. (Fernando Pessoa)

Informante: S15
Sexo: F
Idade: 23
Ano de entrada em Letras-Francês: 2013

1) Eles têm o português como língua materna.

2) ---

3) As razões que me levaram a estudar foram: gostava e tinha certa facilidade na escola com a matéria de português, redação e literatura. Fiz cursinho pré-vestibular e lá tive professores bons de humanas, como os de literatura, redação e história. Pensava em ser jornalista e achei que letras seria um bom caminho pra isso. Hoje já mudei de planos.

4) Não tive nenhum objetivo especial, tive a oportunidade de fazer dupla habilitação e então pensei em aproveitar. Dentre as línguas oferecidas não queria inglês porque é uma língua que pra mim (minha subjetividade) soa feio e carrega vários sentidos. Fiquei em dúvida entre o francês e o russo, achava o francês bonito e russo ouvi dizer que era difícil.

5) Nunca estive. Pretendo, mas não é algo que desejo/necessito. Pra França, pra algum país da África ou América Central.

6) Sim, alemão. Porque é uma língua muito racional que possui palavras que por si só apresentam conceitos profundos ou até filosóficos.

7) Na faculdade.

8) 2 anos e 3 meses.

9) Já estudei inglês. Numa escola de línguas. Por 6 anos.

10) Sim. Satisfez-me no sentido de ser útil para minha formação escolar e conclusão da mesma. Também para o vestibular. Mas não me satisfez além da utilidade porque eu não me comunicava com ela além do curso, durante a aula, não relacionava co os outros falando inglês. Foi um inglês instrumental, o que é comum hoje. Não tenho mais domínio, parei de estudar e praticar.

11) Não percebo.

12) Não.

13) Penso que tenho dificuldades sobretudo no domínio oral do francês. Porque demoro pra pensar em francês e manifestar o pensamento, ou seja, isso dificulta na hora de formular frases em francês e exprimi-las oralmente. Em relação às notas/avaliações, nunca fui excelente, considero-me mediana.

14) Não sei, acredito que terei um domínio do francês que satisfaça quando for capaz de conversar naturalmente, sem muito esforço, e isso talvez só seja possível na prática cotidiana, em intercâmbio por exemplo.

15) Não sei, 10 anos morando em um país francófono, talvez.

16) Sim. Quando ia mal nas provas mesmo estudando razoavelmente. Ou quando percebi que a maioria da minha sala tinha mais familiaridade com o francês do que eu.

17) Uns 2 anos.

18) Quase. Mas não, porque eu não gosto de interromper algo que comecei. Por mais que tivesse ou tenho dificuldade, não quero desistir de uma língua estrangeira porque sei que as dificuldades são inevitáveis, e elas variam de grau dependendo das circunstâncias (socioeconômicas, por exemplo) do aluno.

19) Sim. Porque conforme os semestres foram passando fui me sentido mais à vontade com a língua, tanto em relação à compreensão, escrita e oralidade.

20) Não sei muito da opinião que elas têm sobre isso.

21) Alguns professores e colegas da sala. Ou porque demonstram familiaridade com a língua ou porque aparentam realmente gostar do francês.

22) Na faculdade, algumas atividades de lazer, como música e filme, e no interesse filosófico/sociológico/literário em alguns autores.

23) Sim. Algumas palavras que já fazem parte do nosso imaginário mas que têm origem francesa.

24) Sim, às vezes. Quando brinco com algumas pessoas mais próximas ou quando quero expressar algo que não tem tradução exata no português.

25) Não. Não sei qual será a situação futura nem sei como será/terá sido minha relação com o francês.

26) Não.

27) Português. Porque foi a língua que me formei [sic], ela faz parte de quem eu sou e como me identifico, de qual grupo sociocultural tenho origem e a qual o presente se move. Não consigo me imaginar não falando português, não pensando e interagindo em português.

28) Sim. Em algumas aulas que rolava uma certa pressão da professora (não por mal, por método), que ficava evidente minhas dificuldades em falar, elas eram acentuadas por causa dessa pressão (ou como eu enxergava como pressão).

29) Não.

30) Sinto os benefícios de conhecer uma língua e adentrar no seu mundo, na sua cultura, no seu imaginário, na sua história, ou seja, de tudo que há de fascinante acerca de uma língua, que tem muito menos a ver com a redução dela em mero desenvolvimento de habilidades e competências, em domínio técnico da língua.

Informante: S16
Sexo: F
Idade: 26
Ano de entrada em Letras-Francês: 2008

1) ----

2) ----

3) A vontade de aprender outra língua, as suas nuances e variantes, além do interesse pela literatura.

4) Interesse pela língua e cultura, vontade de viajar e conhecer outras culturas francofônicas, que são muitas. Saber francês permite a comunicação em muitos países da África, América e Europa.

5) Sim. França, Marrocos e Argélia.

6) Sim, me interesso muito por outras línguas. Além do francês, inglês, espanhol e um pouco de catalão, talvez o italiano seja o próximo objetivo.

7) Na Letras em 2008, mais especificamente no NELE, com aulas extra-curriculares.

8) 8 anos.

9) Sim. Comecei inglês aos 11 anos e comecei a dar aulas aos 17. Além disso, aprendi o espanhol quando decidi viver em Barcelona, por 2 anos e meio.

10) Sim. Espanhol, a partir de minha vivência na Espanha e inglês por tanto tempo de estudo. Mas pelas aulas na universidade, creio que o francês é a língua que mais domino. (ter um namorado francês por um ano também ajudou no processo de aprendizagem)

11) Quanto mais línguas dominamos, mais fácil se torna o aprendizado de um outro idioma. Além da abertura de vernáculo e possibilidades de pensamento.

12) Não saberia dizer. Me interesso por todas.

13) Creio que o tenho bastante fluente pela minha recente vivência no país, porém a busca para aperfeiçoá-lo a nível de pronúncia e vocabulário é eterna.

14) Sempre aprenderemos. A pronúncia de uma língua estrangeira é um desafio eterno.

15) Vivendo num país que fala francês, falando todos os dias durante 20 anos, ainda se poderia reconhecer um resquício de sotaque.

16) Não.

17) Não poderia dizer. Já a tenho interiorizada e não vejo o fim do contato com a língua em meu futuro.

18) Não.

19) Sim. Sigo lendo e estudando. Tenho muitos amigos com quem sigo em contato.

20) Sempre ouvi elogios quanto ao meu francês, apesar de inúmeras piadas com equívocos.

21) Alguns professores da Letras.

22) Na universidade, nos estudos teatrais, nas conversas com amigos de lá.

23) Sim, muitas palavras do português de origem parecida.

24) Sim. Muitas expressões são intraduzíveis e cabem em situações diversas. N'importe quoi por exemplo.

25) Não. Seguirei estudando até seguir me interessando.

26) Sim. Muitos livros, roupas, fotos.

27) Português. Por ser a que melhor me serve para expressar-me.

28) Sim. Diante de franceses depois de passar muito tempo sem praticar.

29) Não me lembro.

30) A possibilidade de me comunicar em diversos países. Assim como o inglês e o espanhol.